

Perspectivas para a agropecuária

Volume 7 – Safra 2019/2020

BRASÍLIA, 2019



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Diretoria de Política Agrícola e Informações
Superintendência de Gestão da Oferta

Perspectivas para a agropecuária

Volume 7 – Safra 2019/2020



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2019 – Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: < <http://www.conab.gov.br>>
Impresso no Brasil
ISSN: 2318-3241

Responsáveis Técnicos: Wellington Silva Teixeira e Rodrigo Gomes de Souza
Colaboradores: Fernando Gomes da Motta, João Figueiredo Ruas, Leonardo Amazonas,
Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior, Thomé Luiz Freire Guth, Wander Fernandes de Sousa,
Bruno Pereira Nogueira.
Editoração: Superintendência de Marketing e Comunicação – Sumac / Gerência de Eventos e
Promoção Institucional - Gepin
Diagramação: Guilherme Rodrigues
Normalização: Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843.

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

338.5
C737r

Companhia Nacional de Abastecimento.
Perspectivas para a agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento – v.1
– Brasília : Conab, 2013-
v.

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

ISSN: 2318-3241

Anual

1. Produção agrícola. 2. Custo de produção. 3. Comércio interno. 3. Comércio
externo. I. Título.

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento
Superintendência de Gestão de Oferta
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6240
<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br



SUMÁRIO

Apresentação	07
Perspectivas econômicas	
1. Introdução	08
2. Cenário mundial	08
3. Cenário doméstico	11
4. Resumo conclusivo	13
Algodão	
1. Introdução	15
2. Panorama internacional	16
3. Panorama nacional	19
4. Perspectivas para a próxima safra	22
5. Considerações finais	26
Arroz em casca natural	
1. Introdução	28
2. Panorama internacional	29
3. Panorama nacional	33
4. Perspectiva para a próxima safra	38
5. Considerações finais	41
Carnes	
1. Introdução	42
2. Mercado internacional	43
3. Mercado interno	47
4. Mercado externo	51
5. Perspectivas para 2020	53
Feijão	
1. Introdução	57
2. Panorama internacional	58
3. Panorama nacional	59
4. Perspectivas para a temporada 2018/2019	64
5. Considerações finais	67
Milho	
1. Introdução	70
2. Panorama internacional	71
3. Panorama nacional	76
4. Perspectivas para a próxima safra	79
5. Considerações finais	83
Soja	
1. Introdução	85
2. Mercado internacional	86
3. Mercado nacional	92

APRESENTAÇÃO



A agropecuária brasileira tem se consolidado como uma das maiores provedoras de alimentos para o mundo, alcançando sucessivos recordes de produção e utilizando as mais altas tecnologias e práticas que buscam a sustentabilidade em um dos setores que mais contribuem para o desenvolvimento econômico do país.

Mais uma considerável etapa deste sucesso progressivo inicia-se no último quadrimestre de 2019, com o plantio da primeira safra 2019/20 em todo o Brasil. Neste sentido, a Conab apresenta as Perspectivas para a Agropecuária com o objetivo de auxiliar o produtor rural na tomada de decisão, visando garantir maior rentabilidade em sua atividade.

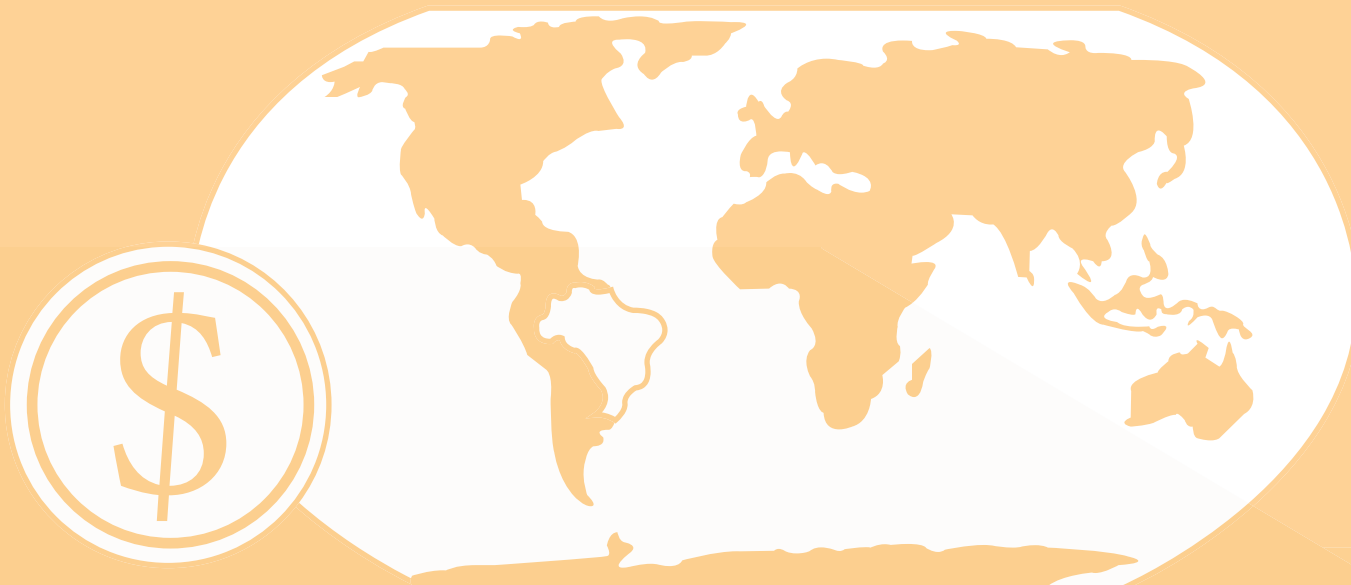
Este trabalho analisa a influência que aspectos macroeconômicos e geopolíticos, problemas de infraestrutura, questões conjunturais e custos de produção exercem sobre as atividades de produção, consumo e comercialização de alguns dos principais produtos brasileiros, tais como algodão, arroz, carnes, feijão, milho e soja. Dentre os mais diversos fundamentos mercadológicos apresentados, merecem destaque a guerra comercial entre China e Estados Unidos e seus impactos sobre os preços e as exportações nacionais, as interferências do tabelamento de fretes no escoamento da safra e a relevância da questão cambial sobre os custos de produção.

A partir desta leitura, o produtor e demais agentes da cadeia de suprimentos poderão se municiar de relevantes informações que, além auxiliarem na mitigação de alguns riscos inerentes à atividade agropecuária, sejam capazes de elevar seus ganhos.

Rodrigo Gomes de Souza

Superintendência de Gestão da Oferta

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS



1. Introdução

As relações econômicas e comerciais são o motor do desenvolvimento humano no mundo moderno. A produção de qualquer bem ou serviço representa o estabelecimento dos processos de trabalho, trocas e consumo. Dessa maneira, o conhecimento dessas relações é imperativo na elaboração de cenários produtivos. Isso posto, esta análise apresentará as possibilidades de comportamento de algumas variáveis da economia mundial e brasileira como taxa de crescimento, níveis de consumo e taxas de câmbio, posto que essas variáveis e as expectativas são fundamentais para a tomada de decisão dos produtores e agroindústrias. Cabe lembrar que é a partir das expectativas que as pessoas adotam disposições de gastar ou poupar, as empresas decidem investir ou não e os mercados definem seus preços.

Além disso, as percepções equivocadas de sinais econômicos podem ser muito perniciosas ao agente de mercado, na programação de investimentos, de modo que a avaliação de cenários adversos é a melhor maneira de mitigar os riscos de uma projeção desatenta de eventos econômicos.

Isso posto, esta breve avaliação será dividida em três partes, quais sejam: cenário mundial, cenário doméstico e uma revisão dos resultados. Dessa maneira, essas informações macroeconômicas serão balizadoras dos estudos focais para cada produto agropecuário alvo deste compêndio de análises nos demais capítulos.

2. Cenário mundial

Antes de apresentar as expectativas agregadas da economia mundial, é mandatório destacar quais são os motivos que justificam o olhar críticos sobre as variáveis econômicas

analisadas.

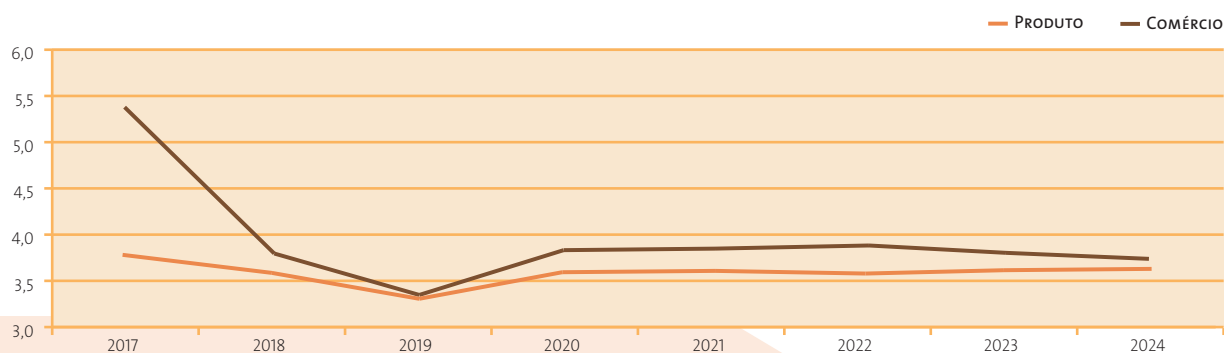
Frequentemente, o Produto Interno Bruto (PIB) é a primeira variável a ser observada pelos economistas durante a avaliação de como uma economia se comporta. A justificativa para isso é o fato de o PIB ser o somatório monetário de todos os bens e serviços gerados internamente em um país. Um PIB em crescimento vigoroso indica aumento contínuo dos valores da produção de bens e serviços de um determinado país sob análise, mas, importante ressaltar, não indica alocação equitativa de recursos e renda entre a população. Contudo, não é objetivo deste estudo caracterizar as melhores maneiras de medir desenvolvimento ou crescimento econômico, mas sim lançar a hipótese de que o comportamento do PIB será adotado como uma *proxy* adequada para medir o potencial aumento ou recuo de consumo de commodities agrícolas.

Outra variável que receberá destaque neste estudo será a qualidade da liquidez monetária nos países. A avaliação da política monetária permite a compreensão de como os diversos países gerenciam o poder de compra de suas moedas, a gestão da arrecadação tributária e a formação do ambiente propício ao investimento via juros. Estas variantes impactam diretamente o consumo agregado e a concorrência comercial.

No Gráfico 1, é possível observar, com suporte dos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), o comportamento e expectativas do crescimento econômico global e a evolução do volume de comércio entre os países. O primeiro fato de destaque é o volume comercializado interpaíses. Esse número sofre, ano após ano, uma redução significativa nas variações percentuais desde 2017, porém poderá subir modestamente em 2020 e manter-se estável a partir de 2021.

Uma justificativa para esse desempenho foi o arrefecimento da economia chinesa na última década. Cabe destacar que a China provavelmente apresentará, em 2019, uma das menores taxas de crescimento econômico dos seus últimos 27 anos, aproximadamente 6% no ano. Entretanto, os primeiros sinais de recuperação ou fim do ajuste negativo do ritmo de crescimento chinês já são observados. É imperioso destacar que, conforme dados do governo chinês, ponderamos que os números do crescimento da produção industrial e do comércio varejista chinês apresentam, atualmente, um crescimento superior em mais de um ponto percentual ao observado no mesmo período de 2018, fato que viabiliza taxas de crescimento sustentáveis.

Gráfico 1.
Taxa de crescimento do PIB e var. do volume do Comércio mundial em %

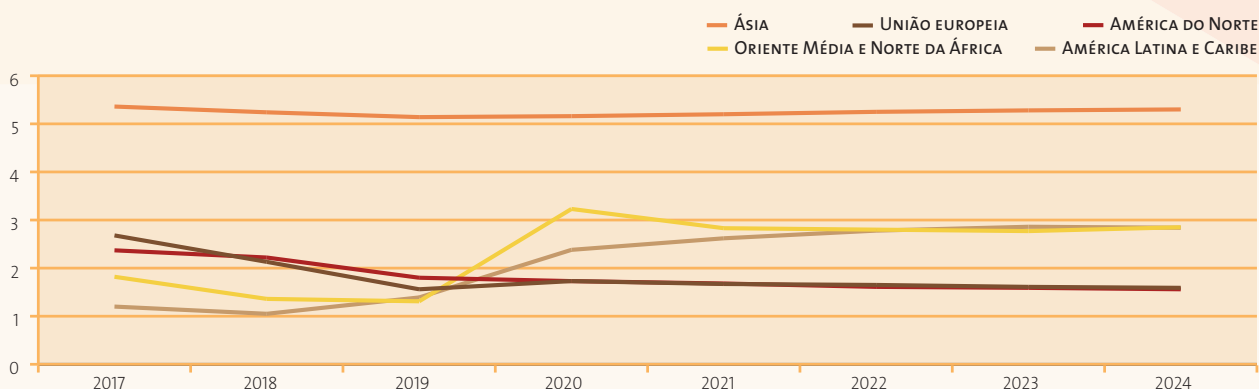


Fonte: FMI

No Gráfico 2 é possível avaliar as taxas de crescimento do PIB de grupos de países organizados em localização continental. A média dos países da América do Norte e Europa indica menor crescimento em 2020. Os blocos dos países asiáticos deverão seguir com taxas de crescimento elevadas comparativamente às demais regiões do globo, contudo, a América Latina mais o Caribe e países do Oriente Médio deverão apresentar um forte incremento em suas taxas de crescimento para o próximo quinquênio, segundo dados do FMI. Neste aspecto, o potencial de novos mercados consumidores de commodities agrícolas e energéticas é bastante pujante na América Latina e em países árabes.

É importante destacar que a taxa de crescimento não representa níveis absolutos superiores de consumo ou demanda, e sim que existe uma aceleração maior, comparativamente, destas variáveis nestas regiões. Um investidor ou exportador de commodities ávido por investir em novos mercados terá nessas regiões maiores chances de sucesso.

Gráfico 2.
Taxa de crescimento do PIB por regiões continentais em %



Fonte: FMI

3. Cenário doméstico

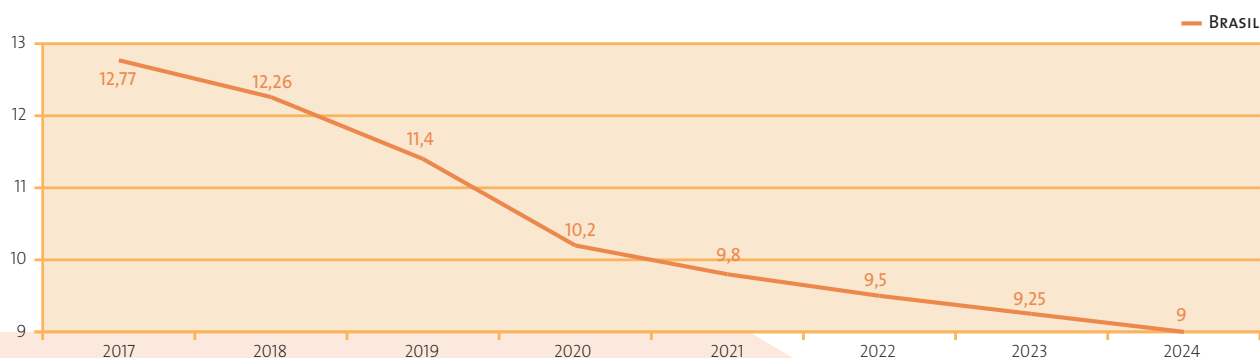
As projeções das variáveis macroeconômicas são baseadas em diversos aspectos estruturais da economia, da política e até mesmo de movimentos inerciais. Contudo, a proposta deste estudo é apresentar o consenso que balizará as decisões dos principais setores produtivos, e não lançar uma proposta de avaliação de tendência e ajustes econômicos. Desta maneira, as estimativas apresentadas foram aglutinadas e abalizadas a partir da fonte de órgãos oficiais governamentais e instituições de grande porte de pesquisa, além da percepção dos analistas da Conab.

Uma das mais importantes variáveis a serem discutidas neste trabalho é a taxa de desemprego. Este importante indicador necessita ser analisado para avaliar a saúde de uma economia aberta, uma vez que o percentual de pessoas que buscam emprego, mas não conseguem participar do mercado de trabalho formal pode representar uma pressão negativa nos índices de consumo ou um indicativo de ocorrência de barreiras ao empreendimento privado e, posteriormente, um impedimento ao crescimento econômico sustentável. É comumente aceito pelos economistas que o PIB pode responder positivamente a choques de oferta e demanda, mas não sustenta um crescimento duradouro se o fator de produção, neste caso a mão de obra, estiver ocioso devido a fatores estruturais. Por outro lado, alguns analistas acreditam que o desemprego indica a existência de algum potencial de crescimento, sem pressionar preços, se estes mesmo fatores forem empregados junto com novos investimentos.

O Gráfico 3 apresenta as projeções do nível de desemprego brasileiro elaborado pelo FMI. Segundo o Fundo, o nível de emprego no Brasil deverá manter um nível crescente de aproximadamente 1 p.p. ao ano em 2020 e 2021, sendo tal fator baseado nas expectativas de aumento da confiança do setor privado e dos investidores estrangeiros motivados pelas reformas econômicas e ajuste fiscal prometido pelo governo brasileiro.

Neste cenário, conforme indicado pelo FMI, as perspectivas dos riscos de mercado tendem a diminuir e, por consequência, aumentar o investimento e a contratação de mão de obra. A justificativa, via teoria das expectativas racionais, conforme explicado pela Crítica de Robert Lucas debatida na década de 80 pelos economistas, é fundamentada no fato de que os agentes do mercado incorporam, em suas projeções, todas as informações e os ajustes necessários no novo ambiente de política econômica apresentado, que neste caso refere-se à percepção do controle dos gastos públicos que o atual governo se propôs a realizar, o que permitirá a redução das barreiras estruturais para aumentar o investimento e facilitará o consumo das famílias.

Gráfico 3.
Taxa de desemprego, % da mão de obra disponível



Fonte: FMI

De acordo com o Gráfico 4, o registro de crescimento econômico, divulgado trimestralmente pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), apresentou um ponto de reversão da queda no segundo trimestre de 2016, uma inflexão no final de 2017 e uma nova reversão no terceiro trimestre de 2018. Esse indicador sugere que a economia nacional segue em um novo processo de ajuste da atividade econômica. Cabe destacar que é acordo e acolhido pela maioria dos analistas econômicos a presença de um hiato de produto provocado pela ociosidade industrial gerada durante a crise econômica nos anos 2016 e 2017.

Gráfico 4.
Taxa acumulada em 4 trimestres em %



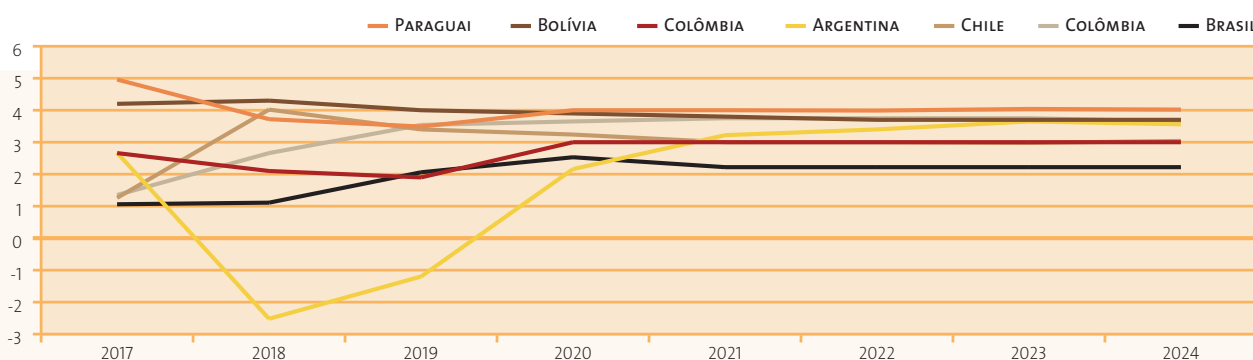
Fonte: IBGE

Neste ambiente, as expectativas dos economistas é de que o crescimento brasileiro siga em taxas crescentes em 2020, ou seja, existe a probabilidade de que os investimentos privados sigam em crescimento por mais um ano sem exercer pressões inflacionárias na economia. Contudo, alternativamente a esse cenário de crescimento, o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) publicou, em 2018, um estudo em que sugeriu que a demanda por recursos públicos será reduzida em anos vindouros, pois um aumento seria inconsistente com um incremento da Taxa de Juros Real de Longo Prazo (TJRLP). Neste caso, é sugerido que uma pequena elevação da TJRLP, ao se aproximar das taxas de mercado, indica que a dinâmica da demanda por recursos públicos seria dada pelo aumento autônomo do investimento privado.

O FMI possui análise semelhante, mas sugere que a taxa de crescimento brasileiro será menor em 2021 e passará por uma acomodação, posto que o fundo não acredita que ocorrerá um incremento no investimento em capital tecnológico e humano, pois a prioridade do ajuste é recuperar o hiato do produto.

Um fato relevante e que chama atenção é que a expectativa do crescimento brasileiro, segundo o Fundo, é o menor comparativamente à países vizinhos selecionados da América do Sul, inclusive em relação à Argentina, que sofre uma forte contração de demanda devido às políticas mais rígidas para conter desequilíbrios econômicos, conforme observado no Gráfico 5. Assim, o crescimento da América Latina deverá ser de 2,4% em 2020, se a estabilização e recuperação financeira na Argentina e Brasil se concretizar. Portanto, é durável, embora moderado, a expectativa de crescimento no Brasil, uma vez que a rigidez estrutural, os termos de troca e os desequilíbrios fiscais pesam muito sobre as perspectivas agregadas.

Gráfico 5.
Taxa de crescimento do PIB em %



Fonte: FMI

3.1. Câmbio

O dólar é a moeda globalmente aceita nas transações comerciais internacionais, dessa maneira, o acompanhamento da sua cotação é fundamental para a programação dos negócios e do fluxo de caixa das empresas e indústrias no contexto de uma economia aberta. Neste aspecto, o planejamento dos custos e projeções de cenários para as receitas, assim como a definição do *mark-up*, passam constantemente pelo acompanhamento sistemático das cotações do dólar.

É necessário destacar que o preço da moeda estrangeira, ou seja, sua cotação em moeda nacional, é determinado por fatores de mercado, isto é, a procura e a oferta definem o seu preço como sucede com qualquer outro bem comercializável. Assim, compete lembrar, o fluxo de moeda estrangeira no país ocorre via venda ou compra de produtos nacionais por exportação e importação, receita ou pagamento de juros e recebimento ou envio de moeda por investidores. Neste aspecto, toda a discussão sobre o crescimento econômico oferece auxílio na elaboração da análise sobre o câmbio futuro.

Ainda nesta proposta, um possível aumento da confiança do investidor estrangeiro nas instituições nacionais e um possível ajuste das contas públicas deverão facilitar a eleva-

ção do fluxo de capital monetário ao longo de 2019 e 2020. Por outro lado, o fluxo comercial de commodities deverá se manter estabilizado. Nesse cenário traçado pelos economistas, *ceteris paribus*, o câmbio projetado para 2020 (fim do período) é R\$3,80, conforme sancionado pelo BCB em agosto de 2019.

4. Resumo conclusivo

O comércio mundial (commodities e demais bens) deverá se estabilizar em 2020 após redução de fluxo comercial motivado pelo arrefecimento do crescimento Chinês e conflitos comerciais.

A economia global deverá apresentar um aumento na taxa de crescimento em 2020 de apenas 0,24 p.p., e deverá ser de 3,61%.

A média das taxas de crescimento de economias do Oriente Médio deverá apresentar um vigoroso crescimento econômico comparativamente a anos recentes. Por outro lado, economias da América do Norte deverão reduzir suas taxas de crescimento médio.

O Brasil deverá crescer aproximadamente 2,5% em 2020.

O preço do dólar esperado pelo mercado para 2020 é de R\$ 3,80.



ALGODÃO

BRUNO PEREIRA NOGUEIRA



Foto: Martha Helena Macedo.

1. Introdução

Além de ser a mais importante fonte de fibra natural como matéria-prima da indústria têxtil, o algodão é um produto de extrema importância sócio-econômica para o Brasil. Toda a cadeia produtiva em torno do algodão (têxtil, alimentação animal e humana, moda, entre outras) é uma importante fonte de renda e empregos, que faz do Brasil o detentor da maior cadeia integrada do ocidente, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).

O Brasil também ocupa uma posição de destaque em relação à produção e comercialização da pluma de algodão. De acordo com o ranking ordenado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), o país assumiu nessa temporada de 2018/19 o posto de segundo maior exportador do mundo, atrás apenas dos EUA. Já em relação à produção, ocupa a quarta posição.

O escopo deste presente trabalho é analisar o panorama do mercado nacional e internacional de algodão, com o objetivo de levar as informações de mercado e suas análises ao tomador de decisão, ou seja, o produtor rural, possibilitando a esse o respaldo para que tome suas decisões com mais acuidade. Especificamente, o intuito é antever possíveis panoramas do mercado no que tange ao ano-safra 2019/20. Serão feitas análises dos mercados nacional e internacional, separadamente, para depois finalizar com a análise de perspectiva baseada em projeções das questões macroeconômicas que afetam o mercado desta fibra.

2. Panorama internacional

2.1. Oferta e demanda mundial

De acordo com estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de julho, a produção mundial de pluma estimada para a safra 2018/19 é de 25,98 milhões de toneladas. Já a projeção para a safra 2019/20 é de uma produção de 27,39 milhões de toneladas, resultado que significaria um aumento de 5,4% no volume produzido. Quanto ao consumo global de algodão, estima-se para o fechamento da safra 2018/19 um consumo de 26,36 milhões de toneladas. Para 2019/20, a projeção é de um consumo de 27,06 milhões de toneladas, aumento de 2,6%.

Apesar do crescimento significativo de quase 6% na quantidade produzida, o aumento no consumo faria com que o quadro de suprimento apresentasse um *superavit* de 1,2%. Como pode ser visto na Tabela 1, o mercado sairia de um estoque final de 19,64 milhões de toneladas em 2015/16 para 17,51 milhões de toneladas em 2019/20, ou seja, num patamar ainda 14,3% inferior ao de quatro anos-safra atrás.

Tabela 1.
Suprimento mundial de pluma - em mil toneladas

DISCRIMINAÇÃO	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19	2019/20*
1. Estoque Inicial	23.266	19.636	17.485	17.623	17.258
2. Produção	20.397	23.227	26.951	25.980	27.387
3. Importação	7.717	8.207	8.931	9.107	9.607
4. Suprimento Total (1+2+3)	51.380	51.070	53.367	52.710	54.252
5. Consumo	24.655	25.296	26.710	26.361	27.056
6. Exportação	7.546	8.244	8.931	8.940	9.613
7. Demanda Total (5+6)	32.201	33.540	35.641	35.301	36.669
8. Estoque Final	19.636	17.485	17.623	17.258	17.509

Fonte: USDA (07/2019)
Legenda: (*) Estimativa

Detalhes do último relatório de oferta e demanda do Usda pode ser visto no Tabela 2, a seguir. Em relação à produção, os destaques são para os EUA, em que a safra deve ser a maior em 15 anos, e para a Índia, que vão majorar suas produções de 19,8% e 9,4%, respectivamente. Quanto ao consumo, é importante salientar o crescimento da China, Vietnã e Bangladesh. Pelo fato desses três serem os principais importadores mundiais, o aquecimento de suas demandas afeta positivamente o mercado de algodão mundialmente.

China, Vietnã e Bangladesh deverão aumentar o volume importado, segundo o Usda, no período 2019/20, quando comparado à safra anterior. O destaque fica para a retomada das compras chinesas: estima-se que a China deverá importar 2,29 milhões de toneladas, crescimento de 13,5% em relação à safra anterior. Isso deve ocorrer apesar dos leilões de suas reservas estatais começaram em abril, e que tem a meta de vender 1 milhão de toneladas até setembro.

Também de acordo com a Tabela 2, constatamos que o Brasil, apesar de se encontrar na quarta posição dos maiores produtores, acaba de alcançar o posto de segundo maior exportador de pluma do mundo. O país ultrapassou a Índia, que apesar de ser o maior produtor mundial, consome cerca de 90,0% de sua produção.

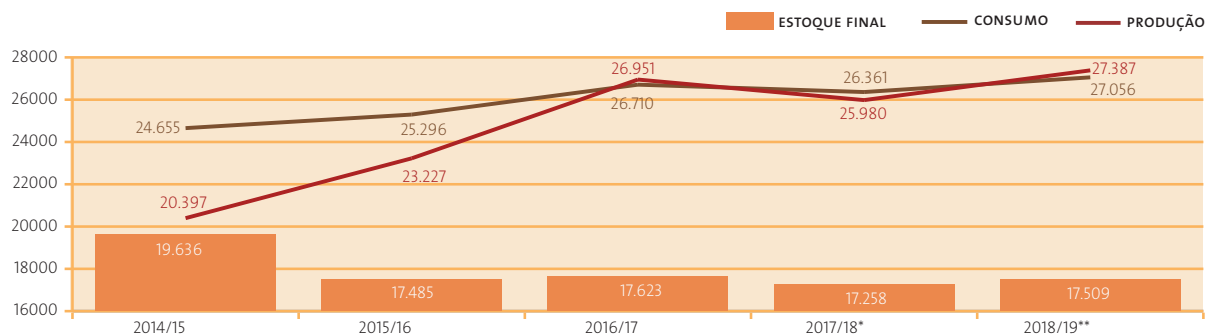
Tabela 2.
Suprimento mundial de pluma - principais países - em mil toneladas

PRODUÇÃO	(A) 2018/19	(B) JUNHO 2019/20	(C) JULHO 2019/20	C/D %	C/A %
Índia	5.770	6.205	6.314	1,8%	9,4%
China	6.042	6.042	6.042	0,0%	0,0%
Estados Unidos	3.999	4.790	4.790	0,0%	19,8%
Brasil	2.787	2.613	2.613	0,0%	-6,2%
Paquistão	1.676	1.742	1.742	0,0%	3,9%
Total	25.980	27.286	27.388	0,4%	5,4%
CONSUMO	(A) 2018/19	(B) JUNHO 2019/20	(C) JULHO 2019/20	C/D %	C/A %
China	8.600	8.927	8.818	-1,2%	2,5%
Índia	5.443	5.508	5.552	0,8%	2,0%
Paquistão	2.308	2.330	2.330	0,0%	1,0%
Vietnã	1.546	1.633	1.655	1,3%	7,1%
Bangladesh	1.546	1.807	1.611	-10,8%	4,2%
Total	26.361	27.275	27.057	-0,8%	2,6%
IMPORTAÇÃO	(A) 2018/19	(B) JUNHO 2019/20	(C) JULHO 2019/20	C/D %	C/A %
China	2.014	2.286	2.286	0,0%	13,5%
Vietnã	1.524	1.655	1.698	2,6%	11,4%
Bangladesh	1.502	1.807	1.589	-12,1%	5,8%
Indonésia	653	697	718	3,0%	10,0%
Paquistão	631	631	653	3,5%	3,5%
Total	9.016	9.741	9.605	-1,4%	6,5%
EXPORTAÇÃO	(A) 2018/19	(B) JUNHO 2019/20	(C) JULHO 2019/20	C/D %	C/A %
Estados Unidos	3.157	3.701	3.701	0,0%	17,2%
Brasil	1.350	1.785	1.742	-2,4%	29,0%
Índia	827	1.045	958	-8,3%	15,8%
Austrália	784	392	392	0,0%	-50,0%
Total	8.939	9.743	9.613	-1,3%	7,5%
ESTOQUE FINAL	(A) 2018/19	(B) JUNHO 2019/20	(C) JULHO 2019/20	C/D %	C/A %
China	7.701	6.857	7.184	4,8%	-6,7%
Brasil	1.571	2.718	2.674	-1,6%	70,2%
Índia	1.834	1.649	1.943	17,8%	5,9%
Estados Unidos	1.089	1.393	1.459	4,7%	34,0%
Total	16.259	16.820	17.510	4,1%	7,7%

Fonte: USDA (07/2019)

Já no Gráfico 1, pode-se visualizar o comportamento das principais variáveis do mercado mundial do algodão nos últimos cinco períodos. Comparando com 2015/16, percebe-se uma queda no volume dos estoques. Isso ocorreu diante da reversão da política de estoques públicos da China, que adquiriu grande quantidade de pluma com a estratégia de proteger sua indústria. Depois de 2016, essa política agressiva foi mitigada e, atualmente, a China já se desfez de muito produto por meio de leilões públicos, e, com isso, a relação estoque-consumo diminuiu, fator que impactou positivamente nos preços.

Gráfico 1.
Disponibilidade de pluma no mercado mundial (mil t)



Fonte: USDA (07/2018)
Nota: *Estimativa
**Projeção

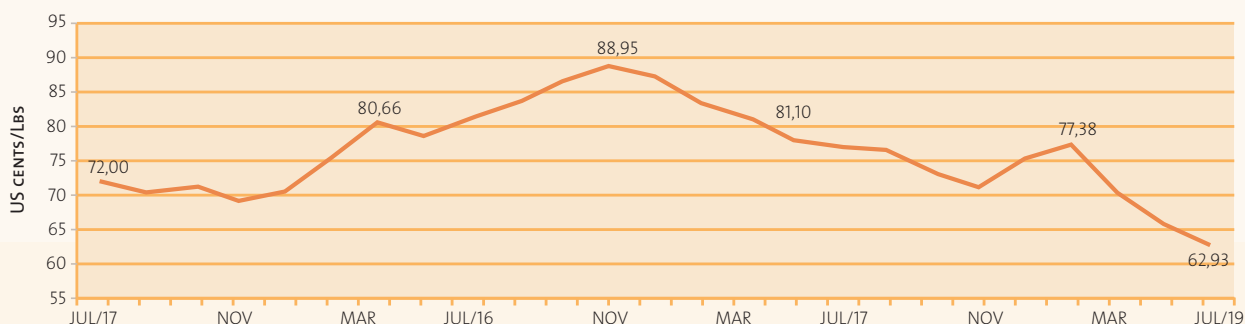
2.2. Preços internacionais

Como na maioria das commodities, o quadro de oferta e demanda mundial é fundamental para a análise da trajetória dos preços, sendo a disponibilidade do produto fator primordial para tal diagnóstico. Como pode ser visto no Gráfico 1, depois de um período de consumo descolado da produção, desde o final da safra 2017/18 o mercado vive um processo de ajuste entre as duas variáveis. Esse fator, claro, afeta diretamente os preços. No Gráfico 2, pode-se visualizar a trajetória descendente nos preços da pluma na Bolsa de Nova Iorque desde meados de 2018.

Com a boa produção global de algodão na safra 2017/18, que gerou um *superavit* de 0,9%, os preços começaram a ceder em junho de 2018. Somado a isso, tem-se a desvalorização do petróleo, fator que também impactou negativamente os preços, pois é matéria-prima para as fibras sintéticas, concorrentes da fibra do algodão. Na semana encerrada em 26/06/2018, o petróleo Brent futuro estava cotado em US\$ 79,44 o barril, já no último dia útil de 2018, o barril estava cotado em US\$ 57,06, queda de 28,2%.

Além das questões sobre a desvalorização do petróleo e o *superavit* da produção global no período, a disputa comercial entre os Estados Unidos da América e a China também afetaram negativamente as cotações, uma vez que prejudica os norte-americanos, maiores exportadores do mundo. O conflito se iniciou no final de março de 2018, quando o presidente Donald Trump anunciou uma lista de produtos chineses a serem sobretaxados. Em resposta, o governo chinês impôs tarifas a uma lista de produtos norte-americanos, incluindo o algodão, produto exportado em grande volume dos EUA para a China.

Gráfico 2.
Cotações algodão - ICE Futures



Fonte: ICE Futures (07/2019)
Nota: média até segunda semana de julho/2019

Já durante todo o primeiro semestre de 2019, o cenário internacional continuou com seu viés preponderantemente baixista. O impasse comercial entre as duas potências persistiu, e notícias a respeito do seu desfecho mexeu com o mercado em vários momentos, principalmente de forma negativa. Com isso, as exportações americanas, um dos principais fatores balizadores do mercado, apresentaram números aquém do esperado. Em 2017/18, os EUA exportaram 3,45 milhões de toneladas, já em 2018/19 a estimativa é de 3,16 milhões de toneladas.

2.3. Projeções para a próxima safra

As primeiras projeções do Usda quanto à safra 2019/20 indicam um *superavit* pouco inferior a 1,0%. Porém, no decorrer do tempo, sucessivas previsões de aumento da produção e estoques globais fizeram esse *superavit* aumentar. Além da Índia, que deve crescer em quase 10,0% sua produção em 2019/20, os EUA terão a maior produção em 15 anos. Como resultado disso e de todos esses fatores apontados até aqui, na segunda semana de julho de 2019, o contrato de primeiro vencimento da Ice Futures flutuou próximo dos US\$ 0,62/lb, menores patamares desde o meio do ano de 2016.

Do outro lado, mitigando o viés baixista, têm-se o aumento do consumo e das importações de importantes países. Como pode ser visto na Tabela 2, China, Vietnã e Bangladesh deverão aumentar suas compras internacionais em mais de dois dígitos durante a safra 2019/20.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

Segundo o 11º levantamento de safra, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2018/19, é de 2,69 milhões de toneladas de pluma, isso significa um aumento de 34,2% em relação ao produzido na safra anterior, que foi de 2.005,8 mil toneladas. A queda na produtividade em relação à safra anterior é estimada em 2,1%. Já a expansão da área plantada foi de 37,1%, atingindo 1,61 milhão de hectares. As informações detalhadas estão na tabela 3.

Diante do bom desempenho das cotações da pluma na época da tomada de decisão dos produtores, investiu-se na expansão do cultivo de algodão, o que ocasionou forte incremento na área plantada. Além do aumento de área em regiões onde ultimamente já se cultivava algodão, ocorreu forte incorporação de áreas ao processo produtivo.

Ainda sobre a Tabela 3, nota-se que em quase todos os estados onde se plantou algodão no país (exceção de Ceará e Rio Grande do Norte) ocorreram incremento em área plantada nesta safra, comparada à temporada anterior. Destaque para o Mato Grosso e a Bahia que, juntos, dispõem de 88% da área estimada para a cotonicultura no período 2018/19. Na Bahia, houve um aumento de 25,9% da área semeada, atingindo uma extensão de 332 mil hectares. Já no Mato Grosso, maior produtor, o aumento em relação a área da safra 2017/18 foi de 39,6%, uma área de 1,08 milhão de hectares.

Tabela 3.
Algodão em pluma - 11º levantamento de safras Conab

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 17/18	SAFRA 18/19	VAR. %	SAFRA 17/18	SAFRA 18/19	VAR. %	SAFRA 17/18	SAFRA 18/19	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(C)	(D)	(D/C)	(E)	(F)	(F/E)
NORTE	7,6	14,9	96,1	1.561	1.593	2,1	11,9	23,7	99,2
RR	4,8	6,0	25,0	1.596	1.756	10,0	7,7	10,5	36,4
RO	-	4,5	-	-	1.425	-	-	6,4	-
TO	2,8	4,4	57,1	1.500	1.544	2,9	4,2	6,8	61,9
NORDESTE	295,2	377,8	28,0	1.850	1.775	(4,1)	546,2	670,7	22,8
MA	22,3	27,7	24,2	1.565	1.654	5,7	34,9	45,8	31,2
PI	7,2	16,1	123,7	1.656	1.634	(1,3)	11,9	26,3	121,0
CE	1,2	0,9	(25,0)	286	289	1,1	0,3	0,3	-
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.495	(11,8)	0,5	0,4	(20,0)
PB	0,5	0,8	60,0	322	357	11,1	0,2	0,3	50,0
BA	263,7	332,0	25,9	1.890	1.845	(2,4)	498,4	597,6	19,9
CENTRO-OESTE	841,2	1.165,0	38,5	1.664	1.642	(1,3)	1.399,6	1.912,5	36,6
MT	777,8	1.085,6	39,6	1.659	1.641	(1,1)	1.290,2	1.781,3	38,1
MS	30,4	37,0	21,6	1.845	1.650	(10,6)	56,1	61,0	8,7
GO	33,0	42,4	28,5	1.615	1.655	2,4	53,3	70,2	31,7
SUDESTE	30,7	51,9	69,1	1.567	1.613	2,9	48,1	83,7	74,0
MG	25,0	42,0	68,0	1.586	1.607	1,3	39,7	67,5	70,0
SP	5,7	9,9	72,9	1.482	1.637	10,4	8,4	16,2	92,9
SUL	-	0,7	-	-	1.170	-	-	0,8	-
PR	-	0,7	-	-	1.170	-	-	0,8	-
NORTE/NORDESTE	302,8	392,7	29,7	1.843	1.768	(4,1)	558,1	694,4	24,4
CENTRO-SUL	871,9	1.217,6	39,6	1.660	1.640	(1,2)	1.447,7	1.997,0	37,9
BRASIL	1.174,7	1.610,3	37,1	1.708	1.671	(2,1)	2.005,8	2.691,4	34,2

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em julho/2019

Já na Tabela 4, tem-se os dados sobre o suprimento de pluma no mercado brasileiro. Diante de uma oferta interna em crescente expansão, mas uma demanda doméstica sofrendo poucas alterações, a exportação continuará sendo o principal destino do algodão aqui produzido. Segundo o Boletim Focus do dia 12 de agosto, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa reduzida para 0,81%, pois ainda há dúvidas acerca da efetividade da reforma previdenciária para 2019 em ajudar o Brasil a crescer de forma mais consistente.

Segundo dados da ABIT do final de março de 2019, o ano de 2018 não apresentou bons resultados, a produção têxtil e de vestuário caíram 2,4% e 3,3%, respectivamente, em relação à 2017. Além disso, houve uma queda de pouco mais de 27 mil empregos no setor. Já para 2019, a projeção é de crescimento de 2,5% na produção têxtil e de 2,4% na produção de vestuário, com incremento de 11,5 mil empregos. Esses números ainda são pequenos ao se levar em conta os últimos anos de estagnação econômica.

Para o ano de 2019, a Conab estima a exportação de cerca de 1,5 milhão de toneladas.

Além dos desafios comerciais em expandir de maneira tão intensa a quantidade embarcada, há ainda a preocupação do setor na logística para escoar esse volume. No primeiro semestre de 2019 foram exportados 534 mil toneladas, gerando uma receita de US\$910 milhões. Esse número começará a crescer agora com o início da colheita. Apesar da boa expectativa quanto à exportação, os excedentes farão os estoques de passagem chegarem a valores bem acima da média dos últimos anos.

Tabela 4.
Suprimento de algodão em pluma – Brasil (em mil t)

SAFRA	2016	2017	2018	2019
Oferta	1.665,2	1.764,3	2.281,0	3.297,0
Estoque Inicial	349,0	201,2	245,2	627,0
Produção	1.289,2	1.529,5	2.005,8	2.665,1
- Centro/Sul	996,9	1.129,3	1.447,7	1.983,6
- Norte/Nordeste	292,3	400,2	558,1	681,5
Importações	27,0	33,6	30,0	5,0
Demanda	1.464,0	1.519,1	1.654,0	2.200,0
Consumo Interno	660,0	685,0	680,0	700,0
Exportações	804,0	834,1	974,0	1.500,0
Estoque Final	201,2	245,2	627,0	1.097,1
Meses de Uso	1,6	1,9	4,5	6,0

Fonte: Conab/Mdic/Sinditextil-Abit/Anea/ (Agosto/2019)

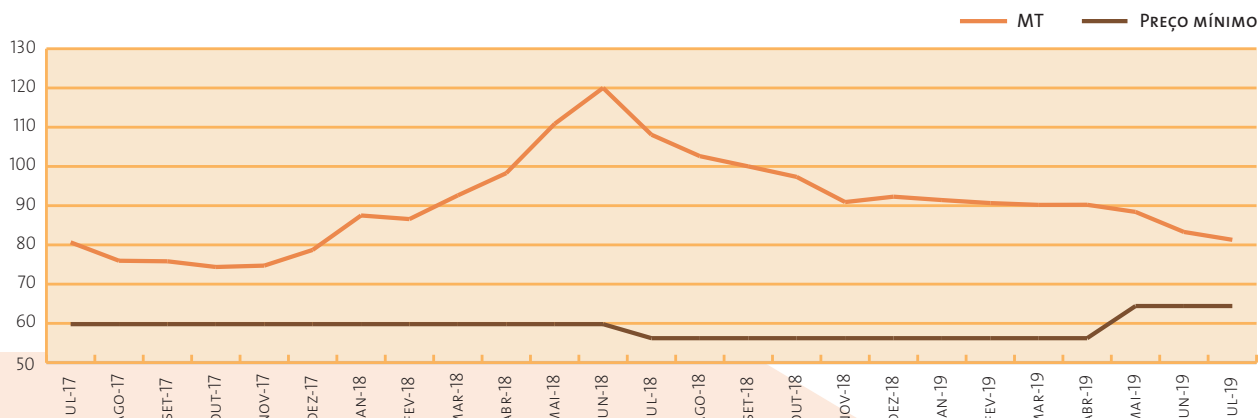
3.2. Preços nacionais

A média dos preços ao produtor, coletados pela Conab no Mato Grosso, fechou em R\$ 83,30/@ em junho, valor 5,78% abaixo da média de maio, que foi de R\$ 88,41/@. Já em julho, no dia 19, o preço médio coletado pela Conab no interior no Mato Grosso foi de R\$ 81,30/@. No atacado os preços também se desvalorizaram: o indicador Cepea/Esalq para entrega em 8 dias fechou com média de R\$ 92,41/@ em junho, valor 3,04% abaixo da média de maio. No dia 19 de julho, o valor desse indicador era de R\$ 85,45/@ de pluma.

O cenário dos preços internos segue seu viés de baixa desde o início de 2019, com o ritmo das negociações internas ainda lento nos últimos meses. As indústrias estão cautelosas, pois sabem que, além do alto estoque de passagem, uma safra recorde de pluma começa a ser colhida e, com isso, podem conseguir preços mais atrativos no segundo semestre. Ao mesmo tempo, como já foi citado, a economia brasileira ainda não conseguiu retomar seu crescimento. Com a dificuldade de exportar todo o excedente e a demanda interna ainda em lenta recuperação, a tendência baixista deve se impor no decorrer dos próximos meses de 2019.

Devido às fortes quedas no mercado internacional e desvalorização do dólar frente ao real, a pluma brasileira, mesmo com o valor em queda, tem dificuldade de ganhar competitividade no mercado internacional. No dia 19 de julho, o preço ao produtor do MT estava cerca de 12% acima da paridade de exportação.

Gráfico 3.
Preços ao produtor – R\$/@



Fonte: Conab

4. Perspectivas para a próxima safra

4.1. Análise do suprimento

Como foi apontado neste presente trabalho, a produção algodoeira no Brasil apresenta um crescimento significativo. A produção dobrou da safra 2015/16, quando se produziu 1,29 milhão de toneladas, para a estimativa de produção dessa safra 2018/19, que é de 2,66 milhões de toneladas. Como resultado, saiu-se de um estoque final de 200 mil toneladas para uma expectativa de que ele possa chegar a 1,0 milhão de toneladas no final de 2019. Essa é a questão central a ser tratada pelo produtor para a safra 2019/20.

Diante de uma demanda interna estagnada, com previsão de um consumo por volta de 700 mil toneladas de pluma em 2019, a análise deve recair sobre as variáveis que impactam a competitividade do algodão brasileiro no mercado mundial. Dentre elas, a logística de escoamento, o dólar, o petróleo, o impasse comercial entre EUA e China e a oferta global. No quesito logístico, é sabido dos gargalos de vias e portos: à medida que a quantidade de pluma a ser exportada aumenta, o desafio fica cada vez maior.

Quanto ao dólar, a tendência dos agentes de mercado é de que haja uma diminuição da taxa de câmbio no curto-prazo. Com a boa expectativa de que a reforma da previdência seja aprovada, a oferta da moeda norte-americana deverá aumentar. Com o dólar desvalorizado, a pluma nacional perde competitividade lá fora.

Já em relação ao petróleo, embora a expectativa recente era de que o óleo tivesse uma valorização em 2020, o cenário vislumbrado começa a mudar. Além do aumento da competição com o xisto norte-americano, o grupo Opep+, aliança de 24 nações responsáveis por cerca de metade do petróleo do mundo, enfrenta dificuldade para manter o *superavit* sob controle e evitar um aumento grande nos estoques. O desafio ficou ainda maior diante da desaceleração da economia global e do impasse comercial entre EUA e China, que contribuíram para a redução do consumo de combustível. Deste modo, talvez o mais prudente seja apostar numa certa estabilidade nos preços, todavia sem esquecer das questões polêmicas que envolvem EUA e Irã, que poderiam trazer consequências graves ao mercado caso o conflito traga problemas de transporte pelo estreito de Ormuz.

Há também a questão do conflito comercial entre EUA e China. Apesar da boa demanda pelo algodão norte-americano interferir positivamente no preço internacional da pluma, com o conflito entre as duas potências, a demanda do país oriental acaba se canalizando, em parte, para o Brasil, incentivando a exportação da fibra. Infelizmente, esse é uma questão imprevisível, podendo se resolver a qualquer momento.

Por fim, quanto à oferta global, além do crescimento de quase 10% da produção indiana, os EUA devem terminar a safra 2019/20 com um alto estoque de passagem. Além da expectativa de colher a maior safra em 15 anos, a quantidade exportada é prejudicada diante das taxações chinesas.

Importante frisar que, segundo dados da Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM) até 30 de julho de 2019, cerca de 75% da safra 2017/18 do Brasil já havia sido comercializada. Deste volume, cerca de 58% foram para o mercado interno, 32% para o externo e 10,0 para contratos *flex*. Já para a safra 2018/19, que está em processo de colheita, por volta de 35% dos 2,66 milhões de toneladas estimados pela Conab já havia sido comercializados.

Diante de todos os fatores conjunturais apresentados, a retração dos preços e os altos estoques previstos para o Brasil e para os EUA deverão ser fatores cruciais na decisão do produtor quanto à safra 2019/20. Ademais, tem-se uma provável queda na taxa de câmbio, uma possível não valorização do petróleo e uma economia global enfrentando dificuldades diante dos embates entre as duas principais potências. Com isso, depois de um período de grande crescimento na área plantada, o cenário vislumbrado para o próximo plantio é de uma redução da área a ser plantada.

O cenário de alta rentabilidade vivenciado na tomada de decisão para a safra 2018/19 culminou em um aumento significativo de 37,1% na área plantada em relação à safra 2017/18. Em meio a altos preços, além do produtor experiente no plantio do algodão, muitos outros entraram na atividade. Já na atual conjuntura, com preços bem aquém dos valores de um ano atrás, um viés de redução na intenção de plantio já é identificado por agentes da Conab em recentes visitas à campo. Além de muitos produtores sinalizarem uma redução de área, também haverá outros menos experientes na cultura da fibra que poderão optar por não plantar algodão nesse momento.

Levando em conta a produtividade da safra 2018/19, que a Conab estima em 1.671 kg/ha, estima-se também uma redução de área em torno de 6% para o próximo período. Isso faria o Brasil sair de uma área de 1,61 milhão de hectares para 1,51 milhões de hectares na safra 2019/20. Ao utilizar a produtividade citada acima, esse resultado seria uma produção de 2,51 milhões de toneladas. Os detalhes do quadro de suprimento projetado pode ser visualizado na Tabela 5.

Tabela 5.
Suprimento de algodão em pluma – Brasil (em mil t)

SAFRA	2018/19*	2019/20**
Oferta	3.297,1	3.607,3
Estoque Inicial	627,0	1.097,1
Produção	2.665,1	2.505,2
Importações	5,0	5,0
Demanda	2.200,0	2.515,0
Consumo Interno	700,0	715,0
Exportações	1.500,0	1.800,0
Estoque Final	1.097,1	1.092,3
Meses de Uso	6,0	5,2

Legenda: (*) Estimado

(**) Projetado

Fonte: Conab/Mdic/Sinditextil-Abit/Anea/ (Agosto/2019)

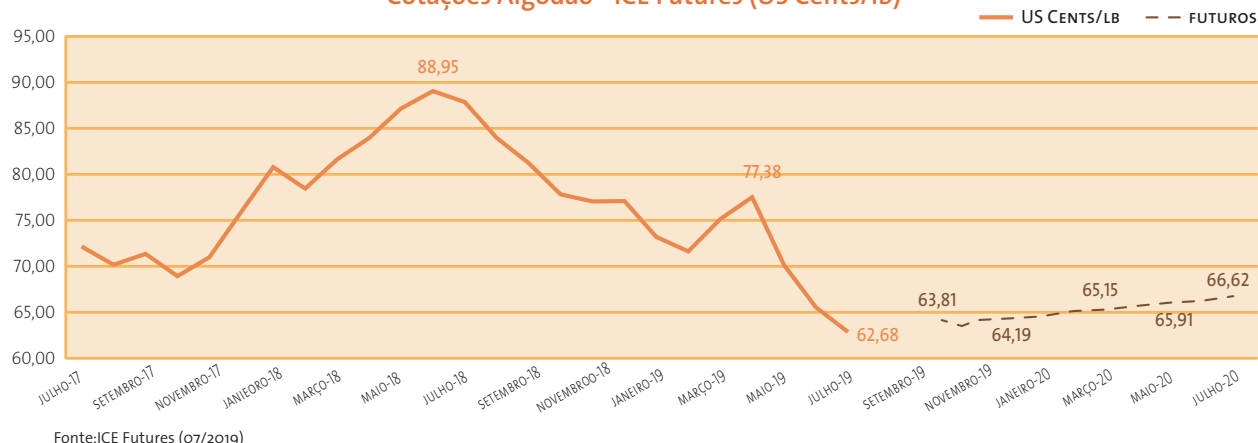
4.2. Estimativa de preços futuros

Apesar da retração dos preços internos, a pluma brasileira vem perdendo competitividade no mercado internacional, pois este também vem se desvalorizando. Perda de competitividade que também é potencializada pela recente desvalorização do dólar. No dia 19 de julho de 2019, o algodão cotado a R\$ 83,00/@ no interior do Mato Grosso chegaria a FOB Santos próximo dos R\$ 87,65/@, valor cerca de 14% superior ao contrato de maior liquidez na Bolsa de Nova Iorque no mesmo dia. Embora esse valor ainda esteja abaixo dos 25% da taxa de conversão chinesa sobre a pluma norte-americana, o que dá vantagem ao Brasil, será preciso ganhar um mercado amplo no exterior para evitar um aumento ainda maior nos níveis de estoques brasileiros.

Os preços nacionais possuem um altíssimo índice de correlação positiva com os contratos futuros negociados na Bolsa de Nova Iorque, ou seja, somos tomadores de preços. Ao se somar este fato com o aumento da oferta interna, o mercado acaba por conjecturar que os preços domésticos tendam a se aproximar da paridade de exportação. Sendo assim, torna-se imprescindível a análise dos preços da Bolsa de Mercadorias de Nova York (ICE Futures).

No gráfico 4, a seguir, tem-se os valores do relatório diário de futuros para o algodão na Bolsa de Nova Iorque para outubro e dezembro de 2019 e março, maio e julho de 2020. Pode-se observar a expectativa de um contínuo aumento esperado durante o período. Como foi mostrado na Tabela 2, apesar da expectativa de aumento da oferta mundial de pouco mais de 5%, o consumo e, principalmente, as importações mundias poderão evitar a continuidade da queda nas cotações por um período mais longo.

Gráfico 4.
Cotações Algodão - ICE Futures (US Cents/lb)

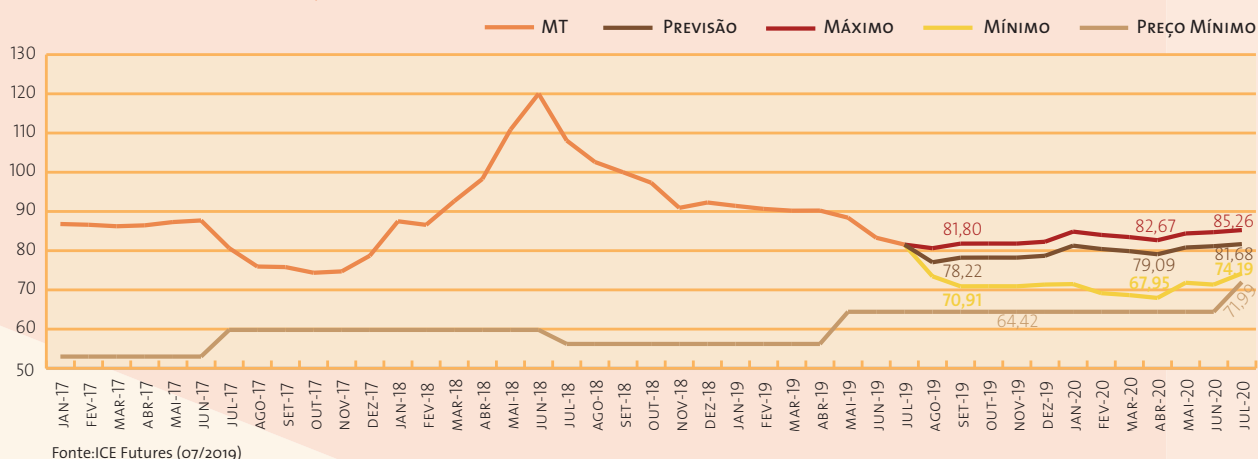


De posse dessas informações sobre as perspectivas dos agentes quanto o comportamento do mercado mundial do algodão, pode-se presumir possíveis desdobramentos para o mercado brasileiro. Como foi dito, cerca de 75% da safra 2017/18 e 35% da safra 2018/19 já foram comercializados, fator positivo quanto ao destino do volumoso estoque de passagem. Já em relação à safra 2019/20, a negociação ainda está um pouco lenta, pois com os preços abaixo de US Cents 65/lb em Nova Iorque, o interesse do produtor é menor.

Para tentar antever trajetórias das cotações da pluma de algodão no mercado brasileiro, utilizou-se um modelo de previsão por meio da volatilidade de preços. Primeiramente, definiu-se o intervalo de sazonalidade de máximas, que no caso foi de 12 meses, e, por meio da média das médias centradas móveis, identificou-se o índice sazonal de cada ponto desse intervalo. Depois disso, multiplicando-se esse índice de sazonalidade pelo preço e utilizando-se os preços futuros da Bolsa de Nova Iorque, há um teste do modelo e o resultado estimado para os preços de algodão no Brasil após julho de 2019. Para a criação de um intervalo de máximo e mínimo, foi empregado como parâmetro principal um desvio-padrão, sendo metade para cima e metade para baixo. Além disso, foi usado um índice de ajuste para baixo, relativo à questão dos altos estoques verificados recentemente e à produção.

O resultado está posto no Gráfico 5. As curvas a partir de julho de 2019 mostram possíveis trajetórias dos preços ao produtor em Mato Grosso até julho de 2020, diante das previsões de oferta e demanda, interna e externa, e das incertezas apresentadas acima como logística, taxa de câmbio, preço do petróleo, impasse comercial entre EUA e China, dentre outros.

Gráfico 5.
Preços da Pluma ao Produtor no Mato Grosso e Previsões (R\$/@)



4.3. Análise de rentabilidade

A Tabela 6 mostra uma avaliação da rentabilidade estimada para a safra 2019/20 de algodão, utilizando como base a cidade de Campo Verde-MT. Para a receita, foi utilizada a média dos preços projetados entre agosto de 2019 e julho de 2020, que foi de R\$79,79/@. Já para estimar os limites inferior e superior, foram utilizados, também de agosto de 2019 a julho de 2020, os pontos de mínimo e máximo das linhas inferior e superior, respectivamente, das projeções do Gráfico 5. A produtividade empregada foi 110@/ha, dentro de um cenário climático seguindo os padrões de normalidade. Os custos de produção utilizados são de março de 2018 para a safra 2018/19 e de maio de 2019 para a previsão da safra 2019/20. Nota-se que em um caso de grande adversidade, levando em conta os fatores conjunturais elencados neste trabalho, a margem líquida chega a ficar negativa.

Tabela 6.
Rentabilidade Campo Verde/MT

SAFRA	2018/19	2019/20 PERSPECTIVA	2019/20 LIMITE INFERIOR	2019/20 LIMITE SUPERIOR
PREÇO (R\$/50 KG)	93,79	79,56	67,95	85,26
PRODUTIVIDADE DO PACOTE (@/HA)	110	110	110	110
ANÁLISE FINANCEIRA:				
A - RECEITA BRUTA (I*II)	10.316,90	8.751,60	7.474,50	9.378,60
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	4.570,01	5.259,09	5.259,09	5.259,09
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	6.193,34	6.979,44	6.979,44	6.979,44
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	6.859,08	7.713,14	7.713,14	7.713,14
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	5.746,89	3.492,51	2.215,41	7.119,51
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	4.123,56	1.772,16	495,06	2.399,16
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	3.457,82	1.038,46	-238,64	1.665,46
INDICADORES:				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO (A / B1)	2,26	1,66	1,42	1,78
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL (A / B2)	1,67	1,25	1,07	1,34
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL (A / B3)	1,50	1,13	0,97	1,22
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA (A / A)	55,70%	39,91%	29,64%	43,92%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA (B / A)	39,97%	20,25%	6,62%	25,58%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA (C / A)	33,52%	11,87%	-3,19%	17,76%

Fonte: Conab

5. Considerações finais

O mercado brasileiro do algodão segue promissor. Líder mundial em certificação de boas práticas trabalhistas e ambientais, cerca de 86% da produção é certificada por auditores internacionais. Dispondo de alta tecnologia e com produtores extremamente organizados, por meio da Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa), o setor investe em qualidade, rastreabilidade e marketing para que possa continuar crescendo e buscando resultados positivos. Como já foi dito, além da qualidade reconhecida, com o volume produzido chegando acima dos 2,5 milhões de toneladas de pluma ao ano, o país se torna um exportador regular e poderá fidelizar mercados pelo mundo para entrega ao longo de todo o ano.

Apesar de um panorama de aumento da produção global de pluma, a força importadora de países como China, Índia e Paquistão poderá minimizar um *superavit* global muito grande na safra 2019/20. Internamente, é necessário que o produtor acenda o sinal de alerta para decidir o tamanho da sua área para o período 2019/20, desacelerando o forte ritmo de crescimento das últimas safras a fim de se evitar que um alto nível de estoque de passagem achate os preços e comprometa de maneira significativa a rentabilidade do produtor.

ARROZ EM CASCA NATURAL

SÉRGIO ROBERTO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR



Foto: Jacobina de Carvalho

1. Introdução

A cadeia orizícola desempenha importante papel na ótica cultural, social e econômica brasileira. O arroz é tradicionalmente um dos produtos alimentícios mais consumidos no país, sendo o seu consumo anual estimado em torno de 11 milhões de toneladas. Ademais, a cadeia produtiva do arroz apresenta destaque na criação de trabalho e renda para a economia interna, com um parque industrial nacional de beneficiamento altamente desenvolvido. Apesar desses pontos fortes do setor, a estrutura de financiamento, as questões tributárias e os problemas logísticos têm dificultado o pleno desenvolvimento da cadeia.

No primeiro semestre de 2019, no Brasil, mesmo com uma produção abaixo da média histórica, o menor consumo interno e as paridades de importação arrefeceram uma alta mais intensa após a finalização da colheita. Todavia, com o decorrer do segundo semestre de 2019 e entrada no núcleo da entressafra, espera-se que os preços continuem com viés de alta, pois há um significativo *deficit* entre a oferta e demanda do grão no país.

Ademais, sobre a oferta, a produção de arroz compete intensamente com a da soja, principalmente no centro-oeste brasileiro. Nas últimas safras, a consistente demanda internacional e os preços atrativos da soja atuaram como variáveis inibidoras na manutenção da orizicultura. Diferentemente do mercado de soja, o arroz possui mais de 90% de sua demanda concentrada dentro do próprio país, sendo o mercado internacional de menor relevância na formação dos preços internos se comparado com a soja e o milho, importantes commodities comercializadas pelo Brasil. Porém, apesar de ter menor importância, o fluxo comercial internacional tem sido, nos últimos anos, fundamental para o equilíbrio da oferta e demanda brasileira de arroz.

Como exemplo, pode-se citar a safra 2015/16, que registrou uma forte redução produtiva no estado do Rio Grande do Sul (RS), em razão de problemas climáticos. A safra em questão contabilizou um montante de 1,4 milhão de toneladas de arroz (base casca) abaixo da média do setor. Em face a este cenário e ao Real valorizado ao longo de 2016, as importações apresentaram um crescimento anual de 135,9%, contabilizando 1,2 milhão de toneladas de arroz (base casca), produto principalmente advindo dos parceiros mercosulinos. Na contramão, as exportações retraíram em 34,4% e registraram um volume de 893,7 mil toneladas. Destaca-se que, hoje, os fundamentos de mercado da safra 2018/19 são muito semelhantes ao da safra 2015/16.

Apesar deste *deficit* na balança comercial na safra 2015/16, o arroz tem acumulado seguidos *superavit* nas últimas safras com o trabalho realizado por parte da cadeia produtiva na promoção do arroz brasileiro no âmbito internacional, fato que garantiu para o produtor mais um canal de comercialização do produto colhido. Somado a isso, o produtor gaúcho diversificou a produção e, conseqüentemente, a geração de renda ao destinar antigas áreas de arroz para o plantio da soja. Ou seja, no Sul, diferentemente de outras Regiões do Brasil, a introdução da soja nas áreas altas destinadas ao arroz foi fator benéfico para o fortalecimento do setor.

2. Panorama internacional

No mercado internacional, segundo dados do United States Department of Agriculture (Usda), a produção mundial de arroz base beneficiado ficará em 497,8 milhões de toneladas na safra 2019/20, retração de aproximadamente 1,3 milhão de toneladas em relação à safra 2018/19. Esse resultado é reflexo principalmente da redução da safra chinesa. É importante ilustrar que os dados disponibilizados pelo Usda são referentes ao arroz base beneficiado.

Sobre o consumo, estima-se um significativo incremento de 5,2 milhões de toneladas, em meio a um aumento da demanda africana pelo grão, seguindo a tendência dos últimos anos. Sobre as comercializações no mercado internacional, a expectativa é de estabilidade no volume transacionado. Destaca-se que atualmente o volume transacionado no mundo ainda não atinge 10% do montante produzido.

Sobre a China, maior país produtor, consumidor e importador de arroz no mundo, há pequenas alterações nos dados da safra 2019/20 para a safra 2018/19. Destacam-se o constante e ameno crescimento do consumo chinês, a manutenção das importações previstas para a atual safra e a tendência de expansão dos estoques de passagem. Ainda sobre os estoques chineses, estes estão atingindo 80,2% do consumo interno do país, o que representa um volume expressivo e, no longo prazo, podem gerar desequilíbrio de preços no mercado internacional do produto. Como já destacado, a maior variação no mercado chinês é relativa à produção nacional, que reduzirá 2,5 milhões de toneladas na safra 2019/20, segundo previsão. Este arrefecimento produtivo é resultado de uma redução combinada de área e produtividade, que são resultados do declínio de áreas aráveis, redução na disponibilidade de água e mão-de-obra.

Na Índia, a amena redução da produção é reflexo de uma redução de 1,1% da área destinada à cultura do arroz, porém ressalta-se que, mesmo assim, a prevista safra 2019/20 é a segunda maior da história. Neste contexto, o país se consolida como principal exportador mundial de arroz. Sobre os preços indianos, estes continuam pressionados com viés de baixa em virtude da menor demanda e da concorrência do arroz tailandês e vietnamita.

Na Tailândia, há clara orientação do governo local de incentivo à produção de grãos de alta qualidade (*premium*). Com isso, objetiva-se, apesar da projeção de menores exportações, que o valor total comercializado cresça. Sobre o estoque de passagem tailandês, que no passado já foi fator preponderante de redução das cotações internacionais do grão, esse encontra-se com valor relativamente baixo na comparação com o histórico do país, com um montante projetado em torno de 3,7 milhões de toneladas para o final da safra 2019/20, o que representa 36,9% do consumo interno tailandês. Atualmente, a seca no país tem gerado apreensão dos agentes de mercado acerca da produção tailandesa, o que tem refletido em sustentação do preço local, que está cotado em US\$393/t para o arroz com 5% de quebrado FOB, segundo dados da Infoarroz.

Sobre o Vietnã, identifica-se uma tendência de crescimento da produção local, segundo dados do Usda. Sobre as exportações, a perda de competitividade do grão indiano tem colaborado para o ganho de espaço do arroz vietnamita no mercado internacional. Consequentemente, a projeção é de incremento no volume exportado.

Nos Estados Unidos da América (EUA), nota-se, após uma intensa recuperação de área e produção na safra 2018/19, uma retração produtiva em função de uma redução das áreas destinadas às lavouras orizícolas norte-americanas. Destaca-se a importância do mercado dos EUA para o mercado brasileiro, pois ambos os países atuam mais intensamente no comércio internacional nos mercados da América Latina e da costa leste africana. Hoje, o arroz dos EUA, 100% de inteiros FOB, está cotado em US\$490/t, segundo dados da Infoarroz.

Em suma, como resultado dos atuais fundamentos de mercado, nota-se um ameno viés de elevação das cotações no curto prazo e no médio prazo. Entre os principais fatores para tal projeção, destacam-se: 1) a previsão de expansão do consumo mundial; 2) a escassez hídrica identificada atualmente na Tailândia; e 3) o reduzido estoque de passagem Tailandês.

Analisando a série de preços nos mercados internacionais e nacionais, por meio de um estudo de correlação, chega-se à conclusão de que as correlações entre os preços dolarizados brasileiros e os mercados argentino (+0,7610) e tailandês (+0,7023) são significativas. Ressalta-se que, apesar dessa correlação alta, usualmente entende-se que fatores internos são mais relevantes na formação de preço do mercado de arroz em casca ao produtor no RS. Todavia, não se pode excluir a importância do mercado externo na composição do preço nacional, principalmente a partir da safra 2010/11, na qual o Brasil passou a exportar um maior volume de forma constante, vide Gráfico 3. Com exceção da safra 2015/16, a qual houve uma intensa redução produtiva no Brasil, o país acumulou *superavit* na balança comercial do grão.

Tabela 1.
Arroz Beneficiado – Balanço de Oferta e Demanda dos principais países produtores – em milhões de toneladas de arroz

SAFRA	EVENTOS	PRODUTORES		EXPORTADORES			MUNDO	BRASIL
		CHINA	ÍNDIA	TAILÂNDIA	VIETNÃ	EUA		
2017/18	1-ESTOQUE INICIAL	98,50	20,55	4,24	0,97	1,46	149,87	0,53
	2-PRODUÇÃO	148,87	112,91	20,37	28,47	5,66	495,49	8,20
	3-IMPORTAÇÃO	5,50	0,00	0,25	0,40	0,85	46,90	0,57
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	252,87	133,46	24,86	29,84	7,97	692,26	9,30
	5-CONSUMO	142,49	98,82	10,60	22,00	4,28	483,01	7,80
	6-EXPORTAÇÃO	1,39	12,04	11,06	6,59	2,76	47,13	1,08
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	143,88	110,86	21,66	28,59	7,04	530,14	8,88
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	109,00	22,60	3,20	1,25	0,93	162,37	0,42
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	76,50	22,87	30,19	5,68	21,73	33,62	5,38
2018/19 (ESTIMATIVA)	1-ESTOQUE INICIAL	109,00	22,60	3,01	1,03	0,93	162,09	0,39
	2-PRODUÇÃO	148,49	115,63	20,72	27,71	7,12	499,07	7,34
	3-IMPORTAÇÃO	3,50	0,00	0,25	0,40	0,91	44,53	0,80
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	260,99	138,23	23,98	29,14	8,96	705,69	8,53
	5-CONSUMO	143,89	100,73	10,80	21,50	4,29	490,96	7,60
	6-EXPORTAÇÃO	2,60	12,50	9,80	6,50	2,86	46,85	0,65
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	146,49	113,23	20,60	28,00	7,15	537,81	8,25
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	114,50	25,00	3,37	1,15	1,82	170,21	0,28
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	79,57	24,82	31,20	5,35	42,42	34,67	3,68
2019/20 (PREVISÃO)	1-ESTOQUE INICIAL	114,50	25,50	3,61	1,15	1,64	170,91	0,28
	2-PRODUÇÃO	146,00	115,00	20,90	28,00	6,63	497,82	7,21
	3-IMPORTAÇÃO	3,40	0,00	0,25	0,40	0,93	44,16	0,90
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	263,90	140,50	24,76	29,55	9,20	712,89	8,39
	5-CONSUMO	144,60	102,00	11,00	22,00	4,38	496,08	7,55
	6-EXPORTAÇÃO	3,30	12,00	9,70	6,50	3,21	46,91	0,55
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	143,50	114,00	20,70	28,50	7,59	542,99	8,10
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	116,00	26,50	4,06	1,05	1,60	172,65	0,33
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	80,22	25,98	36,91	4,77	36,53	34,80	4,37

Fonte: Wasde - Julho/2019

No Mercosul, com base nos dados divulgados pelo FAS/Usda e expostos na Tabela 2, os países integrantes do Mercosul deverão produzir, na safra 2018/19, o total de 14,2 milhões de toneladas de arroz em casca (retração de 9,0% em relação à safra anterior), sendo o Brasil responsável por 75,5% da produção do bloco. Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,2 milhão de toneladas. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira, se apresentam como importantes mercados exportadores, suprimindo, quando necessário, os *deficit* brasileiros entre a oferta e a demanda interna.

Mais recentemente, ao longo da análise dos períodos comerciais, a partir de 2014/15, o Paraguai – com uma produção estimada de 1,1 milhão de tonelada para a próxima safra – apresenta-se como o principal exportador para o mercado brasileiro. Esse produto paraguaio é basicamente direcionado para suprir a demanda por arroz das indústrias de beneficiamento

localizadas na Região Sudeste, sobretudo São Paulo e Minas Gerais. Estas transações comerciais elevaram-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção na Região Sul, da retração da produção na Região Centro-Oeste nos últimos dez anos e do preço paraguaio competitivo, que apresenta elevada flexibilidade de preços para manter as vendas para o mercado brasileiro.

Este cenário é resultado da atual dependência do mercado paraguaio para a venda de seu produto para o Brasil, haja vista que o mercado interno paraguaio é reduzido (em torno de 150 mil toneladas) e não possui, ainda, clientes com o mesmo potencial de compra do Brasil. No último mês de junho, o Paraguai vendeu 60,2 mil toneladas, sendo o preço comercializado do arroz beneficiado para o Brasil de US\$338,61/t. No volume acumulado exportado em todo o período comercial da safra 2017/18 (entre março/18 à fevereiro/19), o Paraguai exportou para o Brasil 594,5 mil toneladas, sendo este montante inferior em 20,1 mil toneladas ao observado no período comercial anterior. Ademais, destaca-se que hoje, com um câmbio atual projetado pelo Boletim Focus de R\$3,75/US\$ para o final de 2019, o arroz paraguaio possui um preço de paridade ao produtor no RS de R\$40,02/sc.

Acerca do consumo, o Brasil destaca-se como maior mercado consumidor, com uma demanda estimada sempre acima dos 11,0 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional. Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 0,9 milhão de toneladas para a safra 2018/19, seus principais destinos são países não pertencentes ao grupo, com destaque para nações africanas e latino-americanas.

Por meio dos dados disponibilizados pelo ComexStat/Mdic de junho/18, os preços efetivos médios de exportação brasileira (US\$515,25/t) apresentara-se superiores aos preços efetivos de importação (US\$379,89/t).

Na Argentina, na safra 2018/19, o estoque reduzirá em relação à safra passada para 203,1 mil toneladas e, na safra 2019/20, em 141,5 mil toneladas, finalizando com apenas 70,8 mil toneladas de estoque de passagem. No Uruguai, observa-se uma estabilidade do estoque com volumes reduzidos, em torno de 130,0 mil toneladas.

Tabela 2.
Balança de Oferta e Demanda do Mercosul – em mil toneladas de arroz

SAFRA	ATRIBUTOS	TERRITÓRIOS REGIONAIS				
		ARGENTINA	BRASIL	PARAGUAI	URUGUAI	MERCOSUL
2015/16	Produção	1.400,0	10.602,9	858,2	1.304,3	14.165,4
	Consumo	815,4	11.617,6	119,4	78,6	12.631,0
	Exportação	809,2	804,4	831,3	1.388,6	3.833,6
	Estoque Final	475,4	452,9	270,1	88,6	1.287,0
2016/17	Produção	1.327,7	12.327,9	923,9	1.410,0	15.989,5
	Consumo	861,5	11.691,2	134,3	78,6	12.765,6
	Exportação	527,7	1.220,6	801,5	1.357,1	3.906,9
	Estoque Final	421,5	772,1	261,2	62,9	1.517,6
2017/18	Produção	1.367,7	12.064,7	974,6	1.241,4	15.648,5
	Consumo	907,7	11.397,1	149,3	85,7	12.539,7
	Exportação	476,9	1.694,1	970,1	1.080,0	4.221,2
	Estoque Final	415,4	572,1	117,9	141,4	1.246,8
2018/19	Produção	1.200,0	10.750,0	1.100,0	1.188,6	14.238,6
	Consumo	907,7	11.176,5	164,2	85,7	12.334,1
	Exportação	507,7	955,9	970,1	1.121,4	3.555,2
	Estoque Final	212,3	410,3	86,6	122,9	832,0
2019/20	Produção	1.200,0	10.600,0	1.049,3	1.200,0	14.049,3
	Consumo	892,3	11.102,9	149,3	85,7	12.230,2
	Exportação	476,9	808,8	895,5	1.107,1	3.288,4
	Estoque Final	70,8	422,1	94,0	130,0	716,9

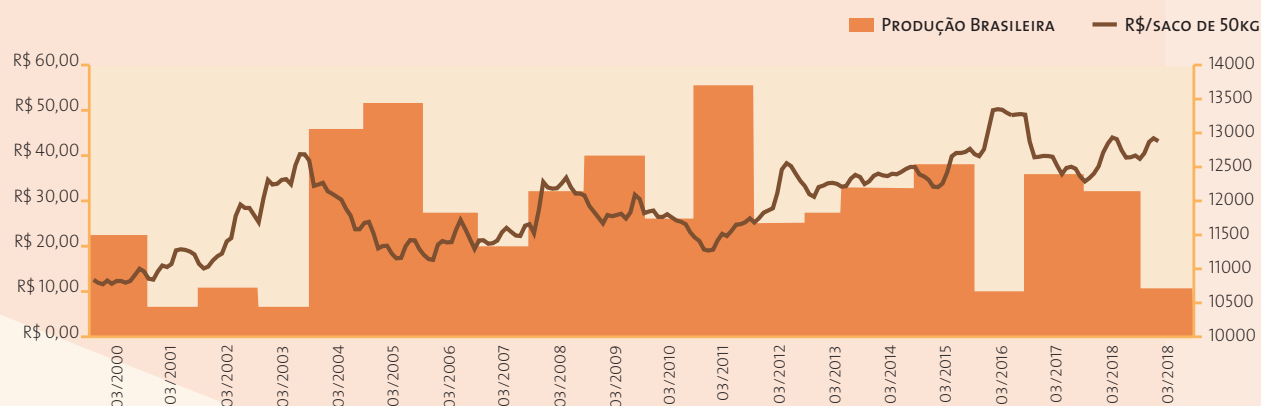
Fonte: PSD online - Julho/2019. Disponível em: <http://www.fas.usda.gov>

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

No Brasil, na safra 2016/17, a produção foi dentro da normalidade e ficou em 12,3 milhões de toneladas, vide Gráfico 1. Em princípio, esta oferta não deveria ser fator de desestabilização de mercado, porém a concentração produtiva, a estrutura de financiamento dos produtores e o câmbio valorizado geraram, ao longo do período de comercialização, fortes desvalorizações nas cotações do grão ao produtor.

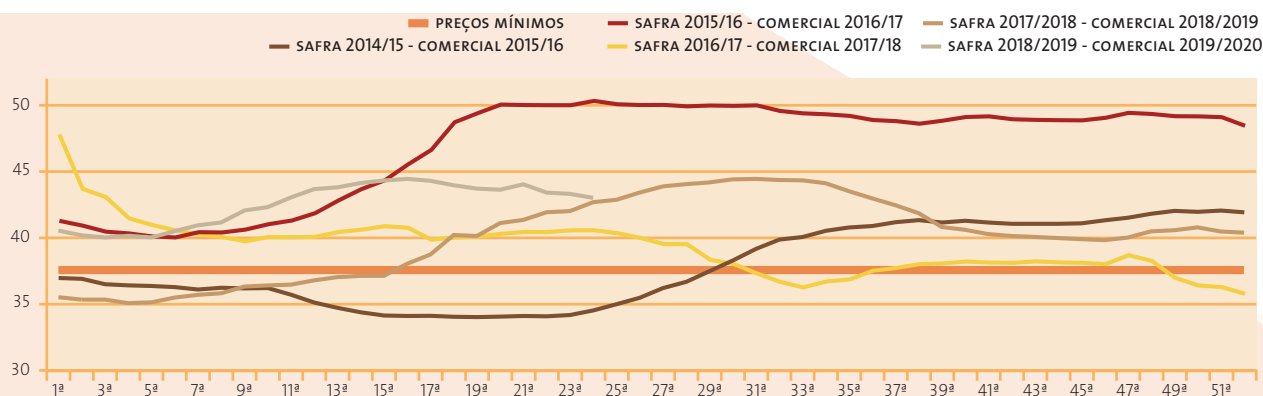
Gráfico 1.
Evolução da quantidade colhida de arroz no Brasil e dos preços no RS



Fonte: Conab, Julho/2019

Especificamente, o real valorizado e os altos custos de produção nacional refletiram na perda de competitividade do arroz brasileiro e geraram um desequilíbrio na balança comercial do grão. Ressaltam-se que, após a safra 2015/16 ser deficitária, o Brasil restaurou o equilíbrio no comércio internacional do produto e, para a safra 2016/17, a balança comercial fechou com um *superavit* de apenas 22,7 mil toneladas. Esse resultado é consequência dos baixos preços de comercialização internos ao final da entressafra, vide Gráfico 2, o que viabilizou uma significativa expansão exportadora entre os meses de dezembro e fevereiro.

Gráfico 2.
Arroz em casca tipo 1 - 58/10 - média estadual
Preços médios semanais nominais no RS, em R\$/50g



Fonte: Siagro/Conab. Acesso em: 09/08/2019.

Nota: 1ª semana de março até última semana de fevereiro.

Como resultado da expansão da oferta e da retração das demandas internas e externas pelo arroz nacional, o estoque final apresentou um volume atipicamente elevado até o final de 2017. Porém, com a mudança na comercialização internacional ao final da safra 2016/17, o estoque final foi consolidado em 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17, e, deste montante, a quase totalidade estava em posse do setor privado. Logo, com a intensificação das exportações, a partir de novembro de 2017, o volume de estoque de passagem apresentou significativa redução. Destacam-se, todavia, que os preços retraídos do primeiro semestre de 2018, muito em função das expectativas pessimistas criadas ao longo do ano de 2017, resultaram, juntamente com o real desvalorizado, em significativos saldos na balança comercial.

No mês de junho, notou-se o início de uma recuperação das cotações ao produtor, reflexo da conjuntura de oferta e demanda ajustada no segundo semestre e das operações de escoamento realizadas pela Conab. Ressalta-se, todavia, que, a partir do final de outubro, iniciou-se um novo ciclo contínuo e ameno de queda dos preços ao produtor, que perdurou até o final de 2018. Esse comportamento pode ser explicado, em parte, pela menor demanda pelo produto no varejo brasileiro e pela maior oferta do produto, como resultado do vencimento de financiamentos dos produtores que postergaram a comercialização do produto para o segundo semestre.

Com a finalização da pesquisa de estoques privados, o número do estoque final da safra 2017/18 foi consolidado em 671,8 mil toneladas, vide Tabela 1. Segundo o último levantamento de safras da Conab, a safra 2017/18 fechou em torno de 12 milhões de toneladas, dentro da média histórica produtiva, o que corrobora o cenário de aperto em virtude do alto volume exportado e dos reduzidos estoques de passagem. Para a safra 2018/19, em virtude de uma retração de área e de produtividade nos principais estados produtores, a estimativa de produção é de 10,4 milhões de toneladas.

Tabela 3.
Suprimento de arroz em casca (em mil t)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (*)	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
2018/19 (**)	671,8	10.428,1	1.300,0	12.399,9	11.000,0	900,0	499,9

Legenda: (*) Estimativa

(**) Previsão

Fonte: Conab

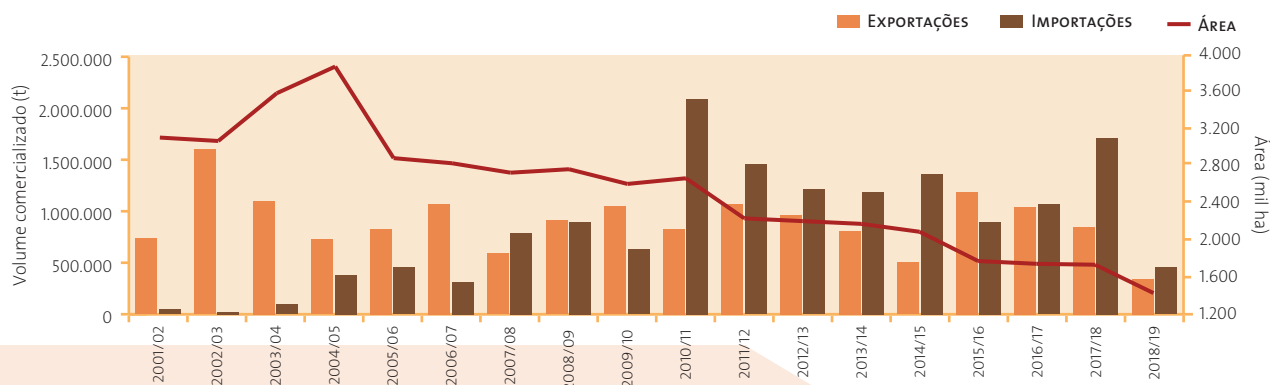
Na atual safra 2018/19, que já foi finalizada nos principais estados produtores e se encontra próxima do núcleo da entressafra, a expectativa é de que o volume produzido internamente seja insuficiente para suprir a demanda nacional. Com isso, projeta-se uma maior importação e menor exportação nos próximos meses. Mais especificamente sobre as exportações, a Venezuela, que sozinha foi responsável por mais de 36% de todo o valor comercializado pelo Brasil no mercado externo em 2018, passa por um momento turbulento social, político e econômico, o que seguramente refletirá nas vendas brasileiras.

Com isso, a atual projeção de quadro de suprimento aponta para um cenário de estoque de passagem ajustado, apesar da observada retração do consumo e da expectativa de *deficit* na balança comercial para a safra 2018/19. Sendo assim, a estimativa é que, em fevereiro de 2020, o estoque final fique em torno de 499,9 mil toneladas.

Ao analisar a evolução da área orizícola no país por meio do Gráfico 3, chega-se à conclusão de que, diferentemente do que amplamente declarado pelos produtores, o encolhimento da área cultivada não está relacionada com o comportamento das importações. No gráfico em questão, nota-se uma nítida tendência de redução de área, a qual independe da evolução das importações brasileiras.

Apesar da retração da área de arroz, a produção tem apresentado um comportamento estável, principalmente em razão do aumento da produtividade das lavouras. Este crescimento de produtividade está relacionado principalmente à maior tecnologia empregada no campo, ao desenvolvimento de novas variedades e à concentração produtiva de arroz irrigado, de maior rendimento por hectare. O arroz de sequeiro, que possui menor produtividade, foi gradativamente sendo substituído por culturas mais lucrativas e com melhor liquidez, como a soja, no Centro-Oeste.

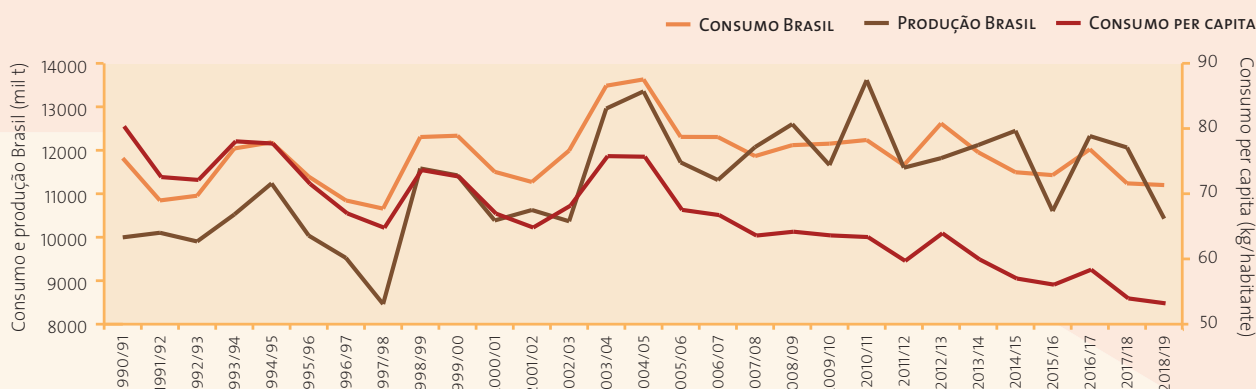
Gráfico 3.
Comparação da Balança Comercial e da Área no Brasil



Fonte: Conab, Julho/2019

Acerca do consumo brasileiro, como já citado, observa-se um arrefecimento na última safra. No Gráfico 4, constata-se que o consumo brasileiro sempre ficou próximo dos 12 milhões de toneladas, o que, em face do crescimento populacional, acarreta uma diminuição do consumo per capita de arroz no Brasil. Mais especificamente, na safra anterior e na atual, nota-se uma queda mais significativa na demanda total e, segundo estimativas do quadro de suprimento, o consumo brasileiro hoje encontra-se próximo de 11 milhões de toneladas.

Gráfico 4.
Produção e Consumo per capita no Brasil



Fonte: Conab/IBGE-mar/19

Notas: 1- Base arroz em casca.

2- A série de consumo per capita foi construída por meio de uma extrapolação da população do Censo do IBGE em conjunto com o consumo estimado no quadro de suprimento de arroz da Conab

Sobre o comportamento dos preços no Brasil, a maior parte dos fundamentos apontam para elevados valores ao longo da atual safra a ser comercializada. Entretanto, as paridades de importação (atualmente em R\$41,39 de arroz em casca paraguaio posto em Pelotas/RS) e a concentração da disponibilização do produto no mercado agem como fatores de arrefecimento dos preços. Ademais, ressalta-se que as indústrias beneficiadoras brasileiras têm relatado uma significativa queda na demanda, que pode resultar em uma maior projeção de queda do que o atualmente projetado e, conseqüentemente, em preços menos aquecidos na entressafra.

Como pode-se constatar no Gráfico 1, existe uma forte correlação do volume produzido e preços ao longo das safras. Todavia, a maior abertura do mercado para os produtos importados (principalmente o grão mercosulino) tem incrementado a importância das variáveis dólar

e, conseqüentemente, paridade de importação na formação dos preços internos. Atualmente, o valor comercializado no RS é de R\$41,94 por saco de 50kg arroz em casca ao produtor, como pode ser observado no Gráfico 2.

3.2. Rentabilidade

Sobre a rentabilidade (vide Tabela 2), o arroz irrigado no município de Cachoeira do Sul/RS apresentou uma margem líquida de -1,46% para safra 2017/18. Para a safra 2018/19, com a projeção de melhores preços ao longo da safra, projeta-se uma margem líquida de 5,72%. Com base nas produtividades efetivas observadas ao longo dos anos, nota-se a debilidade financeira da cadeia orizícola nas últimas safras, que, mesmo na safra 2015/16, a qual os preços operaram valorizados, não obteve elevada rentabilidade em razão de uma intensa quebra produtiva, o que reforçou o cenário de dificuldade enfrentado pelo setor.

Tabela 4.
Análise de rentabilidade de arroz na Depressão Central (Cachoeira do Sul) no RS

ARROZ IRRIGADO - RS										
SAFRAS	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19
PREÇO (R\$/50 KG)	25,61	20,32	29,79	31,88	34,05	35,44	44,77	38,37	37,37	44,00
PRODUTIVIDADE DO PACOTE (KG/HA)	5.610	7.336	7.222	7.351	6.770	7.249	6.326	7.351	7.851	7.287
ANÁLISE FINANCEIRA:										
A - RECEITA BRUTA (*II)	2.873,44	2.981,35	4.302,87	4.687,00	4.610,37	5.138,09	5.664,30	5.641,16	5.867,84	6.412,56
B - DESPESAS:										
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1.754,09	1.681,40	2.007,09	2.277,83	2.582,52	3.190,86	4.060,99	4.172,75	4.264,86	4.325,94
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	2.839,31	2.736,05	2.605,97	2.934,29	3.267,83	4.045,29	5.045,54	5.185,98	5.314,01	5.370,55
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	3.236,01	3.147,95	3.035,19	3.363,35	3.716,73	4.568,34	5.588,31	5.729,70	5.953,80	6.045,91
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1.119,35	1.299,95	2.295,78	2.409,17	2.027,85	1.947,23	1.603,31	1.468,41	1.602,98	2.086,62
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	34,13	245,30	1.696,90	1.752,71	1.342,54	1.092,80	618,76	455,18	553,83	1.042,01
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	-362,57	-166,60	1.267,68	1.323,65	893,64	569,75	75,99	-88,54	-85,96	366,65
INDICADORES:										
RECEITA SOBRE O CUSTEIO (A / B1)	1,64	1,77	2,14	2,06	1,79	1,61	1,39	1,35	1,38	1,48
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL (A / B2)	1,01	1,09	1,65	1,60	1,41	1,27	1,12	1,09	1,10	1,19
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL (A / B3)	0,89	0,95	1,42	1,39	1,24	1,12	1,01	0,98	0,99	1,06
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA (A / A)	38,96%	43,60%	53,35%	51,40%	43,98%	37,90%	28,31%	26,03%	27,32%	32,54%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA (B / A)	1,19%	8,23%	39,44%	37,40%	29,12%	21,27%	10,92%	8,07%	9,44%	16,25%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA (C / A)	-12,62%	-5,59%	29,46%	28,24%	19,38%	11,09%	1,34%	-1,57%	-1,46%	5,72%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

Notas: 1- Preços médios ponderados pela comercialização mensal no RS e custos do município de Cachoeira do Sul/RS

2- Preços da Safra 2018/19 é referente a perspectiva de preço médio de comercialização ao longo do período comercial.

Na análise por região, nota-se a heterogeneidade entre as áreas orizícolas no RS. Nas regiões com uma maior concentração de pequenas propriedades, nota-se uma maior fragilidade financeira. Nesta conjuntura, destacam-se a Depressão Central e a Planície Costeira Externa. De outro lado, a Zona Sul e a Fronteira Oeste, regiões tradicionalmente com propriedades de maior escala, apresentaram um melhor retrato. Ressalta-se que ambas as regiões possuem um maior percentual de áreas de terras baixas, o que reduz a necessidade de bombeamento de água e, conseqüentemente, de utilização de energia, resultando em menor custo de produção. No caso da Zona Sul, o melhor preço de comercialização, em razão da proximidade com o Porto de Rio Grande (RS), foi também fator preponderante para a boa rentabilidade do setor na região.

Tabela 5.
Evolução da Margem Líquida por Região no RS

ARROZ IRRIGADO - RS					
SAFRAS	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19
FRONTEIRA OESTE	20,23%	7,05%	2,88%	8,27%	-4,50%
DEPRESSÃO CENTRAL	11,92%	1,34%	-0,27%	-0,01%	-8,18%
PLANÍCE COSTEIRA EXTERNA	-	4,90%	-2,73%	-11,45%	3,01%
ZONA SUL	30,92%	20,28%	14,45%	14,86%	6,08%

Fonte: Siagro/Conab.

4. Perspectivas para a próxima safra

Com o intuito de projetar cenários para o decorrer da comercialização da atual safra e da próxima, foram elaborados três exercícios econométricos. Com isso, realizaram-se modelos de regressão simples com as variáveis explicativas “Produção nacional”, “Variação dos estoques de passagem” e “Saldo entre a produção e consumo nacionais”. Destaca-se que toda série de preços do RS, da safra 1994/95 até a safra 2018/19, foi inflacionada, ou seja, todas as projeções estão com base nos preços reais atuais (julho/2019).

Após os resultados, constatou-se que o modelo, com a variável explicativa “Saldo entre a produção e consumo nacionais” foi a que melhor explicou o comportamento dos preços reais, sendo esse exercício estatístico significativo ao nível de significância de 5%, com um Valor-P de 0,02051 para a variável explicativa. Todavia, é importante ilustrar que o modelo, com a variável explicativa “Produção nacional”, também apresentou boa aderência ao comportamento dos preços reais, sendo esse exercício estatístico significativo ao nível de significância de 10%, com um Valor-P de 0,06338 para a variável explicativa. Já o modelo com a utilização do parâmetro “Variação dos estoques de passagem” não apresentou um elevado nível de significância e não se mostrou aderente ao comportamento dos preços de mercado.

Na Tabela 7, seguem discriminados os dois modelos de regressão simples que apresentaram os melhores resultados. Para a safra 2018/19, o modelo “Produção nacional” estimou um preço médio de R\$51,51/50kg. Já o modelo com a variável “Saldo entre a produção e consumo nacionais” prevê um valor de comercialização de R\$48,72/50kg para a safra 2018/19.

Tabela 6.
Modelos econométricos para o mercado orizícola brasileiro

MODELO - PRODUÇÃO NACIONAL	COEFICIENTE DA VARIÁVEL EXPLICATIVA	INTERCEPTO	VALOR-P DO COEFICIENTE DA VARIÁVEL EXPLICATIVA	PRODUÇÃO NACIONAL EM MIL TONELADAS NA SAFRA 2018/19	PREVISÃO DO PREÇO MÉDIO (PREÇOS REAIS DE JULHO/19)
PRODUÇÃO NACIONAL SAFRA 2018/19	-0,003172906	84,60117	0,06338	10.428,1	51,51
MODELO - SALDO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO NACIONAL					
SALDO NACIONAL SAFRA 2018/19	-0,005445336	45,60770	0,02051	-571,9	48,72
MODELO - PRODUÇÃO NACIONAL					
PRODUÇÃO NACIONAL SAFRA 2019/20	-0,003172906	84,60117	0,06338	10.784,8	50,38
MODELO - SALDO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO NACIONAL					
SALDO NACIONAL SAFRA 2019/20	-0,005445336	45,60770	0,02051	-215,2	46,78

Fonte: Siagro/Conab.

Ao ponderar o ano atípico de 2018 no mercado orizícola, no qual os preços estiveram cotados abaixo do preço mínimo oficial vigente de R\$36,01/50kg durante diversos meses, projetam-se, para a safra 2018/19, preço médio menor do que o indicado pelos modelos. Ao longo do trabalho foi ilustrado os diversos fatores que contribuem para a construção da atual conjuntura de mercado. Entretanto, espera-se um cenário de preços mais elevados na entressafra, com a expectativa de que os preços superem o patamar dos R\$48,00/50kg. Porém, o preço médio deverá ficar abaixo desse patamar. Com isso, para atual safra 2018/19, os preços médios anuais devem ficar entre R\$44,00/50kg e R\$46,00/50kg, a depender da distância do município de comercialização ao Porto de Rio Grande (RS).

Para a próxima safra 2019/20, apesar da expectativa de recuperação de produtividade em relação atual safra, que sofreu com intempéries climáticas no Sul do país, a perspectiva é de que a produção nacional de arroz (ponto médio de 10,8 milhões de toneladas, com intervalo entre 10,4 milhões de toneladas e 11,2 milhões de toneladas) continue abaixo da média histórica em meio a uma constante redução de área destinada à cultura, como já detalhado ao longo do presente trabalho. Destaca-se que esta projeção foi fundamentada em estudos estatísticos. Posteriormente, foi acrescentada uma análise qualitativa sobre os resultados. Para obtenção desta projeção de produção da safra 2019/20 foram consideradas as seguintes premissas:

1. Manutenção de área e produtividade para todo país, com exceção dos estados do RS e SC, com área total estimada em 1.674,68 mil ha;
2. Para o RS, estima-se uma redução de 2% em razão da baixa rentabilidade identificada nas últimas safras, porém há expectativa de retomada da produtividade para o mesmo patamar na safra 2017/18;
3. Para SC, estima-se uma manutenção de área e recuperação da produtividade para o mesmo patamar na safra 2017/18.

Tabela 7.
Projeção de Quadro de Suprimento de Arroz em Casca em mil Toneladas

SAFRA 2018/19	PRODUÇÃO (EM MIL TONELADAS)			VARIAÇÃO (%)		
	SAFRA 2019/20			LIMITE INFERIOR	PROJEÇÃO	CENÁRIO POSI- TIVO
	MÉDIA	CENÁRIO NEGATIVO	CENÁRIO POSITIVO			
10.428,1	10.784,2	10.370,3	11.198,1	-3,8%	6,0%%	3,8%

Fonte: Conab

Sobre o consumo, estima-se que se estabilize por volta de 11 milhões de toneladas e mantenha-se a tendência de redução do consumo per capita brasileiro, mesmo em frente à uma projeção de crescimento econômico em 2019 de 0,81% a.a. e, em 2020, de 2,10% a.a, segundo o Boletim Focus do Banco Central do Brasil no dia 12/08/2019. O arroz é um bem inferior e o crescimento do poder aquisitivo da população reflete usualmente em substituição do seu consumo por outros bens alimentícios de maior valor de mercado.

Ademais, acerca da balança comercial, a expectativa é de *deficit* de 200 mil toneladas para safra 2019/20, pois é esperada uma leve recuperação das exportações e retração nas importações frente à perspectiva de preços internos em patamares moderados, de preços internacionais mais elevados e de menor *deficit* produtivo estimado para a safra 2019/20. Com isso, é construído o quadro de suprimento que segue apresentado na Tabela 8, abaixo.

Tabela 8.
Projeção de Quadro de Suprimento de Arroz em Casca em mil Toneladas

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
2018/19	671,8	10.428,1	1.300,0	12.399,9	11.000,0	900,0	499,9
2019/20	499,9	10.784,8	1.200,0	12.484,7	11.000,0	1.000,0	484,7

Fonte: Conab

Com este cenário traçado, a projeção para a safra 2019/20 é de preços médios próximos dos R\$46,78/50kg, seguindo projeções econométricas do modelo mais significativo. Adicionando o fator sazonalidade, a cotação esperada para o início e núcleo da colheita da safra 2019/20 é de R\$43,80/50kg. Ressalta-se, todavia, que uma produção de arroz muito acima do previsto, de 11,2 milhões de toneladas (limite superior de projeção), poderá refletir em forte viés de baixa nas cotações internas.

Com estas estimativas de preços ponderadas pela influência da localidade de comercialização, pode-se realizar um análise da rentabilidade esperada da safra 2019/20. Para a Zona Sul, adicionou um ágio de R\$1,00/sc e para as demais regiões, um deságio de R\$0,50/sc em virtude das distâncias até o Porto de Rio Grande (RS). É importante destacar que o custo de produção foi sazonalizado para os patamares de preços dos insumos do mês de setembro de 2019, o qual se concentra o início do plantio da safra 2019/20 da cultura nos principais estados

produtores (RS e SC). Com isso, identificou-se, para o município de Cachoeira do Sul (Depressão Central), de Pelotas (Zona Sul), Uruguaiana (Fronteira Oeste) e de Santo Antônio da Patrulha (Planície Costeira Externa) os resultados que podem ser observados na Tabela 9, a seguir:

Tabela 9.
Projeção de Rentabilidade para o Arroz na Zona

MODELO - PRODUÇÃO NACIONAL	LIMITE INFERIOR	MÉDIA	LIMITE SUPERIOR
PREÇO PROJETADO (R\$/50KG)	44,00	46,30	48,60
PRODUTIVIDADE IDENTIFICADA (KG/HA)	7.300	7.300	7.300
MARGEM BRUTA (CV)/RECEITA (B/A)	-2,21%	2,87%	7,46%
MARGEM LÍQUIDA (CO)/RECEITA (C/A)	-26,44%	-20,16%	-14,48%
MODELO - SALDO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO NACIONAL			
PREÇO PROJETADO (R\$/50KG)	45,60	47,80	50,10
PRODUTIVIDADE IDENTIFICADA (KG/HA)	8.000	8.000	8.000
MARGEM BRUTA (CV)/RECEITA (B/A)	13,19%	17,74%	22,09%
MARGEM LÍQUIDA (CO)/RECEITA (C/A)	2,00%	7,11%	11,96%
MODELO - PRODUÇÃO NACIONAL			
PREÇO PROJETADO (R\$/50KG)	44,00	46,30	48,60
PRODUTIVIDADE IDENTIFICADA (KG/HA)	8.000	8.000	8.000
MARGEM BRUTA (CV)/RECEITA (B/A)	19,31%	23,79%	27,86%
MARGEM LÍQUIDA (CO)/RECEITA (C/A)	10,29%	15,23%	19,69%
MODELO - SALDO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO NACIONAL			
PREÇO PROJETADO (R\$/50KG)	44,00	46,30	48,60
PRODUTIVIDADE IDENTIFICADA (KG/HA)	7.500	7.500	7.500
MARGEM BRUTA (CV)/RECEITA (B/A)	6,94%	11,70%	16,01%
MARGEM LÍQUIDA (CO)/RECEITA (C/A)	-4,50%	0,82%	5,65%

Fonte: Conab

5. Considerações finais

Dadas todas as informações apresentadas ao longo do trabalho, destaca-se que o setor do arroz no Brasil segue uma tendência de retração, resultado primordialmente da baixa rentabilidade do setor em comparação com outros setores agrícolas, com destaque para a soja nas regiões Centro-Oeste e Sul.

Dada a relevância do setor orizícola no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícola e de abastecimento. É um dos produtos que o Governo Federal tem dado maior atenção, de modo que quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o Poder Público tem sido bem presente. No curto prazo, não há indícios de necessidade de intervenção governamental, porém, no médio prazo, existe uma baixa probabilidade da necessidade de atuação governamental de apoio à comercialização no mercado do arroz, a depender do volume produzido na safra 2019/20.



Foto: acervo Conab.

1. Introdução

O Brasil permanece em destaque no cenário mundial como um dos mais importantes produtores e exportadores de proteína animal. Neste trabalho, abordar-se-á os aspectos relacionados às carnes de frango e suína.

O alto nível tecnológico utilizado pela agroindústria brasileira assegura aos consumidores produtos de qualidade a preços competitivos, com o reconhecimento do mercado internacional quanto à qualidade e sanidade do produto.

O mercado interno também tem grande expressividade no consumo de carnes, considerando que o consumo da carne de frango equivale a cerca de 70% da produção, e o da carne suína, 84%.

Significativa parte da produção de milho e de farelo de soja, principais componentes da ração animal, faz da produção de carnes um importante elo na cadeia produtiva de grãos.

2. Mercado internacional

2.1. Oferta e demanda

2.1.1. Carne de frango

Os dados divulgados em abril de 2019 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) indicam que a produção mundial de carne de frango neste exercício deverá apresentar incremento de cerca de 3% em relação ao ano de 2018, conforme se observa na Tabela 1.

Tabela 1.
Suprimento mundial de carne de frango (em mil t)

PAÍSES	2016	2017	2018	2019/ABR*	VARIAÇÃO		
					2017/16	2018/17	2019/18
Produção	92.252	93.622	95.500	98.382	1,5%	2,0%	3,0%
Consumo	90.929	91.853	93.629	96.464	1,0%	1,9%	3,0%
Exportação	10.718	11.025	11.238	11.594	2,9%	1,9%	3,2%
Importação	9.379	9.313	9.355	9.698	-0,7%	0,5%	3,7%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

Os EUA são os maiores produtores mundiais e também os maiores consumidores de carne de frango (Tabela 2). Em seguida vem o Brasil, China e União Europeia como principais produtores.

Problemas relacionados à sanidade são persistentes na China, fazendo com que esse país se mantenha como demandante de importações para seu abastecimento interno.

Tabela 2.
Produção mundial de carne de frango (em mil t)

	PAÍSES	2016	2017	2018	2019ABR*	VARIAÇÃO		
						2017/16	2018/17	2019/18
1	EUA	18.510	18.938	19.361	19.546	2,3%	2,2%	1,0%
2	Brasil	13.523	13.612	13.355	13.635	0,7%	-1,9%	2,1%
3	China	12.448	11.600	11.700	12.650	-6,8%	0,9%	8,1%
4	União Europeia	11.560	11.912	12.200	12.475	3,0%	2,4%	2,3%
5	Índia	4.427	4.640	4.855	5.100	4,8%	4,6%	5,0%
6	Rússia	4.328	4.617	4.872	4.900	6,7%	5,5%	0,6%
7	México	3.275	3.400	3.485	3.600	3,8%	2,5%	3,3%
8	Tailândia	2.813	2.990	3.170	3.280	6,3%	6,0%	3,5%
9	Turquia	1.925	2.188	2.225	2.335	13,7%	1,7%	4,9%
10	Argentina	2.119	2.150	2.110	2.120	1,5%	-1,9%	0,5%
11	Colômbia	1.538	1.627	1.679	1.750	5,8%	3,2%	4,2%
12	Outros	15.786	15.948	16.488	16.991	1,0%	3,4%	3,1%
	TOTAL	92.252	93.622	95.500	98.382	1,5%	2,0%	3,0%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

Já os fluxos das exportações mundiais estimadas pelo USDA apresentam um cenário de crescimento da ordem de 3,2%, com pequeno aumento dos volumes dos principais exportadores comparativamente aos observados em 2018 (Tabela 3), e intensificação das exportações da Tailândia, Turquia e Ucrânia, embora em baixos volumes.

O Brasil continua a liderar as exportações mundiais, tendo como principais concorrentes os EUA e a União Europeia.

Tabela 3.
Exportações mundiais de carne de frango (em mil t)

	PAÍSES	2016	2017	2018	2019Abr*	VARIAÇÃO		
						2017/16	2018/17	2019/18
1	Brasil	3.889	3.847	3.687	3.775	-1,1%	-4,2%	2,4%
2	EUA	3.086	3.140	3.244	3.272	1,7%	3,3%	0,9%
3	União Europeia	1.276	1.326	1.429	1.460	3,9%	7,8%	2,2%
4	Tailândia	690	757	835	935	9,7%	10,3%	12,0%
5	Turquia	263	357	418	485	35,7%	17,1%	16,0%
6	China	386	436	447	425	13,0%	2,5%	-4,9%
7	Ucrânia	236	264	317	350	11,9%	20,1%	10,4%
8	Belarus	145	150	166	155	3,4%	10,7%	-6,6%
9	Rússia	104	124	128	135	19,2%	3,2%	5,5%
10	Argentina	158	178	124	130	12,7%	-30,3%	4,8%
11	Canadá	134	134	124	130	0,0%	-7,5%	4,8%
12	Outros	351	312	319	342	-11,1%	2,2%	7,2%
TOTAL		10.718	11.025	11.238	11.594	2,9%	1,9%	3,2%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

A Tabela 4 apresenta, segundo dados do Usda, os maiores importadores de carne de frango do mundo, cujo crescimento global estimado é da ordem de 3,7%.

Tabela 4.
Importações mundiais de carne de frango (em mil t)

	PAÍSES	2016	2017	2018	2019Abr*	VARIAÇÃO		
						2017/16	2018/17	2019/18
1	Japão	973	1.056	1.074	1.100	8,5%	1,7%	2,4%
2	Mexico	791	804	820	840	1,6%	2,0%	2,4%
3	União Europeia	763	693	703	720	-9,2%	1,4%	2,4%
4	Iraque	661	656	639	640	-0,8%	-2,6%	0,2%
5	Arabia Saudita	939	750	650	600	-20,1%	-13,3%	-7,7%
6	China	430	311	342	575	-27,7%	10,0%	68,1%
7	Africa do Sul	504	508	521	545	0,8%	2,6%	4,6%
8	Emirados Arabes Unidos	382	380	395	400	-0,5%	3,9%	1,3%
9	Filipinas	244	266	320	355	9,0%	20,3%	10,9%
10	Angola	205	267	317	300	30,2%	18,7%	-5,4%
11	USA	61	59	64	64	-3,3%	8,5%	0,0%
12	Outros	3.426	3.563	3.510	3.559	4,0%	-1,5%	1,4%
TOTAL		9.379	9.313	9.355	9.698	-0,7%	0,5%	3,7%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

A expressiva redução das importações de carne de frango pela Arábia Saudita decorre do fortalecimento da produção local, muito embora essa produção não seja suficiente para suprir a demanda do seu mercado interno.

O fato a se destacar refere-se à China, que enfrenta sérias dificuldades com a Peste Suína Africana (PSA). Dessa forma, é de se esperar que a partir do segundo semestre de 2019 ocorra uma demanda ainda maior de proteína animal pela China.

2.1.2. Carne suína

De acordo ainda com os dados divulgados pelo Usda, a produção de carne suína sinaliza queda nos volumes de produção mundial, com redução de 4,1% em relação aos volumes de 2018 (Tabela 5).

Tabela 5.
Suprimento mundial de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

PAÍSES	2016	2017	2018	2019/ABR*	VARIAÇÃO		
					2017/16	2018/17	2019/18
Produção	111.394	112.114	113.081	108.494	0,6%	0,9%	-4,1%
Consumo	111.068	111.642	112.472	108.236	0,5%	0,7%	-3,8%
Exportação	8.355	8.308	8.446	9.083	-0,6%	1,7%	7,5%
Importação	7.981	7.883	7.906	8.766	-1,2%	0,3%	10,9%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

A China, com sua expressiva produção, historicamente na casa dos 54 milhões de toneladas, aponta para uma queda de produção da ordem de 10,3%, resultado da epidemia da PSA em seu território, obrigando o abate de boa parte de seu rebanho na tentativa de controlar essa doença, ainda sem sucesso (Tabela 6).

Destaca-se o aumento da produção dos EUA e Brasil, estimado em 3,8% e 5,6%, respectivamente, em comparação a 2018. Isso decorre das exportações, do abate de suínos maiores e ganho de peso de carcaça (aumento de produtividade).

Tabela 6.
Produção mundial de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

	PAÍSES	2016	2017	2018	2019ABR*	VARIAÇÃO		
						2017/16	2018/17OUT	2019/18
1	China	54.255	54.518	54.040	48.500	0,5%	-0,9%	-10,3%
2	União Europeia	23.866	23.660	24.300	24.225	-0,9%	2,7%	-0,3%
3	EUA	11.320	11.611	11.942	12.401	2,6%	2,9%	3,8%
4	Brasil	3.700	3.725	3.763	3.975	0,7%	1,0%	5,6%
5	Rússia	2.870	2.990	3.155	3.255	4,2%	5,5%	3,2%
6	Vietnã	2.701	2.741	2.801	2.800	1,5%	2,2%	0,0%
7	Canadá	1.914	1.959	1.930	1.950	2,4%	-1,5%	1,0%
8	Filipinas	1.540	1.563	1.602	1.640	1,5%	2,5%	2,4%
9	México	1.211	1.267	1.321	1.375	4,6%	4,3%	4,1%
10	Coreia do Sul	1.266	1.280	1.329	1.355	1,1%	3,8%	2,0%
11	Japão	1.279	1.272	1.284	1.290	-0,5%	0,9%	0,5%
12	Outros	5.472	5.528	5.614	5.728	1,0%	1,6%	2,0%
	TOTAL	111.394	112.114	113.081	108.494	0,6%	0,9%	-4,1%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

Cabe destacar também o aumento da produção da Rússia nos últimos anos, como decorrência das melhorias tecnológicas em seu sistema produtivo.

Os fluxos das exportações/importações de carne suína indicam crescimento da ordem de 7,5% e 10,9%, respectivamente, porém com os principais mercados exportadores divididos entre Brasil, EUA, União Europeia e Canadá (Tabela 7).

Tabela 7.
Exportações mundiais de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

PAÍSES		2016	2017	2018	2019Abr*	VARIAÇÃO		
						2017/16	2018/17out	2019/18
1	União Europeia	3.130	2.858	2.934	3.250	-8,7%	2,7%	10,8%
2	USA	2.376	2.554	2.663	2.801	7,5%	4,3%	5,2%
3	Canada	1.320	1.351	1.330	1.390	2,3%	-1,6%	4,5%
4	Brasil	832	786	730	900	-5,5%	-7,1%	23,3%
5	Chile	173	171	200	220	-1,2%	17,0%	10,0%
6	Mexico	141	170	178	185	20,6%	4,7%	3,9%
7	China	191	208	203	160	8,9%	-2,4%	-21,2%
8	Russia	25	37	45	50	48,0%	21,6%	11,1%
9	Australia	38	43	47	45	13,2%	9,3%	-4,3%
10	Africa do Sul	15	18	19	20	20,0%	5,6%	5,3%
11	Servia	11	16	14	16	45,5%	-12,5%	14,3%
12	Outros	103	96	83	46	-6,8%	-13,5%	-44,6%
TOTAL		8.355	8.308	8.446	9.083	-0,6%	1,7%	7,5%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

Essas estimativas apontam para um expressivo aumento das exportações do produto brasileiro, de cerca de 23,3%. O retorno da Rússia ao mercado comprador da carne suína brasileira contribui para esse cenário positivo das exportações, lembrando que a Rússia, historicamente o principal mercado importador da carne brasileira, ficou fora do mercado em 2018.

A Tabela 8 apresenta os principais importadores de carne suína no mundo.

Tabela 8.
Importações mundiais de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

PAÍSES		2016	2017	2018	2019Abr*	VARIAÇÃO		
						2017/16	2018/17out	2019/18
1	China	2.181	1.620	1.561	2.200	-25,7%	-3,6%	40,9%
2	Japão	1.361	1.475	1.481	1.525	8,4%	0,4%	3,0%
3	Mexico	1.021	1.083	1.188	1.235	6,1%	9,7%	4,0%
4	Korea do Sul	615	645	753	700	4,9%	16,7%	-7,0%
5	USA	495	506	473	456	2,2%	-6,5%	-3,6%
6	Hong Kong	429	463	423	375	7,9%	-8,6%	-11,3%
7	Filipinas	195	241	286	315	23,6%	18,7%	10,1%
8	Canada	215	222	233	255	3,3%	5,0%	9,4%
9	Australia	210	215	216	230	2,4%	0,5%	6,5%
10	Colombia	66	99	128	150	50,0%	29,3%	17,2%
11	Russia	347	374	87	135	7,8%	-76,7%	55,2%
12	Outros	846	940	1.077	1.190	11,1%	14,6%	10,5%
TOTAL		7.981	7.883	7.906	8.766	-1,2%	0,3%	10,9%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2019

Observe-se o aumento de aproximadamente 40,9% das importações pela China, como decorrência da epidemia de PSA anteriormente citada.

3. Mercado interno

3.1. Carne de frango

O desempenho da produção de carne de frango no primeiro semestre de 2019 indica crescimento da ordem de 3,9% em comparação ao volume produzido em 2018 (Tabela 9).

Embora o Brasil se mantenha como o maior exportador mundial, continua tendo como forte concorrente os EUA. O acesso a novos mercados segue bastante restrito, posto que o produto brasileiro já atende aos principais países importadores.

Os dados observados no primeiro semestre de 2019 apontam para um pequeno aumento da disponibilidade interna per capita, de 44,3kg em 2018 para 44,6kg por habitante/ano em 2019.

Já as exportações indicam um crescimento de 9,8% em 2019, principalmente pelo aumento da demanda chinesa.

Tabela 9.
Quadro de suprimentos de carne de frango

ANO	2015	2016	2017	2018	2019*
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	6.500,5	6.444,6	6.206,3	6.063,8	6.400,8
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	13.546,6	13.523,5	13.612,1	13.288,6	13.803,1
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	4.225,1	4.307,1	4.231,6	4.017,7	4.412,8
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	9.321,5	9.216,4	9.380,5	9.270,9	9.390,3
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	204,45	206,08	207,66	209,19	210,66
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	45,6	44,7	45,2	44,3	44,6
Variação Percentual:					
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	-	-0,9%	-3,7%	-2,3%	5,6%
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	-	-0,2%	0,7%	-2,4%	3,9%
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	-	1,9%	-1,8%	-5,1%	9,8%
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	-	-1,1%	1,8%	-1,2%	1,3%
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	-	0,8%	0,8%	0,7%	0,7%
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	-	-1,9%	1,0%	-1,9%	0,6%

Legenda: (*) Estimativa da Conab.

Fonte: Produção: Assoc. Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte - Apinco

Exportação: Secex

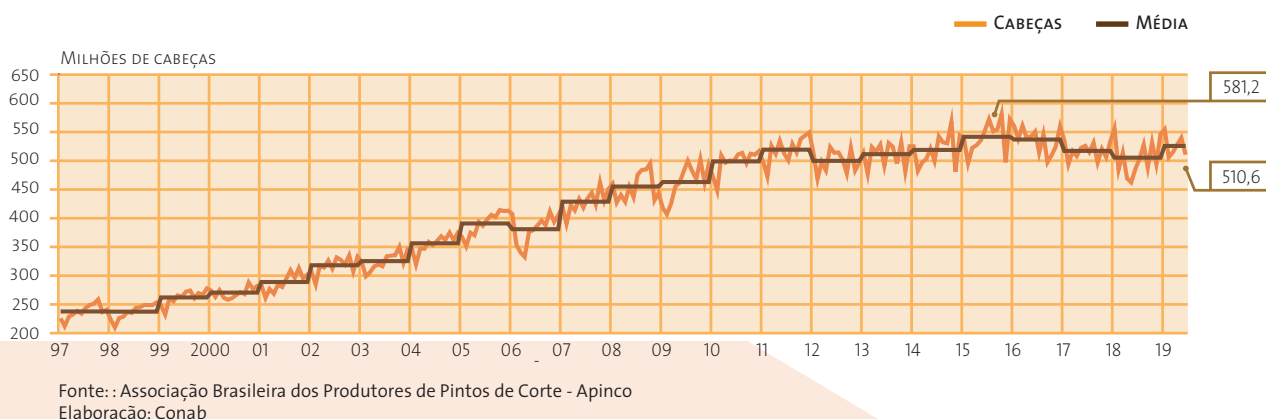
População: IBGE

Nota: O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne

O alojamento mensal de pintainhas de corte (Gráfico 1) mostra aumento médio para 525,8 milhões de cabeças em 2019, invertendo a curva decrescente desde 2016, quando o consumo interno caiu em função da perda de poder aquisitivo da população pelos altos níveis de desemprego e pela redução da demanda mundial dos principais países importadores.

Em 2019, o aumento do alojamento de pintainhas aponta para uma recuperação da demanda interna/externa.

Gráfico 1.
Evolução do Alojamento Mensal de Pintainhas de Corte

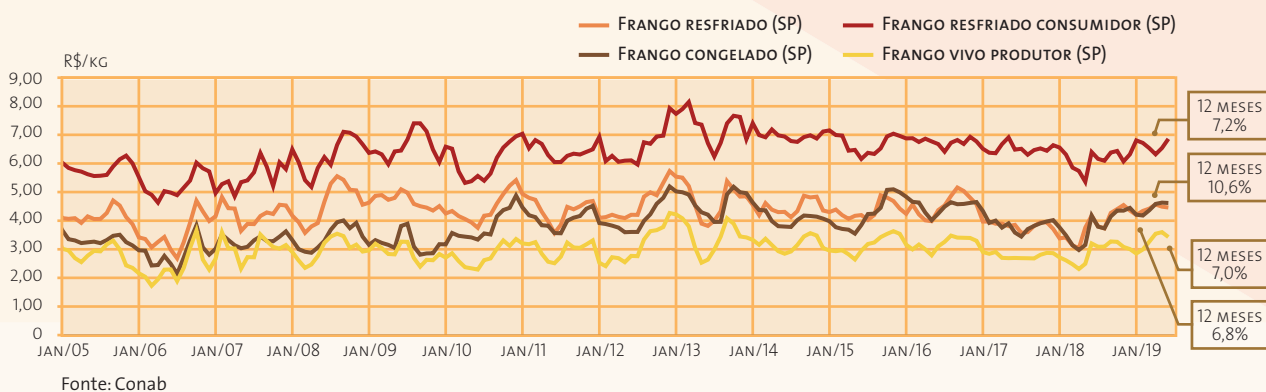


3.1.1. Preços

O Gráfico 2 mostra a evolução dos preços reais da carne de frango nos diversos níveis de mercado, deflacionados pelo IPCA de junho de 2019.

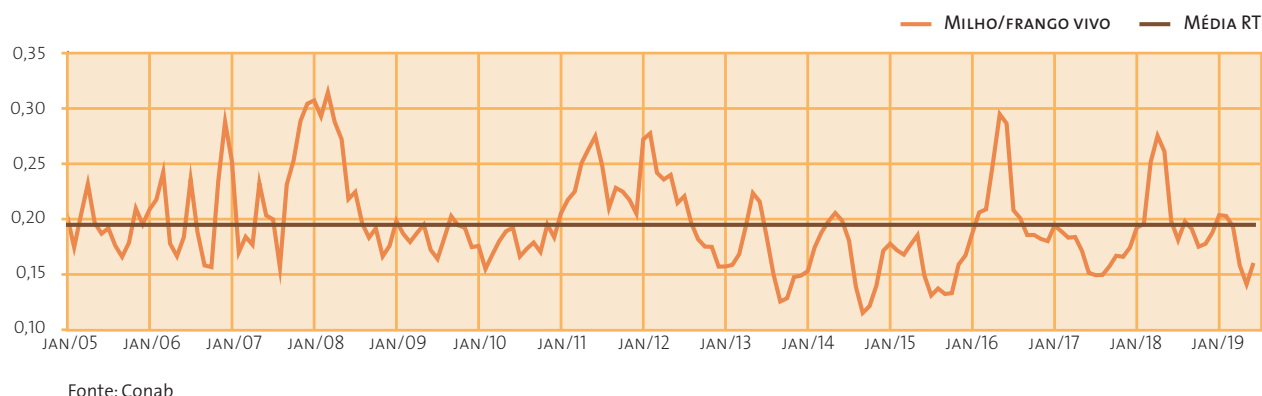
Diferentemente de anos anteriores, quando sazonalmente os preços apresentam queda no primeiro semestre do ano, recuperando-se no segundo semestre, em 2019 esses preços, em nível de produtor e de atacado, apresentaram crescimento, recuperando-se de um fraco desempenho em 2018. Já os preços ao consumidor, embora apresentassem queda de fevereiro a abril de 2019, voltaram a se recuperar a partir de maio de 2019.

Gráfico 2.
Evolução dos Preços Reais de Carne de Frango a preços de junho/2019 – Deflator IPCA



A relação de troca milho/frango (Gráfico 3) mostra-se positiva para o produtor, uma vez que a quantidade de frango vivo para se adquirir uma unidade de milho está abaixo da média do período analisado. Isso é favorecido pelos melhores preços do frango, cuja evolução é de maior intensidade que a do preço do principal insumo da ração.

Gráfico 3.
Relação de Troca Milho / Frango (SP)



3.2. Carne suína

A produção de carne suína deverá fechar 2019 com um crescimento de cerca de 2,2% em relação a 2018 (Tabela 10), conforme os dados de produção observados no primeiro semestre desse ano.

Um aumento da oferta mundial de carne suína produzida pelos EUA e Rússia (Tabela 6) oferece forte concorrência à produção brasileira.

Contudo, o aumento das exportações em 2019 traz fôlego aos suinocultores, muito embora os dados indiquem a disponibilidade interna de carne suína se mantendo semelhante aos níveis de 2018, ou seja, 16kg por habitante/ano.

Tabela 10.
Quadro de suprimentos de carne de suíno

ANO	2015	2016	2017	2018	2019*
REBANHO (1.000 cabeças)	39.795,2	39.893,1	41.099,5	42.512,3	43.679,6
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 t equiv. carcaça)	3.676,0	3.731,4	3.840,5	3.973,7	4.060,6
IMPORTAÇÃO (1.000 t equiv. carcaça)	10,3	13,8	15,2	16,8	20,4
EXPORTAÇÃO (1.000 t equiv. Carcaça)	499,2	735,9	699,8	650,7	703,4
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t equiv. carcaça)	3.187,1	3.009,3	3.155,9	3.339,8	3.377,6
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	204,45	206,08	207,66	209,19	210,66
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	15,6	14,6	15,2	16,0	16,0
Variação Percentual:					
REBANHO (1.000 cabeças)	-	0,2%	3,0%	3,4%	2,7%
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	1,5%	2,9%	3,5%	2,2%
IMPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	34,0%	10,1%	10,5%	21,4%
EXPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	47,4%	-4,9%	-7,0%	8,1%
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t equiv. carcaça)	-	-5,6%	4,9%	5,8%	1,1%
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	-	0,8%	0,8%	0,7%	0,7%
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	-	-6,3%	4,1%	5,1%	0,4%

Legenda: (*) Estimativa da Conab.

Fonte: Rebanho: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal

Exportação e Importação: Secex

População: IBGE

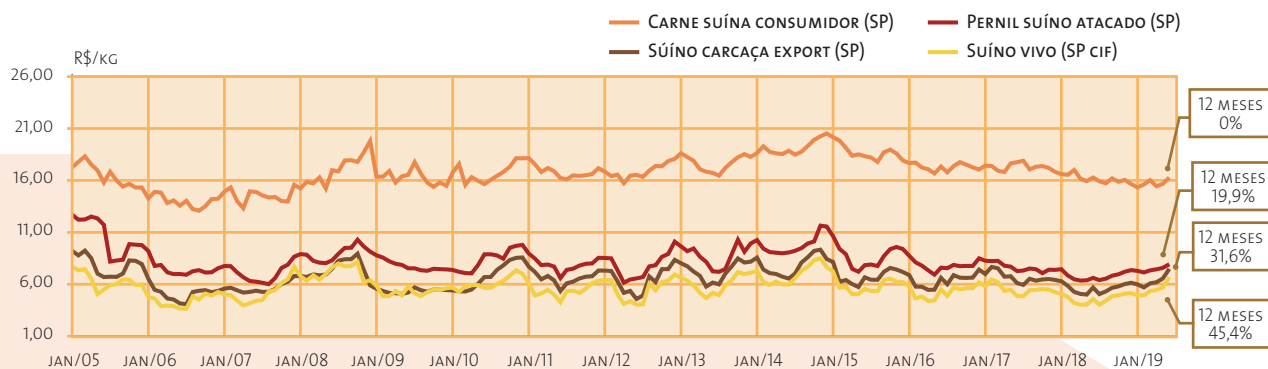
Produção de carne: Abipecs/Abpa/7fluir

Nota: As exportações e as importações de carne suína resultam dos dados da Secex

3.2.1. Preços

O Gráfico 4 demonstra a evolução dos preços reais da carne suína nos diversos níveis de mercado, deflacionados pelo IPCA de junho de 2019.

Gráfico 4.
Evolução dos Preços Reais de Carne Suína a Preços de Junho/2019 – Deflator IPCA



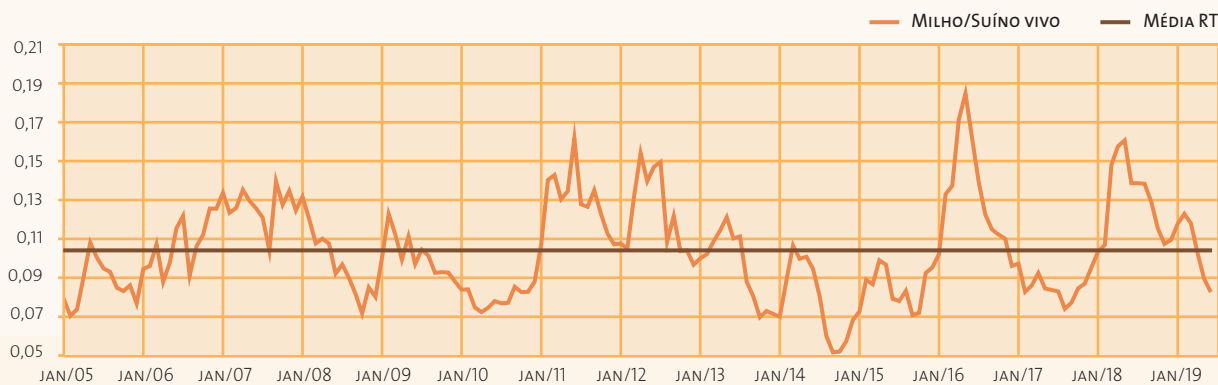
Fonte: Conab

A exemplo do que ocorreu com os preços da carne de frango, também os preços da carne suína em nível de produtor e de atacado mostram crescimento desde o segundo semestre de 2018, não se observando em 2019 o efeito sazonal de queda de preços no primeiro semestre do ano.

O que se vê é uma recuperação desses preços em comparação àqueles praticados no primeiro semestre de 2018, que apresentaram baixos desempenhos, alcançando níveis históricos de preços retraídos em anos anteriores (como se observa no Gráfico 3) basicamente em função do aumento da oferta interna e do embargo russo durante o ano de 2018.

A relação de troca milho/suíno vivo (Gráfico 5) também mostra-se positiva para o produtor, uma vez que a quantidade de suíno vivo para se adquirir uma unidade de milho também está abaixo da média do período analisado. Assim como para o frango vivo, isso é favorecido pelos melhores preços do suíno vivo, cuja evolução é de maior intensidade que a do preço do milho.

Gráfico 5.
Relação de Troca Milho / Suíno Vivo (SP)



Fonte: Conab

4. Mercado externo

Conforme se observa na Tabela 11, o volume de carne de frango a ser exportado em 2019 indica um aumento de cerca de 9,8%. Para a carne suína, esse aumento é estimado em 16,3%. Os preços internacionais em dólar por tonelada também apresentam expressiva recuperação: 6,1% para a carne de frango e 12% para a carne suína.

Tabela 11.
Exportações anuais de carne de frango e suína

ANO	TIPO	RECEITA US\$ MILHÕES FOB	VAR	VOLUME MIL T LÍQUIDA	VAR	US\$/T	VAR
2015	FRANGO	7.070,5	-	4.225,1	-	1.673,46	-
	SUÍNA	1.263,9	-	542,1	-	2.331,35	-
	TOTAL	8.334,4	-	4.767,2	-	1.748,27	-
2016	FRANGO	6.760,2	-4,4%	4.307,1	1,9%	1.569,57	-6,2%
	SUÍNA	1.469,5	16,3%	720,1	32,8%	2.040,73	-12,5%
	TOTAL	8.229,8	-1,3%	5.027,2	5,5%	1.637,06	-6,4%
2017	FRANGO	7.134,8	5,5%	4.231,6	-1,8%	1.686,08	7,4%
	SUÍNA	1.611,6	9,7%	683,8	-5,0%	2.356,71	15,5%
	TOTAL	8.746,4	6,3%	4.915,4	-2,2%	1.779,38	8,7%
2018	FRANGO	6.399,7	-10,3%	4.017,7	-5,1%	1.592,88	-5,5%
	SUÍNA	1.189,5	-26,2%	635,4	-7,1%	1.871,98	-20,6%
	TOTAL	7.589,2	-13,2%	4.653,1	-5,3%	1.630,99	-8,3%
2019*	FRANGO	7.455,4	16,5%	4.412,8	9,8%	1.689,52	6,1%
	SUÍNA	1.549,1	30,2%	739,2	16,3%	2.095,74	12,0%
	TOTAL	9.004,5	18,6%	5.151,9	10,7%	1.747,80	7,2%

Legenda: (*) Estimativa
Fonte: Secex/ME

Assim, a receita estimada para 2019 relativa às carnes de frango e suína deverá alcançar os melhores níveis dos últimos anos, devendo superar os 9 bilhões de dólares.

4.1. Carne de frango

Os principais mercados importadores da carne de frango brasileira estão demonstrados na Tabela 12.

Tabela 12.
Exportação de Carne de Frango – Comparativo 2018-2019 - Inteiros, Partes e Industrializados

DESTINO		ACUMULADO DE JAN A JUN (VOLUME EM TONELADA)		
		2018	2019	%
01	China	211.019,4	262.327,4	24,3%
02	Arábia Saudita	239.688,8	241.258,8	0,7%
03	Japão	176.039,1	205.906,3	17,0%
04	Emirados Árabes Unidos	141.787,4	193.549,8	36,5%
05	África do Sul	149.690,8	145.554,8	-2,8%
06	Hong Kong	108.894,9	95.312,2	-12,5%
07	Holanda	47.439,8	58.379,9	23,1%
08	Kuwait	50.807,3	58.244,3	14,6%
09	República da Coreia	47.668,5	55.325,6	16,1%
10	lêmen	36.197,3	51.465,9	42,2%
11	Demais Países (142)	596.144,9	656.125,2	10,1%
TOTAL		1.805.378,4	2.023.450,1	12,1%

Fonte: Secex/ME

O primeiro semestre de 2019 mostra um desempenho positivo em relação ao mesmo período de 2018, com aumento das importações, principalmente pela China, Japão e Emirados Árabes.

Arábia Saudita mantém a importação de volumes semelhantes aos praticados em 2018. Deixou de ser o maior importador de carne de frango brasileira em razão do estímulo a sua produção interna.

As exportações de carne de frango continuam bem pulverizadas no mercado externo, considerando que os dez maiores importadores participam com aproximadamente 68% do volume total exportado pelo Brasil.

A China aumentou expressivamente a importação de carne de frango em substituição à parte da demanda por carne suína.

4.2. Carne suína

Os principais mercados importadores da carne suína estão demonstrados na Tabela 13.

Tabela 13.
Exportação de carne suína - comparativo 2018-2019

DESTINO	ACUMULADO DE JAN A JUN (VOLUME EM TONELADA)		
	2018	2019	%
01 China	71.594,3	92.191,6	28,8%
02 Hong Kong	80.234,2	78.336,8	-2,4%
03 Rússia	136,1	26.170,1	19130,0%
04 Uruguai	18.010,8	21.069,6	17,0%
05 Chile	14.497,1	21.031,6	45,1%
06 Cingapura	16.959,1	18.359,1	8,3%
07 Angola	15.114,8	17.098,2	13,1%
08 Argentina	19.184,0	16.882,4	-12,0%
09 Geórgia	6.355,4	9.380,7	47,6%
10 Vietnã	818,5	7.238,9	784,5%
11 Demais Países (82)	32.877,7	35.791,6	8,9%
TOTAL	275.782,1	343.550,7	24,6%

Fonte: Secex/ME

Os volumes exportados de carne suína no primeiro semestre de 2019 mostram um bom desempenho em relação ao mesmo período de 2018, com crescimento da ordem de 24,6%.

A Rússia, tradicionalmente o maior importador da carne suína brasileira, ficou fora do mercado em 2018, alegando questões sanitárias. Voltou a importar em 2019, porém em volumes bem menores do que aqueles historicamente praticados em razão do estímulo e da melhoria tecnológica de sua produção interna.

A China, com graves dificuldades de produção por conta da PSA em seu território e também em outros países do sudeste asiático, vem aumentando suas importações de carne suína, a mais consumida no país, a fim de suprir sua demanda interna.

A alta concentração das exportações brasileiras para os dez maiores países importadores, em torno de 90% do volume total exportado, faz da carne suína um produto altamente sensível às oscilações dos mercados importadores.

5. Perspectivas para 2020

As melhoras no desempenho do setor estão condicionadas à recuperação da economia e da renda do consumidor. Os desdobramentos das novas medidas anunciadas pelo novo governo são determinantes para a retomada do crescimento do setor produtivo.

A demanda da China por proteína animal deverá continuar crescendo. Espera-se um aumento expressivo de suas importações a partir do segundo semestre de 2019, levando a China a se consolidar como o maior importador do mundo.

Embora a Operação Carne Fraca tenha deixado marcas profundas, com impactos restritivos às exportações brasileiras de carnes, é questão superada. O mercado importador assimilou rapidamente que as investigações detectaram problemas pontuais em um reduzido

número de frigoríficos e que já foram sanados.

Quanto a disponibilidade de milho para ração, o cenário é semelhante ao do ano de 2018, ou seja, a disponibilidade de produto para o setor de carnes é confortável, exigindo somente um planejamento mais acurado na formação de seus estoques pelos consumidores de forma preventiva contra escassez pontuais do produto nos períodos de entressafra.

Mesmo diante de muitas incertezas, um cenário bastante favorável de oportunidades se desenha para o mercado externo com a epidemia de PSA no sudeste asiático. A China, como maior consumidor de carne suína do mundo, não encontrará, de imediato, produto disponível para importação compatível com sua demanda. Assim, deverá complementar seu suprimento com outras proteínas animais, principalmente de frango e bovina.

Dessa forma, há uma expectativa de aumento dos preços internos e externos, com reflexos positivos na renda do produtor.

5.1. Carne de frango

Há boa expectativa de aumento das exportações para suprir a demanda de proteína animal no mercado asiático, em substituição à carne suína. Com ciclo produtivo mais curto (cerca de 40 dias), o setor poderá responder com maior efetividade a esse aumento de demanda.

A Arábia Saudita, um dos principais importadores de carne de frango do Brasil, segue na tentativa de proteger sua produção doméstica com exigências de mudanças no abate halal (regras do islamismo, onde os animais não podem estar mortos no momento da degola). O Brasil alega que utiliza o atordoamento elétrico antes da degola e que esse procedimento não mata o animal, apenas o insensibiliza antes do abate.

A permanecer o desempenho das exportações brasileiras do primeiro semestre de 2019 e as expectativas sobre a crise no sistema produtivo do sudeste asiático com a epidemia de PSA, espera-se um aumento de volumes de exportações da ordem de 8% em 2020, algo em torno de 4,7 milhões de toneladas com receita estimada por volta de US\$ 8 bilhões.

As estimativas de suprimento de carne de frango para 2020 estão apresentadas na Tabela 14.

Tabela 14.
Estimativa de Suprimento de Carne de Frango – 2020

ANO	2018	2019*	2020*
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	6.063,8	6.400,8	6.656,8
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	13.288,6	13.803,1	14.355,2
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	4.017,7	4.412,8	4.765,8
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	9.270,9	9.390,3	9.589,4
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	209,19	210,66	212,08
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	44,3	44,6	45,2
Variação Percentual:			
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	-2,3%	5,6%	4,0%
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	-2,4%	3,9%	4,0%
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	-5,1%	9,8%	8,0%
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	-1,2%	1,3%	2,1%
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	0,7%	0,7%	0,7%
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	-1,9%	0,6%	1,4%

Legenda: (*) Estimativa da Conab.

Fonte: Produção: Assoc. Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte - Apinco

Exportação: Secex

População: IBGE

Nota: O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne

5.2. Carne suína

A concentração de mercados e a dificuldade de acesso a novos mercados continuam como principais fatores de preocupação para o setor. O ciclo produtivo, bem mais longo que o do frango (cerca de 170 dias), dificulta o planejamento do volume de alojamento para ajuste da oferta à demanda diante de um cenário futuro incerto. Assim, os suinocultores aguardam pela concretização de contratos para aumentar o alojamento de matrizes e leitões de terminação a fim de atender a um provável aumento da demanda asiática.

Tomando-se por base o desempenho das exportações brasileiras do primeiro semestre de 2019, espera-se um aumento de volumes de exportações da ordem de 15% em 2020, algo em torno de 850 mil toneladas, com receita estimada por volta de US\$ 1,78 bilhões. Contudo, essas estimativas dependerão do que poderá ocorrer com a epidemia de PSA no sudeste asiático.

Embora o Usda tenha estimado um aumento de 40% nas importações de carne suína pela China em 2019, esse aumento poderá ser ainda maior em 2020, mercado esse a ser disputadíssimo pelos maiores exportadores mundiais (União Europeia, EUA, Canadá e Brasil).

As estimativas de suprimento de carne suína para 2020 estão apresentadas na Tabela 15.

Tabela 15.
Estimativa de Suprimento de Carne Suína – 2020

ANO	2018	2019*	2020*
REBANHO (1.000 cabeças)	42.512,3	43.679,6	44.421,3
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 t equiv. carcaça)	3.973,7	4.060,6	4.198,3
IMPORTAÇÃO (1.000 t equiv. carcaça)	16,8	20,4	23,5
EXPORTAÇÃO (1.000 t equiv. Carcaça)	650,7	703,4	808,9
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t equiv. carcaça)	3.339,8	3.377,6	3.412,9
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	209,19	210,66	212,08
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	16,0	16,0	16,1
Variação Percentual:			
REBANHO (1.000 cabeças)	3,4%	2,7%	1,7%
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	3,5%	2,2%	3,4%
IMPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	10,5%	21,4%	15,0%
EXPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-7,0%	8,1%	15,0%
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t equiv. carcaça)	5,8%	1,1%	1,0%
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	0,7%	0,7%	0,7%
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	5,1%	0,4%	0,4%

Legenda: (*) Estimativa da Conab.

Fonte: Rebanho: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal

Exportação e Importação: SECEX

População: IBGE

Produção de carne: Abipecs/Abpa/7fluir

Nota: Exportações e as importações de carne suína (em quilo líquido) convertido para equivalente-carcaça.

A China admitiu que tem deficiências na prevenção da PSA, o que agrava a situação.

Os abates e o fechamento temporário de mercados e matadouros nas províncias chinesas afetadas pela PSA já permitem estimar uma redução do rebanho em cerca de 30%. Mas há quem afirme que essa redução poderá chegar a 50% do rebanho de cerca de 1,1 bilhão de cabeças. O tempo para a recomposição, após controlado o surto, poderá levar aproximadamente cinco anos.

Segundo o Conselho de Estado da China, a administração do transporte de suínos vivos não é suficientemente rigoroso e não há capacidade suficiente para testar o vírus da peste suína africana nos procedimentos de abate, processamento e circulação de suínos como forma de prevenção e controle da doença.

É certo que, uma vez controlado o surto, o sistema produtivo de suínos não será mais o mesmo. Devem promover a criação de suínos em larga escala e reduzir o número de pequenas fazendas de suínos para melhorar os níveis de biossegurança no setor.

O governo fornecerá subsídios de produção para fazendas de suínos em grande escala em áreas fortemente afetadas pela doença e incentivará grandes áreas de consumo para expandir a produção de suínos com o objetivo de melhorar a autossuficiência em suprimentos.

Quanto à Rússia, mesmo voltando a importar carne suína, não deverá mais fazê-lo nos mesmos níveis anteriormente praticados em razão do fortalecimento de sua produção interna.



FEIJÃO

JOÃO FIGUEIREDO RUAS



Foto: Sebastião Pereira.

1. Introdução

O feijão tem um papel importante na dieta alimentar da população e também na geração de receitas dos pequenos produtores que utilizam da força de trabalho familiar. A produção desse grão é bastante difundida em todo o território nacional e distribuída em três safras ao longo do ano, sendo o Brasil o terceiro maior produtor mundial. Até a década de 70, produziam-se apenas duas safras bem distintas: a 1ª safra, ou safra das águas, e a 2ª safra, ou safra da seca, caracterizadas como cultura anual.

Entretanto, com a profissionalização do plantio de forma empresarial, utilizando tecnologia de ponta, irrigação com pivôs centrais, sementes melhoradas e utilização maciça de insumos, a 3ª safra, também denominada como safra de inverno, com alta produtividade, alcançando em determinadas regiões acima de 3.500 kg/ha (contra a média nacional pouco acima de 1.000 kg/ha), passou a ter um papel importante no equilíbrio da oferta no segundo semestre do ano. A cultura do feijão é muito suscetível às adversidades climáticas e, por isso, se caracteriza como um mercado dinâmico, apresentando intensa volatilidade de preços.

O comércio mundial é bastante limitado em função do consumo ser relativamente inelástico, já que se trata de um produto de consumo eminentemente interno, pois poucos países produzem visando o comércio externo. Todavia, para suprir as necessidades de demanda interna, o Brasil importa em torno de 150 mil toneladas ano, sendo a maioria de feijão comum preto proveniente da Argentina.

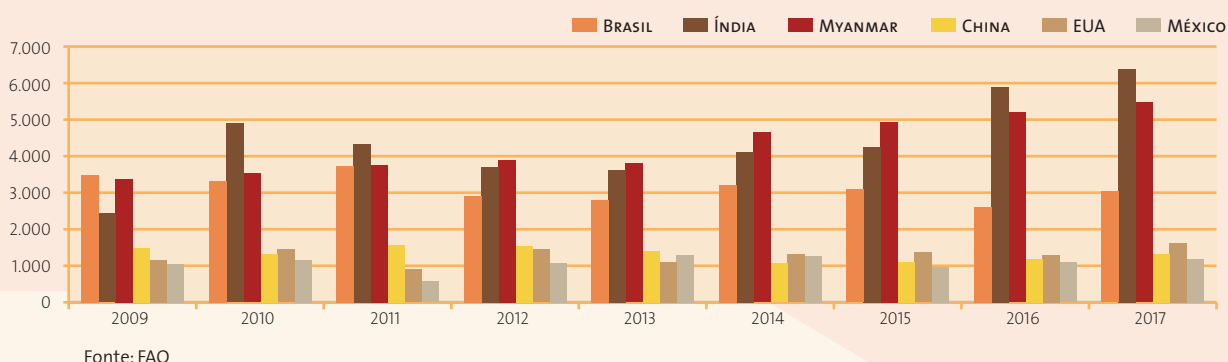
2. Panorama internacional

2.1. Produção mundial

A pouca importância comercial do produto no âmbito mundial, aliada à falta de um real conhecimento do seu mercado e ao pequeno consumo entre os países do primeiro mundo, limita a expansão do comércio internacional. Outro fator determinante do pequeno fluxo internacional é o fato dos grandes produtores serem também os grandes consumidores do produto, o que torna pequeno o excedente exportável.

Em se tratando dos hábitos alimentares, estes são bastante diversificados entre os países e mesmo entre regiões de um mesmo país em termos de preferência por tipos, variedades e classes. Cerca de 61% da produção mundial deste produto é proveniente de apenas seis países. Segundo dados de 2017 da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Índia é o maior produtor mundial dessa leguminosa, seguido de Myanmar. Surgem, ainda, como maiores produtores, Brasil, China, EUA e México.

Gráfico 1.
Produção mundial – 2009 a 2017 (mil t)



2.2. Produção no Mercosul

Nos últimos quatro anos, a produção média de feijão, em países que compõem o Mercosul, ficou em 3,6 milhões de toneladas, sendo o Brasil o principal produtor, com cerca de 3,1 milhões de toneladas anuais; seguido da Argentina, com 350,0 mil toneladas; do Paraguai, com 56,0 mil toneladas; e do Uruguai, com 3,5 mil toneladas.

O Brasil se destaca como o maior produtor e consumidor, com participação superior a 90% na produção e no consumo. A Argentina, segundo maior produtor, registra consumo per capita em torno de 470 g/ano. O feijão é produzido, principalmente, na região noroeste do país, nas províncias de Salta, de Santiago del Estero, de Jujuy e de Tucumã.

As principais classes produzidas na Argentina são o comum preto e o comum branco, comercializadas em mercados distintos. Cerca de 90% do feijão branco são destinados à exportação. A União Europeia é a principal importadora dessa classe, sendo a Espanha sua principal consumidora, seguida por Portugal, Itália e França. O feijão comum preto é exportado em sua totalidade, já que não existe consumo na Argentina para essa cultivar. O Brasil se destaca como principal importador dessa variedade, com destaque também para a Venezuela.

3. Panorama nacional

Na temporada em curso, 2018/19, a produção de feijão comum cores representou 62,8% do volume produzido; a de feijão preto, 16,4%; e a de caupi, 20,8%. O feijão comum cores está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais. O feijão comum preto concentra-se no sul do país, e cerca de 52% de sua produção é oriunda da 1ª safra. A variedade caupi, cultivada na Região Norte/Nordeste e no Mato Grosso, concentra-se na 2ª safra, à exceção da produção do estado da Bahia.

Tabela 1.
Produção por classe 2018/19 estimada no 11o Levantamento de Safras

CLASSE	1ª SAFRA	2ª SAFRA	3ª SAFRA	TOTAL
COMUM CORES	563,5	672,1	673,8	1.909,4
COMUM PRETO	256,9	229,2	7,7	493,8
CAUPI	175,9	402,4	58,1	636,4
TOTAL	996,4	1.303,8	739,6	3.039,9

Fonte: Conab (agosto de 2019)

3.1. Comportamento da temporada 2017/18

1ª Safra ou Safra das Águas – colheita de novembro a março, concentração nas Regiões Sul, Sudeste, Goiás, Piauí e Bahia

Nem mesmo o baixo estoque de passagem e a expectativa de um menor plantio no sul do país foram suficientes para estimular o plantio. Desta forma, com o mercado favorável para as culturas de soja e particularmente o milho, principal concorrente, a cultura do feijão apresentou uma expressiva redução na área plantada na 1ª safra da temporada 2018/2019.

Na região centro-sul do país, as reduções na área e na produção foram estimadas em, respectivamente, 17,7% e 25,9% quando comparadas aos números da safra anterior. Houve retração no cultivo em todas as Unidades Federativas, com destaque para os estados do Paraná (18,0%), São Paulo (36,1%), Santa Catarina (26,1) e Goiás (30,1%).

A partir de meados de novembro, o mercado passou a ficar firme em função da baixa disponibilidade de mercadoria para a venda e demanda bastante ativa. Os preços se elevaram e a quase a totalidade do produto recém-colhido comercializado foi proveniente da região sudoeste do estado de São Paulo.

Cabe frisar que São Paulo é, praticamente, o único estado que abastece o país com produto novo nos meses de novembro e dezembro. Lá, o plantio se concentra na região sudoeste, com destaque para os municípios de Itaí e Itapeva. A semeadura e, conseqüentemente, a colheita foram antecipados, apresentando substancial redução na qualidade do grão devido ao excesso de chuva durante o ciclo da cultura. Esta situação deixou o mercado com perspectiva de falta de produto novo até a intensificação da colheita em janeiro, no sul do país.

Assim, tanto nos mercados atacadistas como nas regiões produtoras, os preços apresentaram uma expressiva valorização. Os corretores alegaram dificuldades no repasse dos aumentos ao setor varejista, mas as cotações se sustentaram devido, principalmente, à diminui-

ção da oferta.

Com a confirmação da expressiva redução da produção colhida na safra das águas e problemas decorrentes de adversidades climáticas, a demanda foi boa no começo de 2019 (indústrias com estoques baixos), com o produto passando por sucessivas alterações positivas de preços.

Geralmente, nos meses de janeiro e fevereiro, nota-se uma expressiva queda no consumo em função das férias escolares. As vendas costumam ser fracas, mas o mercado se surpreendeu e na primeira semana de fevereiro a cotação superou a cifra de R\$ 400,00 a saca de 60 kg.

A partir da última semana de fevereiro, o mercado esfriou e os preços apresentaram uma forte desvalorização. A expectativa da entrada da produção da 2ª safra a partir do mês de abril e a queda no consumo foram os principais responsáveis por tal comportamento, sem considerar a má qualidade do grão que vinha sendo comercializado, deixando o comprador em posição de espera por melhores condições de compras – preço e qualidade.

Contudo, os valores continuaram remuneradores, e os produtores, realizando bons negócios, tendo um bom retorno financeiro. Todavia, a elevação dos preços ao produtor vão sendo repassadas ao varejo e impactando ainda mais o consumo.

Nos últimos anos, observa-se forte instabilidade na comercialização do produto. Na safra 2015/2016, os elevados preços praticados no mercado estimularam os produtores a expandir o plantio e, por consequência, a produção. Assim, com o excesso de produto colocado à venda, os preços recuaram, influenciando substancialmente na lucratividade dos produtores, que optaram por reduzir a área de plantio. Os anos subsequentes foram de retração no cultivo e, embora com uma menor produção, os preços não tiveram a reação esperada. Somente a partir do mês de janeiro de 2019 é que as cotações subiram consideravelmente, de forma atípica, trazendo certo alento aos produtores.

Assim, a fraca demanda, aliada ao estoque remanescente, na maior parte de mercadoria de fraca qualidade, deixou, no primeiro trimestre de 2018, certa fragilidade no mercado.

2ª Safra ou Safra da Seca – colheita de abril a junho, concentração nas Regiões Nordeste, Sul, Sudeste, Mato Grosso, Rondônia e Goiás

Quanto à 2ª safra, a situação favorável de mercado foi o fator motivador para um expressivo aumento na área cultivada. O plantio começou em janeiro e se estendeu até o mês de março. A colheita teve início em abril, se concentrando nos meses de maio e junho.

De um modo geral, as chuvas foram benéficas ao desenvolvimento das lavouras em quase todas as regiões produtoras do país. Na Região Nordeste, a quadra invernal, que começou em janeiro, foi considerada boa quanto aos índices pluviométricos e sua distribuição.

A produção estimada superou em 151,5 mil toneladas a registrada em 2018. Esse montante pressionou os preços para baixo, em especial nos meses de maio e junho, períodos de

maior oferta, com destaque para os estados do Paraná e Minas Gerais, principais fornecedores.

Com a previsão acima, a disponibilidade do produto se manteve firme, deixando os compradores mais à vontade nas negociações, postergando suas compras e aguardando melhores momentos de mercado, com preços mais baixos e melhor qualidade dos grãos.

A mercadoria extra e especial, que esteve bastante escassa, aumentou gradativamente. Porém, muitos lotes apresentaram algum tipo de defeito, prejudicando as negociações e contribuindo para a desvalorização do produto.

A preferência da demanda esteve focada nas mercadorias extras ou especiais, mas muitos compradores, sem alternativas, e devido as cotações mais elevadas dos referidos produtos, acabaram optando pelos tipos inferiores, em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias mais caras.

O baixo interesse de compra acabou forçando muitos vendedores a aceitarem as baixas ofertas dos compradores, que ficaram no aguardo de um escoamento no varejo que, por sua vez, anda muito devagar, adquirindo apenas o equivalente à quantidade comercializada e aguardando uma melhor negociação quanto à qualidade e preços, em vista das dificuldades encontradas nos repasses.

A expectativa é de preços menores, pois estes devem continuar oscilando negativamente com a intensificação da comercialização do produto colhido na 2ª safra e o início da colheita da safra de inverno. Desta maneira, os compradores continuam negociando para pronto atendimento e adquirindo apenas o necessário para honrar os seus compromissos.

3ª Safra ou Safra de Inverno – colheita de julho a outubro, concentração em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Pará, Pernambuco e Alagoas

Quanto a 3ª safra, ou safra de inverno, ainda em fase de plantio, a Conab estima uma área de 600 mil ha, 3,8% acima da safra anterior, em função dos bons preços praticados no mercado. Espera-se uma produção de 726,5 mil toneladas, 18,4% a mais que a registrada em 2018. A colheita já teve início, mas o pico está previsto para os meses de agosto e setembro.

Dos estados do sul do Brasil, o Paraná é o único que cultiva a 3ª safra. O plantio é conduzido no regime de sequeiro, com alto risco, e se concentra nas regiões norte e nordeste do estado. O núcleo regional de Jacarezinho é, no momento, o principal produtor paranaense, responsável por 47% do volume de produção esperado. A colheita se iniciou em junho e deverá se estender até o mês de setembro.

Do volume de produção a ser colhido na safra de inverno, cerca de 460 mil toneladas estão “garantidas”, pois são provenientes do sistema de irrigação, notadamente nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país. Mas o restante, oriundo das Regiões Norte e Nordeste, são cultivados no regime de sequeiro e dependem muito das condições climáticas.

As vendas devem seguir fracas face, especialmente, ao significativo volume de ofertas da 2ª safra e início da entrada da produção da safra de inverno. A colheita proveniente de áreas

irrigadas ainda é pouco expressiva e se encontra dispersa nos diversos municípios produtores, devendo exercer uma pressão baixista nos preços, notadamente no mês de julho, período das férias escolares.

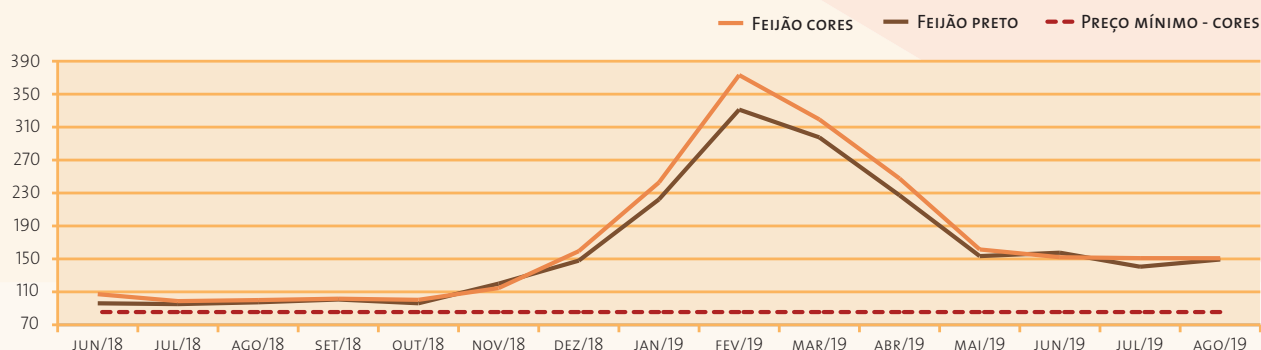
Cabe mencionar que os dados divulgados no nono levantamento de campo realizado pela Conab, em junho, não são conclusivos, especialmente para a safra nordestina. A produção registrada para a referida safra ainda será revisada, provavelmente para baixo, notadamente na região nordeste da Bahia. Lá, a deficiência hídrica ocorrida em maio, mês de concentração do plantio, prejudicou a semeadura, sendo a mesma realizada quase na sua totalidade no decorrer de junho – fora do período tecnicamente recomendável.

Embora a pesquisa da Conab sinalize um quadro razoável de abastecimento, as condições climáticas em julho e agosto serão de suma importância para as culturas conduzidas no regime de sequeiro, já que, nos referidos meses, grande parte das lavouras entra no estágio de floração, período muito exigente em água.

Caso se intensifique os problemas climáticos na safra baiana, a transferência de produção da região centro-sul do país para o abastecimento do Nordeste deverá ser mais intensa, podendo, inclusive, influir em melhores cotações aos produtores a partir do mês de agosto.

Neste segundo semestre do ano, a quase totalidade do produto ofertado no mercado é, basicamente, de feijão comum carioca, uma vez que o plantio de feijão caupi e, principalmente, o feijão comum preto é inexpressivo. Essa última classe se limita a um pequeno percentual conduzido sob pivôs em algumas áreas plantadas na região de Garanhuns (PE).

Gráfico 2.
Preços recebidos pelos produtores no Paraná (R\$/60 kg)



Fonte: Conab

3.2. Suprimento

Tabela 2.

Quadro de suprimento Brasil – comum cores, preto e caupi (em mil t)

ANO -SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/179*)	287,4	3.039,9	120,0	3.447,3	3.050,0	130,0	267,3
2019/20(*)	267,3	3.125,0	120,0	3.512,3	3.050,0	130,0	332,3

Legenda: (*) Dados estimados em agosto de 2019
Fonte: Conab; ME

A produção para a temporada 2019/2020 deverá ser parecida com a atual. Independente dos preços, a superfície cultivada vem se mantendo relativamente estável. O mercado está sendo abastecido com a produção oriunda da 2ª e 3ª safras e com uma pequena parcela de produto importado. A colheita da 3ª safra começou em julho e o volume a ser produzido complementarará o abastecimento interno até o mês de novembro, quando, a partir daí, terá início a colheita da 1ª safra da temporada 2019/20. Quanto às importações, apesar de estarmos trabalhando com o mesmo número registrado em 2019, poderá ser um pouco maior, em virtude dos problemas de qualidade com a produção da 2ª safra do Paraná, por excesso de chuva na colheita, no final de maio/19. Em relação às exportações é mais difícil realizar projeções devido à dependência da situação da safra de outros países consumidores, como a Índia. No entanto, baseado nos últimos dois anos, ela deverá ser semelhante ou até um pouco menor que em 2018, devido à forte redução do plantio de feijão caupi no Mato Grosso, este ano.

3.3. Rentabilidade

Tabela 3.
Feijão 3ª Safra em R\$/ha – Unaí (MG) – baseada no custo de produção de maio de 2019

FEIJÃO 3ª SAFRA - UNAÍ (MG)	
PREÇO (R\$/50 KG)	150,95
PRODUTIVIDADE DO PACOTE (KG/HA)	3.300,0
ANÁLISE FINANCEIRA:	
A - RECEITA BRUTA (I*II)	8.302,25
B - DESPESAS:	
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	6.305,23
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	6.878,15
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	7.507,92
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1.997,02
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	1.424,10
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	794,33
INDICADORES:	
RECEITA SOBRE O CUSTEIO (A / B1)	1,32
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL (A / B2)	1,21
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL (A / B3)	1,11
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA (A / A)	24,05%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA (B / A)	17,15%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA (C / A)	9,57%

Fonte: Conab

Nesta 3ª e última safra da temporada 2018/2019, mesmo com a concentração da colheita em agosto/setembro em função do vazio sanitário, os preços se encontram elevados, devido ao quadro apertado de oferta. A tendência é de que continuem remuneradores até a entrada da nova safra, pois as ofertas podem não ser suficientes para atender a demanda dos mercados regionais e a formação de estoques. Assim, as cotações devem continuar oscilando de acordo com a quantidade ofertada e a demanda, como vem ocorrendo ultimamente.

Em Unaí (MG), o custo médio de uma lavoura irrigada estimado pela Conab em maio/19 é de R\$ 6.878,15 por hectare. Considerando uma produtividade média por hectare de 3.300 kg, comercializadas ao preço médio de julho, estimado em R\$ 150,95/saca, chega-se a uma receita bruta de R\$ 8.302,25. Assim, o agricultor terá, em relação ao custo variável de produção, uma rentabilidade positiva de R\$ 1.424,10, ou o equivalente a R\$ 25,89 por saca.

4. Perspectivas para a temporada 2018/19

A temporada 2018/19 guarda muita semelhança com a 2017/18 em termos de produção. No entanto, separados por classe, o feijão caupi se destaca, registrando uma redução de 17,5 %. No Mato Grosso, maior estado produtor, essa variedade é produzida para fins de exportação. Em 2018, o mercado internacional limitou as compras, e o produto foi direcionado para o mercado interno, que não teve condições de absorver tamanha quantidade. Com isso, os preços recuaram para valores em torno de R\$ 40 a saca, com raro interesse por parte dos compradores devido, em parte, à boa safra na Região Nordeste do Brasil. O excedente de produção criou sérios problemas no abastecimento interno, afetando indiretamente o consumo do feijão carioca, que recuou para valores abaixo do mínimo oficial.

No momento, apesar do expressivo volume produzido na 2ª safra, as vendas fluíram bem, diminuindo os estoques e contribuindo para a manutenção dos preços em bons patamares. A partir do mês de maio, as adversidades climáticas registradas nas principais regiões produtoras, notadamente no Paraná, afetaram a produtividade e a qualidade do grão, reduzindo, na prática, o saldo remanescente. Isso ocorreu porque o feijão fora de tipo, chuvado, manchado, dentre outros defeitos, não atende à demanda dos empacotadores.

A tendência é de que o mercado se mantenha relativamente estável até meados de setembro, quando começa a diminuir a produção da terceira safra. Nesse período, as cotações podem passar por pressões negativas durante o pico de produção nos meses de agosto e início de setembro, mas, posteriormente, o mercado tende a ficar firme com a redução das ofertas.

Muitos envolvidos no setor estão cientes da baixa oferta do produto a partir do mês de setembro e estão exercendo um rigoroso controle nas ofertas. Com isso, os preços aos produtores estão sendo negociados entre R\$ 130,00 e R\$ 160,00 a saca, dependendo da qualidade do produto. A partir de outubro devem continuar rentáveis.

Dependendo da área que está sendo plantada em São Paulo, nesta 1ª safra de 2019/2020, os valores tendem a ser mais atrativos nos meses de outubro a dezembro. Informações preliminares indicam que na região de Itapeva, uma das mais representativas no cultivo, os produtores que plantam no regime de sequeiro estão com sérias dificuldades para iniciar a semeadura devido à insuficiência hídrica. Já faz praticamente dois meses que não chove na região, e o período tecnicamente recomendável para o plantio já está no limite. Logo, as áreas de trigo deverão ser colhidas e posteriormente ocupadas pela soja.

Na região de Paranapanema, onde grande parte dos produtores são filiados a Cooperativa Holambra e cultivam a leguminosa na sua totalidade sob pivôs, a estimativa é de um plantio em torno de 4.000 ha, ou seja, metade da área cultivada na safra anterior. Taquarituba, outro importante município, também aponta retração no cultivo.

Caso concretize tais informações, a superfície a ser cultivada em São Paulo deve encolher entre 20% e 30% e favorecer ainda mais a elevação dos preços. Cabe mencionar que na safra anterior tanto a área cultivada quanto a produção recuaram em 36,0%, e o volume colhido foi menor em 72,3 mil toneladas.

Assim, a tendência é de que o mercado opere com baixo saldo remanescente de safras anteriores, e a safra do Paraná só chega ao mercado a partir de janeiro de 2020.

De qualquer forma, o mercado deverá continuar promissor, pois vamos para o segundo ano com problemas de produção em determinadas regiões, seja por condições climáticas adversas ou redução de área. O fato é que a produção está bem ajustada com a demanda, permitindo que os produtores tenham boa rentabilidade. Tudo indica que o cenário permaneça assim, pelo menos até a primeira safra da temporada 2019/2020.

Na segunda safra, dependendo do saldo remanescente da primeira safra, o mercado poderá ficar mais calmo. A semeadura tem início em janeiro e se estende até o mês de março, e os bons preços de mercado talvez não sejam suficientes para estimular o plantio, explicado, em parte, pelo mercado bastante favorável para o milho, principal concorrente.

Em Mato Grosso, a área destinada à cultura este ano encolheu 100 mil hectares, ou seja, 45,5% abaixo da registrada em 2018. Os preços, que subiram em fevereiro e incentivaram uma leve retomada na intenção de plantio, cederam um pouco em março, mês em que houve acomodação dos movimentos especulativos de mercado e ajuste das cotações a patamar que equilibraram oferta e demanda de forma mais realista. Assim, com a oferta do produto menor em 100 mil toneladas, algumas empresas comercializadoras agiram cautelosamente e adotaram a estratégia de estocar o produto, de modo a aproveitar oportunidades de mercado no período da entressafra.

O estoque da safra 2018 foi praticamente todo negociado. Quanto a comercialização da safra 2019, a maior parte foi negociada mesmo antes de iniciar a colheita. Destaca-se, também, a substituição por algumas variedades de maior valor agregado, tais como azuqui e mungo verde, cujas cotações são mais atrativas ao produtor.

Cabe frisar que, das três safras, a segunda é a que tem um menor período de meses para atender com sua produção. Analisando por esta ótica, a distribuição da produção de feijão carioca novo é a seguinte: 1ª safra – novembro a março; 2ª safra – abril, maio e junho; e 3ª safra – julho a outubro. Resumindo, a primeira safra atende 5 meses; a segunda safra, 3 meses; e a terceira safra, 4 meses. Como a produção de feijão comum cores é equilibrada entre as safras, conclui-se que a 2ª safra sofre maior pressão de oferta.

Já a terceira safra começa a ser cultivada a partir do mês de abril, sendo, no atual momento, prematuro estimar seu comportamento. Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, a cultura é conduzida sob pivôs e altamente influenciada pelos preços de mercado, ou seja, em um cenário de preços vantajosos, há uma tendência de ampliação do cultivo. Já na Região Nordeste, a cultura é conduzida em regime de sequeiro e altamente suscetível à frustração por adversidades climáticas.

Cabe esclarecer que, com a implantação do vazio sanitário, o período para a semeadura em Minas Gerais e Goiás, na ordem, os principais estados produtores, ficou limitado, reduzindo por volta de um mês o calendário tecnicamente recomendável ao plantio que iria até final de julho. Desta forma – e ainda com o índice de ocupação de áreas de pivôs com o milho semente e, em menor proporção, com o algodão, cuja colheita avança o período acima recomendado –, algumas áreas ficaram impossibilitadas de plantio.

Desta forma, o plantio nas áreas irrigadas continuará limitado a meados de junho, provocando uma concentração da oferta nos meses de agosto a setembro, cujo volume atende ao abastecimento interno até o mês de outubro. Posteriormente, a oferta fica dependente da 1ª safra de São Paulo, uma vez que a região sudoeste do estado é a única que oferta feijão recém-colhido nos meses de novembro e dezembro.

Geralmente, a safra paulista é insuficiente para o abastecimento do país. Diante de uma oferta apertada, com risco de problemas climáticos ou até mesmo um maior interesse de compras, acabam influenciando numa significativa elevação de preços.

Pontos importantes para o plantio do feijão:

- Com a expectativa de redução no plantio da 1ª safra devido aos baixos preços praticados no mercado, provavelmente ocorrerá uma boa elevação das cotações aos produtores;
- O Brasil não é autossuficiente na produção de feijão comum preto e depende de importações para suprir o abastecimento interno;
- Papel importante na alimentação da população rural e também gerador de receitas dos pequenos produtores, que utilizam da força de trabalho familiar; e
- Se ocorrer falta ou excesso do produto, em determinada safra, pode-se promover o ajuste na safra seguinte, objetivando regular o abastecimento a curto prazo.

5. Considerações finais

O produtor é tomador de preços e para se manter na cultura deve estar atento aos dados de produção, clima, histórico das safras, qualidade do grão a ser cultivado, novas tecnologias, entre outros fatores. Logo, o momento e a área destinada ao plantio são ponderados para maximizar sucesso econômico e minimizar os prejuízos. A valorização do dólar frente ao real tem influenciado na elevação dos custos de produção e, conseqüentemente, nas decisões dos produtores. Ademais, parcela significativa dos produtores em Minas Gerais e em Goiás estão apreensivos em relação ao plantio devido ao intenso ataque da mosca branca, praga que transmite o mosaico dourado e eleva o dispêndio financeiro sobremaneira.

No Paraná, o sistema de plantio direto tem sido um dos mais utilizados. É um sistema de manejo do solo, comprovadamente superior em muitas circunstâncias, que substitui o convencional, notadamente por não utilizar as operações mecânicas de preparo do solo para o plantio, sem qualquer tipo de revolvimento. Sua vantagem é expressa no menor custo representado pela redução das horas-máquina empregadas e na manutenção do solo mais protegido pela cobertura vegetal.

O mercado de feijão é dinâmico e por esse motivo apresenta uma expressiva oscilação de preços. Frequentemente, quem planta mais cedo obtém melhor cotação na comercialização do produto. O ideal seria fugir da concentração da colheita, pois o excesso de oferta influi negativamente nos preços.

Os valores praticados no mercado têm tido grandes oscilações, ora positivas, ora negativas, atribuídas basicamente a fatores climáticos como a quebra das safras em 2012, 2013 e 2016, sendo neste último ano os maiores valores recebidos pelos produtores em preços reais. Em algumas situações, os produtores não tiveram como aproveitar os elevados preços, tendo em vista que boa parte da produção foi frustrada ou comercializada a preços abaixo dos custos de produção em virtude da má qualidade do grão.

Cabe reiterar a importância de se adotar as práticas agrícolas adequadas na hora do plantio como forma de evitar problemas na comercialização. Uma mercadoria de boa qualidade sempre conta com uma boa demanda e preços compensadores. Desde 2017, os preços

praticados no mercado estiveram bem remuneradores, no entanto, em vários lotes ofertados no mercado disponível em São Paulo, foi constatada a presença de soja, que pode ser resultado de sucessão adotada por alguns produtores.

5.1. Dinamização do cultivo

A cultura vem mudando de padrão e os produtores se profissionalizando cada vez mais em uma busca constante por alternativas modernas no uso de tecnologias. No entanto, o plantio de feijão no país é efetuado por meio de “sementes salvas” ou grãos comerciais por volta de 85% dos produtores. Esta atitude talvez seja o motivo para o insucesso de tantas lavouras, pois são inúmeros os trabalhos científicos que provam que o uso delas causam a degeneração varietal, a contaminação por patógenos e danos mecânicos às máquinas agrícolas.

Um dos principais entraves na comercialização está no fato de o maior volume da produção nacional, cerca de 40%, ser do grupo carioca de alta deterioração. Apesar de contar com a preferência nacional, esta variedade tem aceitação limitada em outros países. Portanto, quando ocorre quebra de safra e o produto fica escasso no mercado, não existe alternativa de substituição. Ao contrário, quando ocorre excesso de oferta, não há como escoar o excedente para o mercado internacional e a mercadoria fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade e onerando os custos de carregamento, o que gera forte deságio na venda.

Vale ressaltar, sempre que possível, que os produtores precisam ficar atentos às novas cultivares, pois, além do alto potencial de rendimento e resistência às doenças, elas mantêm o tegumento do grão mais claro por um maior período, como se fosse um grão recém-colhido, dando margem para que o agricultor trabalhe um melhor preço.

É de suma importância o plantio dessas variedades que seguras suas características organolépticas por longos períodos de armazenagem porque, diante desta possibilidade, produtores, agentes comerciais e demais interessados não teriam problemas para regular a estocagem, retendo o produto para comercialização futura, quando for o caso.

Firmas do setor privado têm se interessado pelo melhoramento genético do feijoeiro, com preferência por plantas de porte ereto para a colheita mecânica, como é o caso do Mato Grosso. Neste estado, cerca de $\frac{3}{4}$ da produção é da cultivar caupi. O grande problema é a logística de comercialização, já que o mercado consumidor é a Região Nordeste e países como a Índia, Egito, dentre outros. Deve-se esclarecer que essa diversificação está sendo beneficiada pelo baixo custo de produção e pelas qualidades nutricionais do produto. O caupi é uma excelente fonte de proteínas, aminoácidos essenciais, carboidratos, vitaminas e minerais e é um alimento básico para as populações, em especial as de baixa renda.

O acesso ao mercado internacional representa um salto importante nas estratégias de produção e comercialização. Produzir para o mercado externo significa atingir níveis superiores de qualidade dos produtos, tendo em vista as exigentes condições que prevalecem no comércio internacional, além da competitividade nos custos de produção.

Outros benefícios advindos da exportação decorrem da diversificação dos mercados, viabilizando maiores volumes de produção, incorporação de novas tecnologias produtivas e aperfeiçoamento da qualificação da mão-de-obra. O Brasil apresenta grandes vantagens com-

petitivas: além da boa produtividade, são três colheitas anuais contra uma dos demais países, o que nos permite antecipar informações fundamentais para o plantio (preço, clima, etc).

A exportação é uma etapa a ser conquistada com outras cultivares, pois o Brasil tem clima, área disponível e alta tecnologia, podendo produzir qualquer variedade e se adaptar às exigências de qualquer mercado. Para tanto, precisa levar ao consumidor, por meio de palestras e campanhas publicitárias, informações sobre os benefícios do feijão à saúde. Ademais, é importante o investimento em tecnologia de rastreabilidade do produto para que, dessa forma, haja agregação de valor ao produto e maior segurança aos consumidores.

É consenso que falta um plano de acesso aos mercados no mundo. O setor precisa reverter essa tendência, já que a influência dos produtos de rápido preparo tem sido negativa para o feijão. O modismo, por exemplo, tem levado boa parte dos consumidores mais jovens a optar pelos sanduíches, massas, biscoitos e refrigerantes. O mercado de feijão é promissor, principalmente para o atendimento da merenda escolar, refeições coletivas e cestas básicas. Há também alguns *Food Services* que servem feijão: Habib's, Giraffas, Bom Grille, além de restaurantes de classe C, D e E, que representam atualmente boa parte do consumo de alimentos fora do domicílio.

Como parte final dessa exposição, deve-se agradecer todo o apoio e dedicação do colaborador Auro Nagay – Diretor da Bolsinha Informativos, profissional reconhecido no mercado, além de parceiro nessa jornada empreendida diariamente.



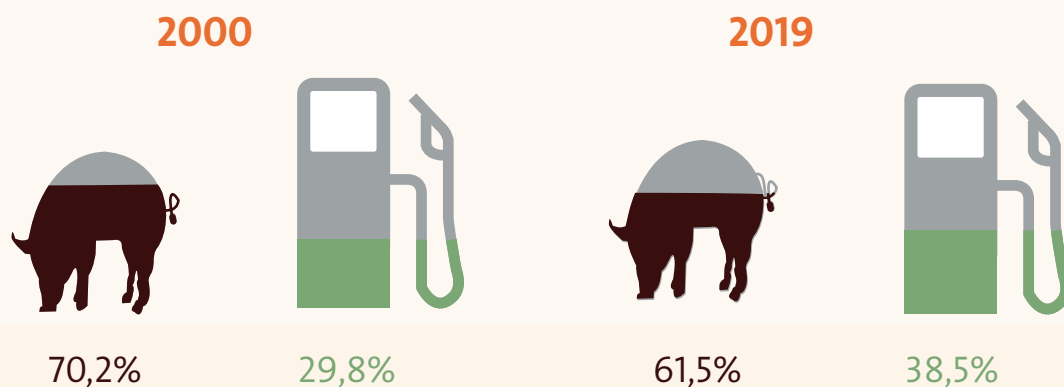
Foto: Clauduardo Abade.

1. Introdução

O milho é uma das commodities agrícolas mais importantes no mundo, sendo a principal fonte energética para ração animal, bem como base alimentar de alguns países e, não menos importante, na produção de combustível renovável (etanol).

Para se ter uma ideia da diversificação do consumo mundial de cereal, na safra 2000/2001, o consumo industrial representava 29,8% da demanda doméstica dos países. Na safra 2019/20, o uso industrial do milho, impulsionado pela produção de etanol, subiu quase 10 p.p. nestas últimas 20 safras.

Gráfico 1.
Participação do consumo de milho para ração animal x industrial (etanol e alimentação humana)
em 20 anos no mundo



Fonte: Usda

O uso deste grão na alimentação animal tende a crescer de forma constante, visto que a demanda mundial por proteína animal também segue seu ritmo de alta, já que, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda – sigla em inglês), a classe média tende a crescer, de 2014 a 2024, 119%, impulsionada pela China, Índia e Indonésia.

No Brasil, o milho já se consolidou como um importante produto para exportação e alimentação animal. Hoje, segue a passos largos para se tornar uma matriz energética relevante, com as boas perspectivas da produção de etanol à base deste cereal.

Desta forma, o presente trabalho é fundamental para dar uma noção ao produtor rural das oportunidades e desafios que o setor pode enfrentar para a próxima safra.

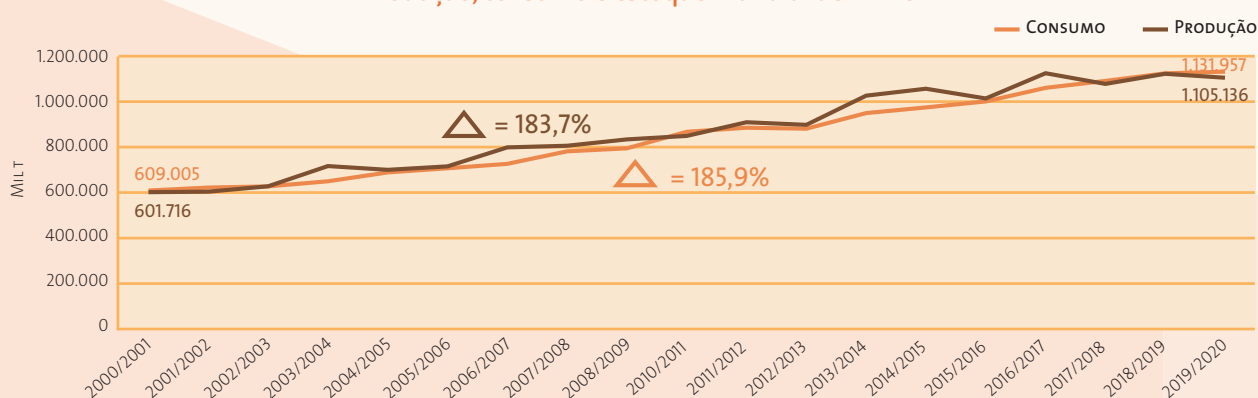
2. Panorama internacional

2.1. Oferta e demanda

A evolução da produção mundial de milho tem sido bastante significativa uma vez que, nas últimas 20 safras, esta produção quase dobrou: em 2000/2001 foi de 601,7 milhões de toneladas, na safra 2019/20, estima-se um montante de 1,1 bilhão de toneladas do cereal produzido mundialmente.

Pode-se observar que, claramente, o que vem estimulando a produção deste grão é o crescimento constante da demanda mundial, que teve um incremento, em 20 anos, na ordem de 185,9%, estando previsto para ficar cerca de 26,8 milhões de toneladas acima da produção para a próxima safra.

Gráfico 2.
Produção, consumo e estoque mundial de milho



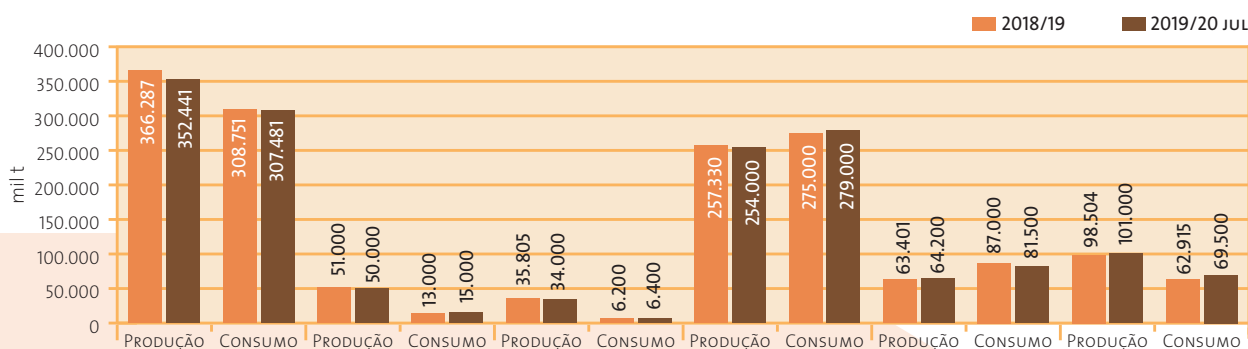
Fonte: Usda

Os principais consumidores são Estados Unidos, China, União Europeia e Brasil, que juntos respondem por 65,15% da demanda global. Dentre os principais consumidores, Estados Unidos, China, Brasil e União Europeia também são os principais produtores mundiais.

O Usda estima que, para os Estados Unidos, maior produtor mundial de milho, a safra terá um decréscimo de pouco mais de 14 milhões de toneladas para a safra 2019/20. A estimativa inicial era de que os norte-americanos produzissem mais uma safra recorde, superando

380 milhões de toneladas, mas o atraso significativo no plantio provocou uma forte queda na estimativa, hoje em 352,4 milhões de toneladas.

Gráfico 3.
Produção e consumo dos principais países produtores de milho na safra



Fonte: Usda/Julho/18 e Conab (dados do Brasil para a safra 2017/18)

Como a safra estadunidense ainda está em andamento e boa parte do milho no final do mês de julho (cerca de 42% de acordo com o relatório de acompanhamento de lavoura do Usda), ainda não havia entrado em polinização, há um grande montante de área plantada com risco de escassez de chuvas em uma das fases mais importantes para determinação de produtividade.

Além disso, o último relatório do Usda sobre área plantada indicou um incremento na área semeada na ordem de 3% em relação à safra anterior, o que provocou muitas dúvidas no mercado e fez com que o próprio Usda tivesse que fazer uma revisão destes dados e deverá publicá-los em 15 de agosto, o que pode interferir diretamente no mercado.

Com isso, muitos agentes do mercado estão trabalhando com uma produção nos Estados Unidos entre 300 e 330 milhões de toneladas, o que impactaria significativamente nas cotações do milho na Bolsa de Chicago, a principal bolsa de mercadorias para o milho.

Para a China é previsto um decréscimo na produção de 257,3 para 254 milhões de toneladas, contrapondo a um aumento no consumo de 275 para 279 milhões de toneladas, o que seria bastante positivo visto que este país, segundo o Usda, tem um estoque de passagem em torno de 200 milhões de toneladas.

Resta saber se este consumo de milho se confirmará, uma vez que a Peste Suína Africana (PSA) vem dizimando grande parte do plantel de suínos da China (algumas consultorias estimam um decréscimo de até 30% no plantel).

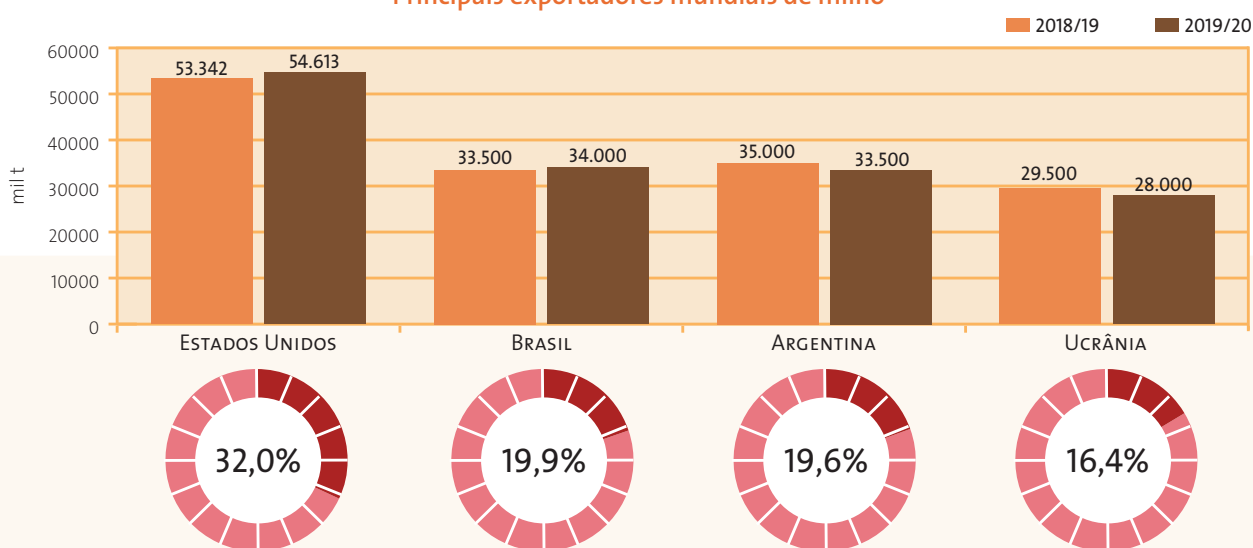
Outros importantes *players* do mercado, dada a importância para as exportações mundiais do grão, estão com expectativas de produção relativamente altas, sobretudo para o Brasil, onde o Usda estima um incremento na produção, atingindo 101 milhões de toneladas.

No caso da Argentina e Ucrânia, é estimada uma produção de 50 e 34 milhões de toneladas, respectivamente. Apesar do pequeno decréscimo em relação à safra anterior, ainda é um volume significativo de milho para os dois países que tendem a ser fortes competidores

no mercado externo do milho.

Para se ter uma ideia, a expectativa do Usda é que Brasil e Argentina participem com quase 20% das exportações cada um, e a Ucrânia, com pouco mais 16%. Os Estados Unidos, se mantiverem a produção estimada, se mantêm líder no mercado com 32% de participação no mercado internacional do cereal. Isso vai depender do comportamento da safra e, caso haja uma queda significativa da produção neste país, os norte-americanos podem dar preferência ao atendimento do mercado interno, perdendo *share* na exportação, o que reverteria a situação, favoravelmente, para Brasil, Argentina e Ucrânia.

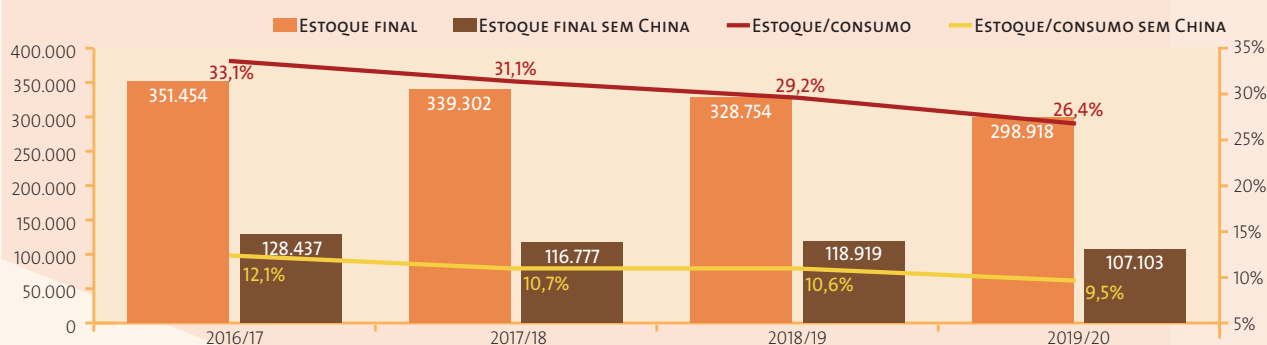
Gráfico 4.
Principais exportadores mundiais de milho



Fonte: Usda

Neste cenário de diminuição da produção mundial de milho, os estoques tendem a cair mais acentuadamente: cerca de 30 milhões de toneladas a menos. A relação estoque/consumo, que também terá um decréscimo, apesar de parecer ainda confortável, com 26,4%, é algo incerto visto que 2/3 de todo estoque mundial está na China e, como este país não tem tradição na exportação do milho, a relação estoque/consumo efetiva tende a ficar em 9,5%, o que pode ser preocupante, no caso de uma nova quebra da safra norte-americana.

Gráfico 5.
Estoques finais mundiais de milho (com e sem China), em mil ton, e relação estoque/consumo (com e sem China)



Fonte: Usda

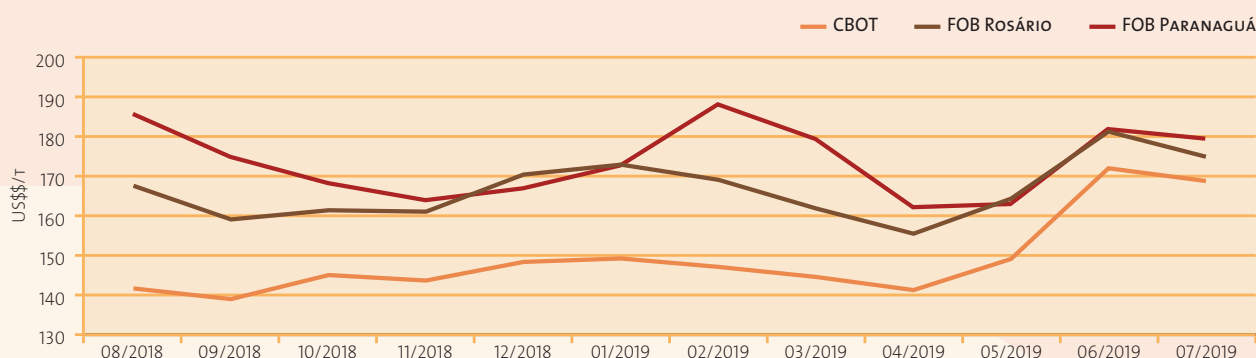
2.2. Preços internacionais

O atraso no plantio da safra nova nos Estados Unidos (33% fora da janela ideal), gerando a expectativa de uma forte quebra da produção estadunidense, provocou uma forte movimentação altista sobre os preços internacionais, sobretudo na Bolsa de Chicago, onde as cotações de 1ª entrega saíram de US\$ 148,84/t (US\$ 3,78/bushel), na média do mês de maio, para US\$ 171,77/t (4,36/bushel) na média de junho.

Apesar da pequena queda em julho em relação a junho, visto que o relatório de semeadura do Usda não apresentou, de fato, o quanto de área efetivamente deixou de ser plantada, o mercado espera que, nos próximos relatórios, estes dados sejam apresentados e, assim, ter-se-á a noção mais aproximada do volume de produção possível de se atingir neste país e, com isso, os preços devem apresentar novos picos de alta.

Um dado interessante a ser explicitado é que as exportações norte-americanas de milho estão bem abaixo, cerca de 11% a menos, do que a safra anterior. Neste sentido, os prêmios dos portos acabaram sendo mais favoráveis à países como Brasil e Argentina, que ocuparam, em determinado momento, o espaço do mercado norte-americano.

Gráfico 6.
Comparativo das cotações de milho na CBOT 1ª entrega, FOB Rosário (Argentina) e FOB Paranaguá



Fonte: Conab, CMEGroup e Mlniagri

2.3. Projeções para a próxima safra

Para a safra 2019/20, apesar do Usda estimar uma pequena redução de pouco mais de 14 milhões de toneladas em relação à safra anterior, o atraso no plantio e no desenvolvimento da cultura do milho no meio oeste dos Estados Unidos devem ser determinantes para o real tamanho da próxima safra, o que pode ser bem abaixo do estimado atualmente.

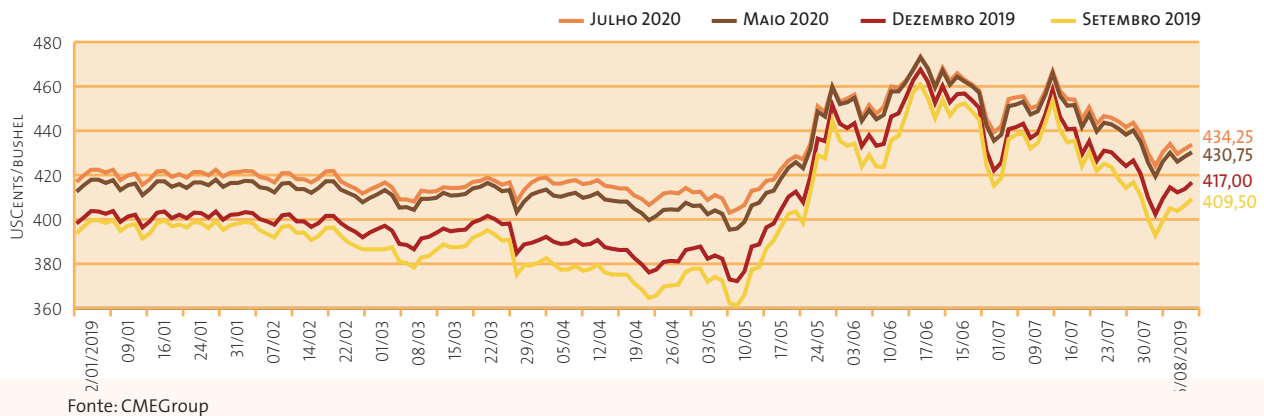
Neste sentido, obviamente todo o cenário de oferta e demanda de milho estadunidense deverá ser ajustado. Muito provavelmente haverá um consumo maior do estoque final, atualmente projetado para 51,1 milhões de toneladas (8,0 milhões de toneladas a menos que à safra passada).

Possivelmente as exportações norte-americanas deverão ser menor caso haja um novo decréscimo na produção, o que abre novas oportunidades ao Brasil, contudo observando que

Argentina e Ucrânia também buscarão ocupar este espaço no mercado externo.

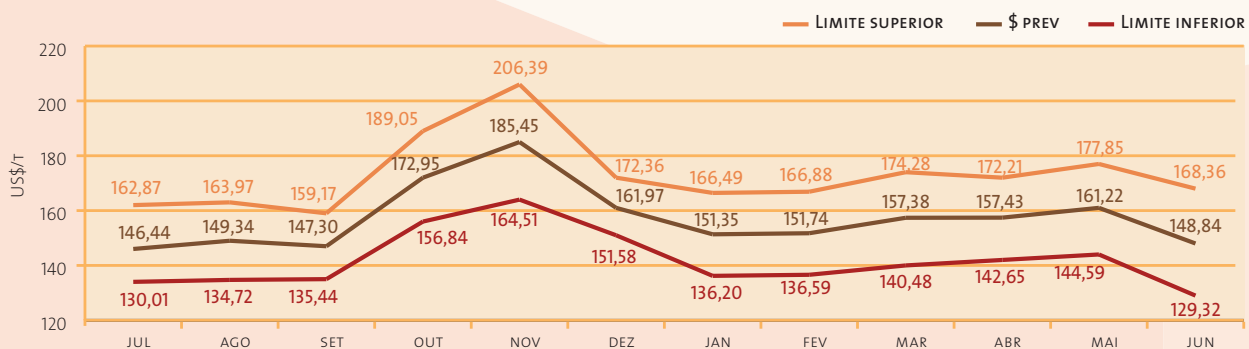
De qualquer maneira, este cenário já é suficiente para indicar cotações um pouco mais atrativas que as do início do ano, para os diversos contratos em Chicago, o que é favorável à paridade de exportação brasileira.

Gráfico 7.
Evolução das cotações dos contratos de Milho - CBOT



Utilizando-se um modelo econométrico de análise e observando-se a conjuntura de oferta e demanda norte-americana e mundial, as cotações estimadas devem variar entre os limites inferior e médio do gráfico abaixo, mais próximas do limite superior, entre US\$ 159,17 e 206,39/t (US\$ 4,04 a 5,24/bu), dependendo de alguns momentos importantes ao longo dos meses de julho de 2019 a junho de 2020, como definição da produção e colheita da safra dos Estados Unidos (agosto/19 – outubro/19), estimativa da safra da América do Sul (outubro/19-janeiro/20), intenção de plantio da safra norte-americana de 2020/21(março/20) e final do plantio desta safra.

Gráfico 8.
Projeção das cotações de milho 1ª entrega na CBOT



3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda

Tabela 1.
Oferta e demanda brasileira de milho - Fev - Jan (mil t)

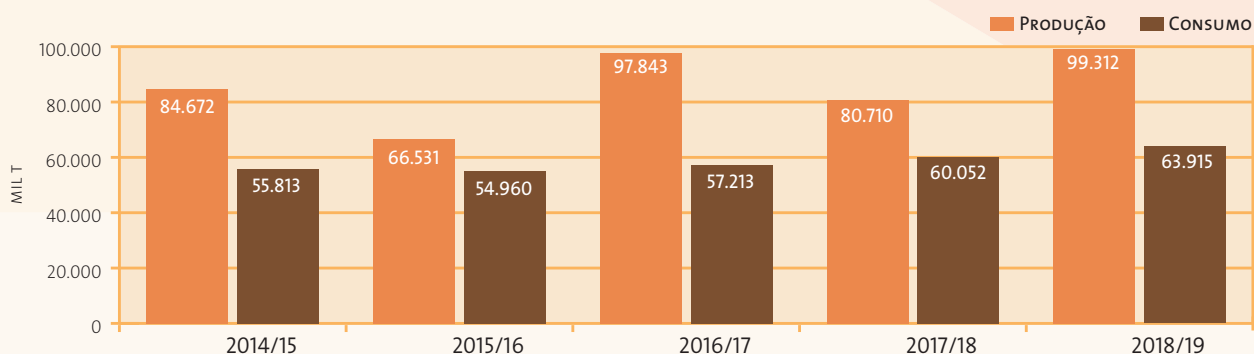
SAFRA	ESTOQUE	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	12.137,7	84.672,4	316,1	97.126,2	55.812,7	30.191,2	11.122,3
2015/16	11.122,3	66.530,6	3.338,1	80.991,0	54.959,7	18.897,3	7.134,0
2016/17	7.134,0	97.842,8	953,6	105.930,4	57.213,4	30.850,8	17.866,3
2017/18	17.866,3	80.709,5	901,8	99.203,1	60.052,0	23.820,4	15.605,2
2018/19	15.605,2	99.312,3	500,0	115.417,5	63.915,3	34.500,0	17.002,3

Fonte: Conab

A safra brasileira de milho, segundo a Conab, atingiu uma produção recorde, sobretudo impulsionada pela 2ª safra, quando se conseguiu semear praticamente toda a área dentro da janela ideal de plantio. Além disso, as boas condições climáticas corroboraram para uma produção final, ainda estimada de 99,3 milhões de toneladas.

O consumo doméstico, por sua vez, também teve um significativo incremento (de 60,1 para 63,9 milhões de toneladas), fomentado, principalmente, pelas usinas de etanol a base de milho ou flex, que devem consumir um volume na ordem de três milhões de toneladas até o final deste ano-safra, com possibilidade de expansão significativa para a safra seguinte.

Gráfico 9.
Comparativo de produção e consumo de milho no Brasil



Fonte: Conab

Um ponto de destaque e até mesmo uma certa preocupação é a redução de produção do milho 1ª safra e a concentração de praticamente 70% desta na 2ª safra, visto que o risco climático para 2ª safra é maior, com uma chance de perda de produção à exemplo do ocorrido em 2015/16, causando um sério problema para o abastecimento interno de cadeias produtivas importantes, como a de aves e suínos.

Além disso, o custo logístico do milho da 2ª safra é bem mais alto, visto que o maior

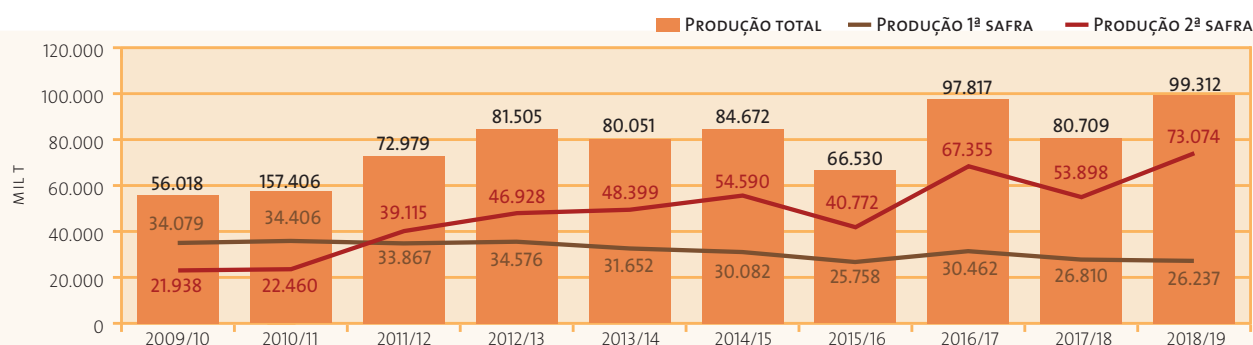
volume deste milho é colhido no Centro-Oeste, principalmente no Mato Grosso, responsável por 43% da produção do milho desta safra.

Assim, em eventuais quedas nas cotações de Chicago e dólar, o risco de preços depreciados à níveis abaixo do preço mínimo do Governo Federal é bem mais elevado, o que impacta diretamente nos gastos governamentais.

Outro ponto importante a ser citado é que a produção de milho 1ª safra está concentrada, majoritariamente, na Região Sul e Sudeste do país, locais onde há um grande volume de produção animal, principalmente aves e suínos.

Desta feita, em diversos momentos, o custo do cereal para estas cadeias tem sido mais elevado, dada a necessidade de importação do produto de outros estados.

Gráfico 10.
Comparativo de produção entre 1ª e 2ª safra de milho no Brasil



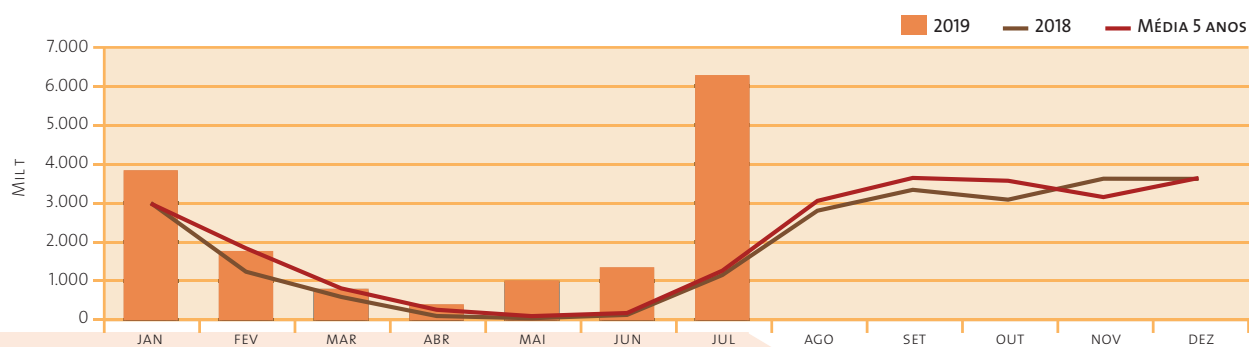
Fonte: Usda

Outro ponto importante no balanço de oferta e demanda de milho é a exportação. O Brasil deve atingir um volume recorde de embarques na safra 2018/19, visto que os fatores como dólar elevado e, mais recentemente, as cotações na Bolsa de Chicago, favoreceram negociações, muitas destas fechadas antecipadamente, elevando as projeções iniciais.

Para se ter uma ideia, neste ano-safra, o volume de embarques tem sido, mês a mês, bem acima do que tem sido registrado no ano anterior e na média dos últimos cinco anos.

Assim, a estimativa é de que o Brasil exporte um volume total em 2018/19 de 34,5 milhões de toneladas de milho.

Gráfico 11.
Exportações brasileiras mensais de milho em 2019 comparada com 2018 e a média de 05 anos



Fonte: Secex

Neste cenário, o estoque final tende a ficar em 17 milhões de toneladas, o segundo maior da série histórica. Contudo, fatores de paridade estão exercendo mais influência sobre os preços domésticos.

3.2. Preços nacionais

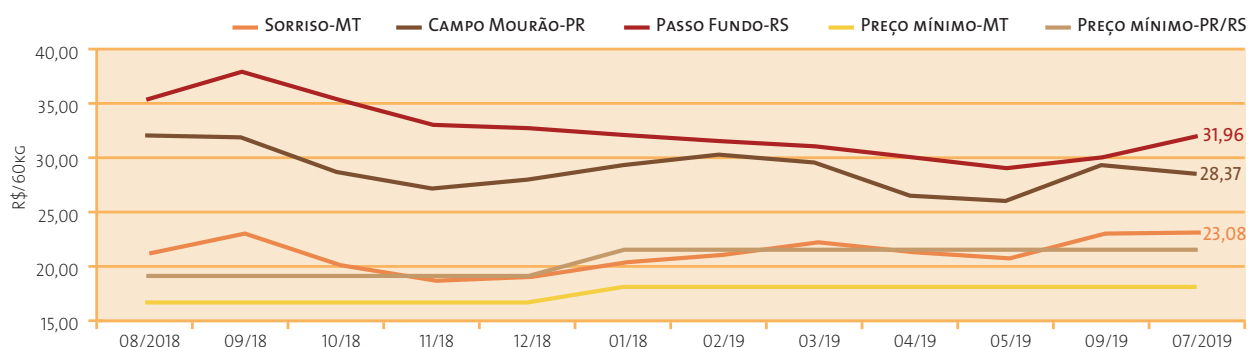
Apesar de uma conjuntura no início da safra 2018/19 que indicava uma forte baixa nas cotações do milho, sobretudo em julho, em que se estimava que a safra seria bastante robusta (como realmente está sendo) e, por essa razão, haveria uma forte pressão baixista, de fato, isso não ocorreu.

Uma das razões principais para tal cenário foi o atraso significativo no plantio da safra dos Estados Unidos, onde o percentual de milho semeado fora do período ideal (até o início de junho) foi de 33%, ou seja, um considerável volume de área com alto risco climático.

Além disso, o mercado ainda não tem certeza do quanto deixou de ser plantado e o que ficou fora do seguro agrícola deste país, caso em que o produtor norte-americano deve assumir o risco.

Este clima de incertezas permitiu uma alta volatilidade nas cotações internacionais, muitas vezes favorecendo os preços internos, sobretudo quando houve uma baixa do dólar provocada pelo cenário político-econômico nacional com a aprovação em 1º turno da Reforma da Previdência pela Câmara Federal.

Gráfico 12.
Preços médios de milho mensais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab

Daqui para frente, as cotações brasileiras serão impulsionadas por esses dois fatores, somados, sobretudo no Mato Grosso, pela forte demanda de milho para a produção e etanol, que tem entrado no mercado comprando o cereal em condições até R\$ 3,00/60Kg acima da paridade.

4. Perspectivas para a próxima safra

4.1. Análise do quadro de suprimento

Tomando por base um modelo estatístico de percentual médio de crescimento da série histórica por Unidade da Federação para projeção da área e produção da safra 2019/20, tem-se os seguintes dados:

Tabela 2.
Estimativa de área e produção de milho 1ª safra

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)	PRODUÇÃO (EM MIL KG)		
	CENÁRIO NEGATIVO	MANUTENÇÃO	CENÁRIO POSITIVO		CENÁRIO NEGATIVO	MANUTENÇÃO	CENÁRIO POSITIVO
NORTE	222,4	243,8	248,6	3.239,0	709,0	789,7	802,6
NORDESTE	1.693,6	1.822,7	1.828,2	2.439,7	3.844,2	4.446,8	4.293,5
CENTRO-OESTE	338,9	345,0	421,2	7.798,2	2.408,6	2.690,4	3.028,9
SUDESTE	1.045,0	1.120,4	1.040,1	6.164,4	6.338,7	6.906,6	6.523,4
SUL	1.349,8	1.447,6	1.521,3	8.078,7	10.893,5	11.694,7	12.308,2
NORTE/ NORDESTE	2.043,3	2.066,5	2.076,8	2.534,0	4.553,2	5.236,4	5.096,1
CENTRO-SUL	2.733,8	2.913,0	2.982,6	7.309,2	19.640,9	21.291,7	21.860,5
BRASIL	4.777,1	4.979,5	5.059,4	5.327,5	24.194,1	26.528,2	26.956,5

Fonte: Conab.

Vale salientar que a produtividade foi calculada baseando-se em um modelo de séries temporais, por essa razão os dados de produção da manutenção diferem um pouco dos dados atuais da safra 2018/19, visto que se considera a manutenção da área plantada.

Diante do que foi apresentado, a indicação mais plausível é pelo valor no cenário positivo, já que, apesar das cotações em estados importantes como Rio Grande do Sul e Paraná es-

tarem com cotações um pouco mais baixas que há um ano, existe uma indicação de melhora nos preços em decorrência da possibilidade de quebra de safra de milho nos Estados Unidos, o que seria um incentivo para o produtor rural.

Se for analisado um estudo de rentabilidade, no Rio Grande do Sul, por exemplo, observa-se que em volume total de receita (kg/ha), dado os atuais níveis de preços, o milho está tão vantajoso quanto a soja. Com a possibilidade de aumento de preço do milho e as incertezas quanto à situação da soja no mercado externo (guerra comercial China e Estados Unidos), é bem provável que haja um pequeno aumento na área a ser semeada na 1ª safra.

Tabela 3.
Comparativo de rentabilidade entre soja e milho no RS

RIO GRANDE DO SUL	MILHO (Santo ângelo)		SOJA (Cruz Alta)	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	7.500 KG/HA		2.700 KG/HA	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	31,12	R\$/60KG	68,44	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	3890,00	31,12	3079,80	68,44
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	2083,10	16,66	1526,69	33,93
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	2834,54	22,68	1884,3	41,87
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	3221,24	25,77	2204,26	48,98
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1806,90	14,46	1553,11	34,51
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	1055,46	8,44	1195,50	26,57
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	668,76	5,35	875,54	19,46
INDICADORES				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	1,87	(A / B1)	2,02
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	1,37	(A / B2)	1,63
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	1,21	(A / B3)	1,40
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	46,4%	(A / A)	50,4%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	27,1%	(B / A)	38,8%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	17,2%	(C / A)	28,4%

Fonte: Conab

Assim, a estimativa de produção para 1ª safra de 2019/20 é de 26,95 milhões de toneladas.

No caso da 2ª safra, até porque já existe um bom volume de milho negociado antecipadamente (18% no país e até 30% no Mato Grosso, segundo a FCStone), há uma forte tendência de incremento de área.

Outro fator que pesa nesta estimativa é a instalação de novas plantas de produção de etanol à base de milho, no Centro-Oeste do país, com volumes significativos de esmagamento.

Tabela 4.
Estimativa de área e produção de milho 2ª safra

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)	PRODUÇÃO (EM MIL KG)		
	CENÁRIO NEGATIVO	MANUNTENÇÃO	CENÁRIO POSITIVO		CENÁRIO NEGATIVO	MANUNTENÇÃO	CENÁRIO POSITIVO
NORTE	552,6	483,1	594,4	4.246,9	2.347,0	2.051,7	2.524,5
NORDESTE	748,9	759,1	782,9	2.947,1	2.207,1	2.237,1	2.307,2
CENTRO-OESTE	8.390,9	7.976,4	8.574,8	5.758,1	48.316,0	45.929,2	49.374,6
SUDESTE	885,7	863,0	969,8	5.566,0	4.930,1	4.803,5	5.398,0
SUL	2.316,5	2.248,0	2.374,0	5.355,0	12.405,1	12.038,0	12.713,0
NORTE/ NORDESTE	1.301,6	1.242,2	1.377,3	3.452,6	4.554,2	4.288,8	4.831,7
CENTRO-SUL	11.593,2	11.087,4	11.918,6	5.661,4	65.651,2	62.770,7	67.485,7
BRASIL	12.894,8	12.329,6	13.296,0	5.438,9	70.205,3	67.059,5	72.317,4

Fonte: Conab.

Desta feita, utilizando a mesma metodologia de projeção da 1ª safra, a expectativa é de que haja um incremento em área, conforme o cenário positivo e uma produção de 72,31 milhões de toneladas, até porque o milho continua sendo a principal cultura a ser utilizada após a colheita da soja, não somente pela liquidez que o milho tem perante outros grãos, como o trigo, por exemplo, mas por que possui uma melhor rentabilidade, como apresentado no quadro abaixo:

Tabela 5.
Comparativo de rentabilidade entre trigo e milho no PR

RIO GRANDE DO SUL	TRIGO (Londrina)		MILHO (Londrina)	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	3.117 KG/HA		5.700 KG/HA	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	44,50	R\$/60KG	28,48	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	2311,78	44,50	2705,60	28,48
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1876,93	36,13	2040,49	21,48
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	2174,13	41,85	2468,90	25,99
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	2512,22	48,36	2868,09	30,19
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	434,85	8,37	665,11	7,00
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	137,65	2,65	236,70	2,49
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	-200,45	-3,86	-162,49	-1,71
INDICADORES				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	1,23	(A / B1)	1,33
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	1,06	(A / B2)	1,10
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	0,92	(A / B3)	0,94
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	18,8%	(A / A)	24,6%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	6,0%	(B / A)	8,7%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	-8,7%	(C / A)	-6,0%

Fonte: Conab

Assim, a produção total estimada para a safra 2019/20 é de 99,27 milhões de toneladas. A estimativa de exportação deve ser próxima à da safra atual, ficando em 34 milhões de toneladas, considerando não só a paridade de exportação possível para o final de 2019 e meados de 2020, mas as negociações antecipadas do milho.

O consumo doméstico deve ter um incremento para 68,13 milhões de toneladas, incluindo mais 3,0 milhões de toneladas para a produção de etanol (tendo em vista a implantação e início de atividades de pelo menos mais três usinas *full*) e pouco mais de 1,0 milhão para ração animal, tendo em vista o incremento da exportação de carnes, sobretudo para a China, em virtude dos surtos de PSA neste país.

Neste cenário, o estoque final previsto para a safra de milho 2019/20 no Brasil é de 14,64 milhões de toneladas.

Tabela 6.
Oferta e demanda brasileira de milho com estimativa da safra 2019/20 (Fev – Jan)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	11.122,3	66.530,6	3.338,1	80.991,0	54.959,7	18.897,3	7.134,0
2016/17	7.134,0	97.842,8	953,6	105.930,4	57.213,4	30.850,8	17.866,3
2017/18	17.866,3	80.709,5	901,8	99.477,6	60.052,0	23.820,4	15.605,2
2018/19	15.605,2	99.312,3	500,0	115.417,5	63.915,3	34.500,0	17.002,3
2019/20*	17.002,3	99.273,9	500,0	116.776,2	68.133,6	34.000,0	14.642,7

Legenda: (*) Estimativa
Fonte: Conab

4.2. Projeção de preços futuros

Os preços futuros dependem de dois grandes fatores: Bolsa de Chicago e dólar.

O primeiro fator, hoje em US\$ 4,00/bushel, tende a subir, podendo, talvez, romper a barreira dos US\$ 5,00/bushel, dependendo do tamanho real da safra norte-americana.

O câmbio, segundo o boletim Focus, deve variar entre R\$ 3,75 e 3,80 em 2019 e 2020. Vai depender muito do cenário econômico nacional. Assim, para efeito de cálculo, considera-se um intervalo entre R\$ 3,50 e 4,00.

Utilizando ainda um prêmio médio de porto de US Cents 35,00/bushel acima de Chicago, tem-se o seguinte parâmetro de preços domésticos para a próxima safra:

Tabela 7.
Estimativa de preços de paridade do milho em Cascavel - Paraná

PRAÇA BASE: CAMPO MOURÃO - FRETE MÉDIO (CAMPO MOURÃO - PARANAGUÁ) - R\$ 85,00/T										
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)										
		3,50	3,70	3,90	4,10	4,30	4,50	4,70	4,90	5,10
DÓLAR	3,50	25,53	27,18	28,84	30,49	32,14	33,80	35,45	37,10	38,76
	3,60	26,44	28,14	29,84	31,54	33,24	34,94	36,64	38,34	40,04
	3,70	27,35	29,09	30,84	32,59	34,34	36,09	37,83	39,58	41,33
	3,80	28,26	30,05	31,85	33,64	35,44	37,23	39,03	40,82	42,62
	3,90	29,17	31,01	32,85	34,69	36,54	38,38	40,22	42,06	43,90
	4,00	30,08	31,96	33,85	35,74	37,63	39,52	41,41	43,30	45,19

Fonte: CMEGroup, Bacen

Tabela 8.
Estimativa de preços de paridade do milho em Sorriso - Mato Grosso

PRAÇA BASE: CAMPO MOURÃO - FRETE MÉDIO (CAMPO MOURÃO - PARANAGUÁ) - R\$ 85,00/t										
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)										
		3,50	3,70	3,90	4,10	4,30	4,50	4,70	4,90	5,10
DÓLAR	3,50	13,83	15,48	17,14	18,79	20,44	22,10	23,75	25,40	27,06
	3,60	14,74	16,44	18,14	19,84	21,54	23,24	24,94	26,64	28,34
	3,70	15,65	17,39	19,14	20,89	22,64	24,39	26,13	27,88	29,63
	3,80	16,56	18,35	20,15	21,94	23,74	25,53	27,33	29,12	30,92
	3,90	17,47	19,31	21,15	22,99	24,84	26,68	28,52	30,36	32,20
	4,00	18,38	20,26	22,15	24,04	25,93	27,82	29,71	31,60	33,49

Fonte: CMEGroup, Bacen

Salienta-se que foram utilizados fretes médios de Sorriso a Santos de R\$ 310,00/t, do período de agosto de 2018 a julho de 2019, e de R\$ 105,00/t de Cascavel a Paranaguá.

Assim, estima-se que as cotações de milho em Cascavel (PR) devem ficar, no maior período do ano safra, entre R\$ 30,84 e 35,44/60Kg. Para Sorriso, projeta-se um valor no milho entre R\$ 19,14 a 23,74/60Kg.

Deve-se observar que poderá haver momentos em que as cotações internas podem trabalhar nos extremos, por exemplo: quando houver a confirmação da produção da safra 2019/20 dos Estados Unidos, podendo elevar as cotações para patamares acima de US\$ 5,00/bushel (setembro e outubro de 2019), ratificando a possível quebra e no momento da colheita do milho 2ª safra (que deve ser robusta novamente, conforme projeção), somada à definição da safra 2020/21 dos Estados Unidos (que tende a ter uma recuperação em área e produção), em julho de 2020.

Desta feita, de acordo com a situação apresentada no parágrafo anterior, será possível ter cotações domésticas de R\$ 27,35 e 15,65/60Kg para Campo Mourão (PR) e Sorriso (MT) a partir de julho de 2020, provável momento de maior pressão baixista.

Por essa razão, é de suma importância que o produtor aproveite o pico de alta para realizar as vendas, mesmo que antecipadamente, do grão, bem como que o produtor de carnes observe o melhor momento de compra, inclusive porque as *tradings* e usinas de etanol de milho devem entrar forte no mercado, que será marcado por uma alta volatilidade.

5. Considerações finais

Nesta ótica, o produtor terá, na safra 2019/20, uma situação conjuntural em que se faz necessário aproveitar os custos de oportunidades para realizar negócios, visto que a tendência de preços elevados do milho pode se estender até o início de abril de 2020.

Outro ponto a ser citado é a possibilidade de incremento no consumo interno, tanto

para o setor de carnes, que poderá ter um aumento no plantel no próximo ano, dado o cenário de proteína animal para o mercado chinês, bem como a implantação de novas usinas de etanol de milho, diversificando a demanda.



SOJA

LEONARDO AMAZONAS



Foto: Virgílio Neto.

1. Introdução

É importante salientar que a soja em grãos é uma das principais commodities mundiais, com produção em mais de 60 países, tendo como subprodutos o farelo e o óleo, de suma importância para a alimentação animal e humana. O farelo é importante, basicamente, pelo seu potencial proteico, usado para alimentação animal. Assim, segundo o Departamento de agricultura dos Estados Unidos (Usda), para a safra 2019/2020 serão produzidas cerca de 241,31 milhões de toneladas de farelo de soja, com um aumento de apenas 5,43 milhões de toneladas (2,30%) em relação à safra 2018/2019, que foi de 235,87 milhões de toneladas.

Em se tratando do óleo de soja, é interessante ressaltar que sua produção é voltada essencialmente para o consumo humano, contudo, é usado também pelas indústrias para produção de cosméticos, remédios, plásticos, tecidos e uma infinidade de opções, além de seu uso para a produção de biodiesel. Segundo o Usda, serão produzidas aproximadamente 57,52 milhões de toneladas de óleo de soja, com um aumento de apenas 1,22 milhões de toneladas (2,17%) em relação à safra 2018/2019, que foi de 56,29 milhões de toneladas. Como o Brasil é o maior exportador de soja mundial, os preços internacionais afetam diretamente a balança comercial brasileira e os preços desse complexo no mercado nacional.

A soja no Brasil é a principal cultura em extensão de área e volume de produção, representando aproximadamente 48% dos 240,65 milhões de toneladas de grãos produzidos em 2019 no país. O mercado da soja brasileira atende duas situações: a exportação e o esmagamento, de onde obtém-se dois subprodutos: o óleo e o farelo de soja. Em 2019, a estimativa de esmagamento gira em torno de 43,20 milhões de toneladas de soja em grãos, com uma produção próxima a 8,42 milhões de toneladas de óleo de soja, usado, sobretudo, para consumo humano e para fabricação de biodiesel, além da produção de 33,26 milhões de toneladas de

farelo de soja para alimentação proteica animal (aves, suínos e bovinos), alimentação humana e uso industrial.

Segundo a Secretaria Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia (ME), as exportações brasileiras de 2018 foram de 239,26 bilhões de dólares. Já o complexo soja (soja em grãos, farelo de soja e óleo de soja) foi responsável por 40,64 bilhões de dólares, ou seja, 16,98% de todas as exportações nacionais, sendo o produto de maior importância na balança comercial brasileira no ano de 2018.

Neste foco, o objetivo deste trabalho é expor para o agricultor brasileiro uma análise de mercado de soja em grãos que terá seu plantio iniciado em setembro de 2019, bem como um diagnóstico sobre os possíveis preços, rentabilidade e expectativa de produção para a safra 2019/2020.

Tabela 1.
Balança Comercial Brasileira - Principais Produtos Exportados

	2018		2017		2016		2015	
	BILHÕES US\$	% TOTAL	BILHÕES US\$	% TOTAL	BILHÕES US\$	% TOTAL	BILHÕES US\$	% TOTAL
TOTAL GERAL	239,26	100%	217,74	100%	185,23	100%	190,97	1,00
Soja	40,64	16,98%	31,72	14,57%	25,42	13,72%	27,96	0,15
Petróleo e Derivados de Petróleo	31,70	13,21%	21,18	9,73%	13,48	7,28%	16,51	0,09
Material de Transporte e Componentes	29,57	12,33%	26,38	12,12%	25,40	13,71%	21,51	0,11
Minérios Metalúrgicos	23,66	9,86%	22,40	10,29%	15,82	8,54%	16,65	0,09
Produtos Metalúrgicos	15,92	6,64%	14,63	6,72%	11,61	6,27%	13,41	0,07
Carnes	14,28	5,95%	15,09	6,93%	13,92	7,52%	14,35	0,08

Fonte: Secex/ME.

2. Mercado internacional

O mercado internacional de soja é composto por três principais *players* produtores e exportadores: Brasil, Estados Unidos e Argentina. Na ponta importadora, a China se destaca como maior comprador mundial.

Segundo o Usda, em sua última divulgação do quadro de oferta e demanda mundial, referente ao mês de julho/2019, foi estimado para a safra mundial de soja em grãos 2019/2020 que o Brasil (35,44%), EUA (30,15%) e Argentina (15,27%) juntos são responsáveis por 80,87% de toda a produção mundial de soja em grão. A China responde por 57,68% de todas as importações mundiais.

2.1. Produção mundial de soja

Em seu relatório de julho de 2019, o Usda estima que a safra mundial de soja em grãos 2019/2020 será em cerca de 347,04 milhões de toneladas; valor 4,36% menor que o estimado na safra 2018/2019, de 362,87 milhões de toneladas. Esta redução é ocasionada por uma perspectiva de redução de produção da safra dos Estados Unidos, que terá um decréscimo de 19,02 milhões de toneladas.

Tabela 2.
Produção mundial de soja (milhões de t)

PAÍS/SAFRA	2018/19 (A)	2019/20 JUNHO (B)	2019/20 JULHO (C)	VARIAÇÃO (A/C)		VARIAÇÃO (B/C)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
BRASIL	117,00	123,00	123,00	6,00	5,13	0,00	0,00
ESTADOS UNIDOS	123,66	112,95	104,64	-19,02	-15,38	-8,30	-7,35
ARGENTINA	56,00	53,00	53,00	-3,00	-5,36	0,00	0,00
CHINA	15,90	17,00	17,00	1,10	6,92	0,00	0,00
OUTROS	50,31	49,45	49,40	-0,91	-1,80	-0,05	-0,10
TOTAL	362,87	355,39	347,04	-15,83	-4,36	-8,35	-2,35

Fonte: Usda/jul.2019.

A safra 2019/2020 dos Estados Unidos é estimada (Usda) em 104 milhões de toneladas.

Se comparada à safra 2018/2019, a estimativa é de um decréscimo de produção de 19,02 milhões de toneladas (-15,38%), motivada pelas reduções de área americana, que na safra 2018/2019 era de 35,65 milhões de hectares, passando a ser estimada em 32,08 milhões de hectares na safra 2019/2020.

Esta redução ocorre motivada pela guerra comercial entre Estados Unidos e China, que iniciou em abril de 2018, quando a China, em retaliação à taxa de minério de ferro imposta pelos Estados Unidos, divulgou que iria taxar as importações de soja americanas em 25%. Com isto, as exportações americanas tiveram uma forte redução, aumentando mais ainda seus estoques de soja em grãos, motivando uma forte baixa dos preços na Bolsa de Valores de Chicago. Por este motivo, os norte-americanos devem plantar uma menor área de soja para a safra 2019/2020.

Além do mais, face a grandes quantidades de chuvas nos Estados Unidos na época de plantio, muitas áreas foram semeadas fora da janela ideal, podendo motivar, também, uma redução de produtividade. Cabe salientar que, para a safra 2019/2020, em seu levantamento de julho de 2019 (Usda), a produtividade ainda é calculada pela média dos últimos cinco anos, estando em 3.260 kg/ha. Já na safra anterior este valor foi estimado em 3.470 kg/ha.

A estimativa do Usda é de que o Brasil venha a ser o maior produtor de soja do mundo. A não ser que haja um problema climático muito severo, a produção nacional deverá alcançar o valor de 123 milhões de toneladas. O Usda estima que as áreas plantadas no Brasil deverão ter uma expansão de quase 2,21%, passando de 35,15 milhões de hectares na safra 2018/2019 para 36,90 milhões de hectares na safra 2019/2020. Já a produtividade, calculada pela média dos cinco anos, será de 3.330 kg/ha para safra 2019/2020. Na safra 2018/2019 este valor era de 3.240 kg/ha.

Para a Argentina o Usda avalia que a safra 2019/2020 será de 53 milhões de toneladas.

Na safra 2018/2019, o clima foi muito favorável à cultura, por isto foi estimada em 56 milhões de toneladas. Desta feita, e caso não haja nenhum problema climático no decorrer do desenvolvimento da cultura, a produção da Argentina poderá chegar ao valor maior que o estimado.

2.2. Esmagamento mundial de soja

Segundo o Usda, haverá aumento de esmagamento mundial de soja na safra 2019/2020, em relação à safra 2018/2019, de aproximadamente 2,29%, com um volume de 307,85 milhões de toneladas em esmagamentos. O aumento absoluto é de 6,89 milhões de toneladas.

Tabela 3.
Esmagamento mundial de soja (milhões de t)

PAÍS/SAFRA	2018/19 (A)	2019/20 JUNHO (B)	2019/20 JULHO (C)	VARIAÇÃO (A/C)		VARIAÇÃO (B/C)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
CHINA	86,00	86,00	86,00	0,00	0,00	0,00	0,00
ESTADOS UNIDOS	56,74	57,56	57,56	0,82	1,44	0,00	0,00
ARGENTINA	41,00	45,00	45,00	4,00	9,76	0,00	0,00
BRASIL	43,20	43,75	43,75	0,55	1,27	0,00	0,00
OUTROS	74,02	75,79	75,54	1,52	2,06	-0,25	-0,33
TOTAL	300,96	308,10	307,85	6,89	2,29	-0,25	-0,08

Fonte: Usda/jul.2019.

A China é o maior esmagador de soja do mundo, responsável por cerca de 27,93% de todos os esmagamentos mundiais. Somados aos esmagamentos dos Estados Unidos, com 18,69% dos esmagamentos mundiais, Argentina, com 14,61%, e Brasil, com 14,21%, estes respondem por 75,46% de todos os esmagamentos mundiais.

Os esmagamentos de soja chinesa para 2020, segundo o Usda, deverá se manter no mesmo valor de 2019, pois a China reduziu o seu rebanho de suínos devido à Peste Suína Asiática (PSA).

Contudo, é provável que esta estimativa do Usda esteja equivocada, podendo, inclusive, ocorrer uma redução, visto que a Associação de Indústria de Rações da China (CFIA) estimou que a produção total de ração cairá em 2019. A previsão é de que a demanda de farelo para alimentação de suínos venha a cair 27%, compensada, em parte, por aumentos de 5% a 10% na alimentação para frangos, poedeiras, ruminantes e aquicultura.

Os esmagamentos nos Estados Unidos para a safra 2019/2020 devem aumentar apenas 820 mil toneladas, passando de 56,74 milhões de toneladas da safra 2018/2019 para 57,56 na safra atual.

Segundo o Usda, a Argentina deve esmagar 45,00 milhões de toneladas de soja em grãos na safra 2019/2020, ou seja, haverá aumento de 9,76% em relação à safra anterior, 4 milhões de toneladas em valor absoluto. Com isto, o país se destaca como o terceiro maior esmagador mundial.

O Brasil deverá esmagar, aproximadamente, 43,75 milhões de toneladas de soja em grãos na safra 2019/2020, isto é, um incremento nos esmagamento de 2,06% em relação à safra anterior.

2.3. Importação mundial de soja

As importações mundiais para a safra 2019/2020 estão estimadas em 150,82 milhões de toneladas, valor este 1,34% maior que o previsto para a safra 2018/2019, com um aumento absoluto de apenas 1,99 milhões de toneladas.

Tabela 4.
Importação mundial de soja (milhões de t)

País/safra	2018/19 (A)	2019/20 JUNHO (B)	2019/20 JULHO (C)	VARIAÇÃO (A/C)		VARIAÇÃO (B/C)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
CHINA	85,00	87,00	87,00	2,00	2,35	0,00	0,00
UNIÃO EUROPEU	15,80	15,10	15,10	-0,70	-4,43	0,00	0,00
MÉXICO	5,23	5,80	5,80	0,57	10,90	0,00	0,00
ARGENTINA	6,35	3,90	3,90	-2,45	-38,58	0,00	0,00
OUTROS	36,45	39,02	39,02	2,57	7,05	0,00	0,00
TOTAL	148,83	150,82	150,82	1,99	1,34	0,00	0,00

Fonte: Usda/jul.2019.

Para a safra 2019/2020, o Usda estima que a China importará mais ou menos 2 milhões de toneladas a mais que na safra 2018/2019, valor muito menor que o esperado, pois considerando o problema de PSA que assola o país, a China importará 87 milhões de toneladas.

2.4. Exportação mundial de soja

O Usda avalia que as exportações mundiais de soja para a safra 2019/2020 cheguem a 151,26 milhões de toneladas, representando aumento de apenas 0,73% em relação às exportações mundiais estimadas na safra 2018/2019, que foram de 150,05 milhões de toneladas.

Tabela 5.
Exportação mundial de soja (milhões de t)

País/safra	2018/19 (A)	2019/20 JUNHO (B)	2019/20 JULHO (C)	VARIAÇÃO (A/C)		VARIAÇÃO (B/C)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
BRASIL	77,25	75,00	76,00	-1,25	-1,62	1,00	1,33
ESTADOS UNIDOS	46,27	53,07	51,03	4,76	10,29	-2,04	-3,85
ARGENTINA	8,75	7,00	8,00	-0,75	-8,57	1,00	14,29
PARAGUAI	5,60	6,20	6,20	0,60	10,71	0,00	0,00
OUTROS	12,30	9,78	10,03	-2,27	-18,42	0,25	2,56
TOTAL	150,16	151,05	151,26	1,10	0,73	0,21	0,14

Fonte: Usda/jul 2019.

Como maiores produtores de soja, responsáveis por 65,60% da produção mundial, o Brasil (50,24%) e os Estados Unidos (33,73%) devem produzir cerca de 84% de todas as exportações mundiais na safra 2019/2020.

Segundo o Usda, o Brasil, na safra 2019/2020, continua a ser o maior exportador de soja do mundo, com 76 milhões de toneladas de soja em grãos exportadas, uma estimativa de redução de 1,62% em relação às exportações da safra 2018/2019, estimadas em 77,25 milhões de toneladas, ocasionadas pelas reduções das importações chinesas devido à PSA.

2.5. Estoque final mundial

Em relação aos estoques de passagem mundiais de soja para a safra 2019/2020, haverá uma redução de 8,46 milhões de toneladas (-7,48%) se comparados aos praticados na safra 2018/2019, ficando em torno de 104,53 milhões de toneladas.

Para a safra 2019/2020, os estoques de passagem dos Estados Unidos devem ser de 21,63 milhões de toneladas (24,28%) menor que o praticado na safra 2018/2019, mas ainda o segundo maior estoque de passagem americano. O principal motivo desta redução possivelmente se deve à produção de apenas 104 milhões de toneladas, valor muito menor que o estimado na safra 2018/2019, de 112,95 milhões de toneladas.

Tabela 6.
Estoque final mundial de soja (milhões de t)

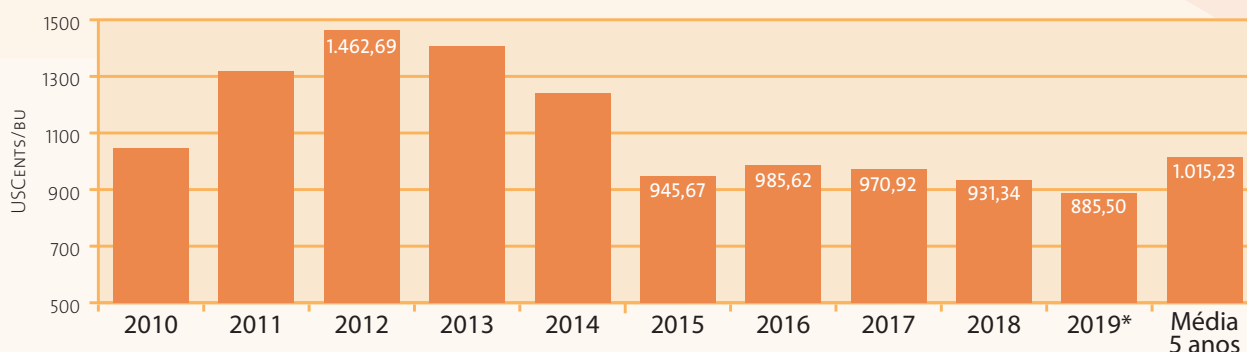
País/Safra	2018/19 (A)	2019/20 JUNHO (B)	2019/20 JULHO (C)	VARIAÇÃO (A/C)		VARIAÇÃO (B/C)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
BRASIL	26,75	27,70	27,45	0,70	2,62	-0,25	-0,90
ARGENTINA	29,45	27,20	26,20	-3,25	-11,04	-1,00	-3,68
ESTADOS UNIDOS	28,56	28,45	21,63	-6,93	-24,28	-6,82	-23,98
CHINA	21,20	21,37	21,37	0,17	0,83	0,00	0,00
OUTROS	5,57	6,50	6,44	0,86	15,50	-0,06	-0,88
TOTAL	112,98	112,66	104,53	-8,46	-7,48	-8,13	-7,22

Fonte: Usda/jul.2019.

2.6. Preços internacionais

Após o início da guerra comercial entre Estados Unidos e China, em abril de 2018, os preços da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) tiveram uma forte queda. Nos sete primeiros meses de 2019, foram cotados, em média, no valor de US\$ 885,50/bu – menor valor médio dos últimos 11 anos.

Gráfico 1.
Média dos Preços Internacionais (CBOT) 2010-2019

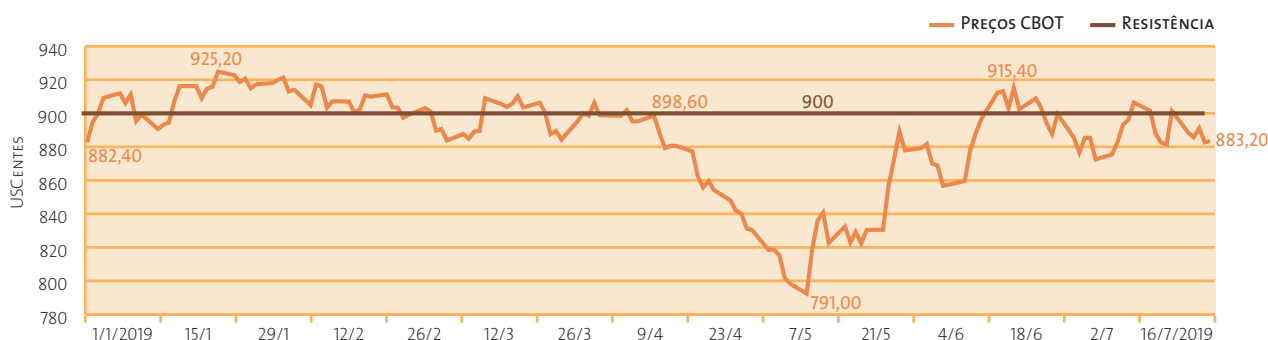


Legenda: (*) Média dos preços CBOT jan/jul de 2019
Fonte: CME Group

Outro fator baixista dos preços em 2019 são as baixas importações Chinesas (demanda) de soja em grãos para produção de farelo, já que a PSA tem reduzido drasticamente o rebanho suíno chinês.

Apesar da redução de área plantada nos Estados Unidos prevista pelo Usda para a safra 2019/2020 e consequente estimativa de forte redução de safra deste país, os preços de soja no mercado internacional não estão encontrando motivos para se manterem acima de UScents 900/bu.

Gráfico 2.
Preços Diários da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) em 2019



Fonte: CME Group

Até setembro, o clima e a produtividade norte-americana devem ser um fator de grande relevância nos preços internacionais. Caso haja algum problema climático, existe a tendência de leve subida dos preços ou sua manutenção no valor médio atual.

Todavia, o fator de maior relevância nos preços internacionais em 2019 e principalmente em 2020 é a guerra comercial entre Estados Unidos e China. Dificilmente este imbróglio será resolvido a curto prazo, pois não é só a soja que sofre sanções econômicas, existem outros produtos e fatores político-econômicos de muito maior relevância e que até o momento não parece ter resolução a curto e médio prazo.

Portanto, os preços internacionais devem continuar a sofrer forte influência baixista deste fundamento, visto que, caso não ocorra uma resolução deste problema entre estas duas grandes potências econômicas mundiais, os Estados Unidos tendem a continuar com um menor volume de exportação em 2020, com forte tendência de ser menor que os 51 milhões estimados pelo Usda para a safra 2019/2020.

Cabe salientar, também, que os problemas de PSA na China ainda não foram resolvidos e, nessa sequência, as importações de soja pelos chineses não devem voltar aos patamares anteriores ao início deste problema sanitário. Assim, este fundamento de mercado deve continuar a influenciar negativamente os preços internacionais, já que a demanda sofre uma forte redução.

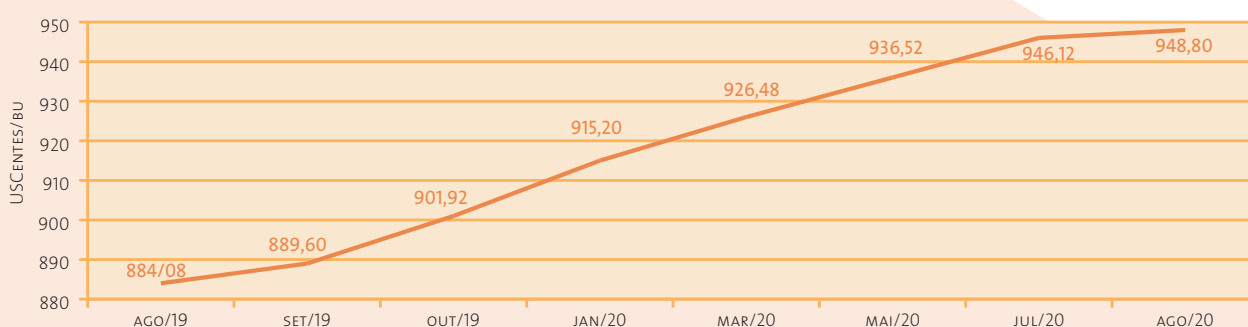
Outro fator que pode influenciar nos preços internacionais é a produção brasileira e da Argentina de soja para a safra 2019/2020, ou seja, caso algum problema climático venha a ocorrer, a tendência é de elevação das cotações.

Como foi salientado, são muito os fatores que podem influenciar as cotações internacionais: guerra comercial, valor da safra americana (clima), exportações americanas, peste suína asiática, safra brasileira e da Argentina.

Difícilmente os preços CBOT alcançarão o valor de US\$ 10/bu em 2020, lembrando que até o momento os preços internacionais têm encontrado dificuldade em se manter acima de US\$ 9/bu. Portanto, a tendência é: se houver continuidade dessa guerra comercial, e não se vislumbrando nenhuma modificação significativa de produção, exportação e esmagamento para reduzir os altos estoques americanos, os preços possivelmente continuarão a girar perto do US\$ 9/bu. E caso haja alguma mudança deste fundamento, não ultrapassará os US\$ 9,50/bu, como tem acontecido nos últimos meses.

Para o primeiro semestre de 2020, a Bolsa de Chicago (CBOT) estima um aumento dos preços no mercado futuro com valores girando entre US\$ 9,15/bu e US\$ 9,46/bu, levando em consideração os fundamentos de mercado já descritos, principalmente a guerra comercial.

Gráfico 3.
Soja - preços internacionais médios mensais (futuro)



Fonte: CME GROUP/CBOT

3. Mercado nacional

3.1. Safra brasileira de soja em grãos

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu relatório de safras do mês de agosto de 2019, para a safra 2018/2019 o Brasil produziu 115,07 milhões de toneladas de soja em grãos, valor 3,5% menor que os 119,28 milhões de soja em grãos produzidos na safra 2018/2017. Esta queda foi provocada pelos problemas de seca ocorridos em dezembro de 2018 e janeiro de 2019, principalmente nos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas gerais, São Paulo e Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), que reduziram a produtividade nacional em 5,5%.

Os principais estados produtores da safra 2017/18 são: Mato Grosso, com 28,21% da produção (32,45 milhões de toneladas); Rio Grande do Sul, com 16,67% (19,19 milhões de toneladas); Paraná, com 14,12% da produção (16,25 milhões de toneladas); e Goiás, com 9,94% (11,43 milhões de toneladas). O Matopiba teve a produção estimada em 14,94 milhões de toneladas.

Tabela 7.
Soja - comparativo de área, produtividade e produção - Safras 2016/2017 e 2017/2018

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 17/18 (A)	SAFRA 18/19 (B)	VAR. % (B/A)	SAFRA 17/18 (A)	SAFRA 18/19 (B)	VAR. % (D/C)	SAFRA 17/18 (A)	SAFRA 18/19 (B)	VAR. % (F/E)
NORTE	1.931,7	1.980,4	2,5	3.056	2.992	(2,1)	5.904,2	5.964,9	1,0
RR	38,2	40,0	4,7	3.077	3.073	(0,1)	117,5	122,9	4,6
RO	333,7	333,7	-	3.282	3.282	-	1.095,2	1.109,2	1,3
AC	0,5	1,5	200,0	2.938	2.940	0,1	1,5	4,4	193,3
AM	1,5	2,2	47,0	2.250	2.400	6,7	3,4	5,3	55,9
AP	20,2	20,5	1,4	2.884	3.630	25,9	58,3	74,4	27,6
PA	549,6	562,8	2,4	2.785	3.042	9,2	1.530,6	1.712,0	11,9
TO	988,1	1.019,7	3,2	3.135	2.855	(8,9)	3.097,7	2.936,7	(5,2)
NORDESTE	3.263,5	3.332,7	2,1	3.631	3.163	(12,9)	11.850,7	10.555,9	(10,9)
MA	951,5	992,1	4,3	3.125	2.926	(6,4)	2.973,4	2.917,7	(1,9)
PI	710,5	758,1	6,7	3.573	3.063	(14,3)	2.538,6	2.322,1	(8,5)
AL	2,2	2,4	9,0	2.500	2.910	16,4	5,5	7,0	27,3
BA	1.599,3	1.580,1	(1,2)	3.960	3.360	(15,2)	6.333,2	5.309,1	(16,2)
CENTRO-OESTE	15.648,8	16.102,8	2,9	3.447	3.269	(5,2)	53.945,4	52.637,5	(2,4)
MT	9.518,6	9.699,5	1,9	3.394	3.346	(1,4)	32.306,1	32.454,5	0,5
MS	2.672,0	2.853,7	6,8	3.593	2.980	(17,1)	9.600,5	8.504,0	(11,4)
GO	3.386,7	3.476,4	2,7	3.480	3.290	(5,5)	11.785,7	11.437,4	(3,0)
DF	71,5	73,2	2,4	3.540	3.300	(6,8)	253,1	241,6	(4,5)
SUDESTE	2.470,1	2.571,1	4,1	3.625	3.147	(13,2)	8.955,0	8.091,8	(9,6)
MG	1.508,5	1.574,9	4,4	3.676	3.222	(12,4)	5.545,2	5.074,3	(8,5)
SP	961,6	996,2	3,6	3.546	3.029	(14,6)	3.409,8	3.017,5	(11,5)
SUL	11.835,1	11.879,6	0,4	3.264	3.184	(2,4)	38.626,7	37.822,4	(2,1)
PR	5.464,8	5.437,5	(0,5)	3.508	2.989	(14,8)	19.170,5	16.252,7	(15,2)
SC	678,2	664,6	(2,0)	3.400	3.585	5,4	2.305,9	2.382,6	3,3
RS	5.692,1	5.777,5	1,5	3.013	3.321	10,2	17.150,3	19.187,1	11,9
NORTE/NORDESTE	5.195,2	5.313,1	2,3	3.417	3.099	(9,3)	17.754,9	16.520,8	(7,0)
CENTRO-SUL	29.954,0	30.553,5	2,0	3.389	3.226	(4,8)	101.527,1	98.551,7	(2,9)
BRASIL	35.149,2	35.866,6	2,0	3.394	3.207	(5,5)	119.282,0	115.072,5	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

3.2. Consumo total brasileiro de soja em grãos

O consumo total estimado de soja em grãos para a safra 2018/2019, publicado no mês de agosto de 2019 pela Conab, é de 45,20 milhões de toneladas, com um aumento de 6,04% se comparado à safra 2017/2018, considerando o consumo de farelo de soja para consumo animal, óleo de soja para consumo humano e, principalmente, o uso de óleo para a produção de biodiesel.

Segundo estimativas da Conab, o consumo de carnes para 2020 deverá crescer, já que um cenário bastante favorável de oportunidades se desenha para o mercado externo com a epidemia de PSA no sudeste asiático. A China, como maior consumidor de carne suína do mundo, não encontrará, de imediato, produto disponível para importação compatível com sua demanda. Assim, deverá complementar seu suprimento com outras proteínas animais, principalmente de frango e bovina.

Além disso, é esperado para 2020 um novo aumento do percentual de biodiesel, no diesel, passando de 11% (B11) para 12% (B12), o que impactaria em um aumento médio de 11,3%, conforme variação média acumulada entre os anos de 2018 e 2019, divulgada pela ANP.

No últimos cinco anos, a produção de biodiesel tem aumentado, em média, 12,6%. Por este motivo, a estimativa é de que os esmagamentos tenham um crescimento que passaria dos 43,2 milhões de toneladas em 2019 para 46,1 milhões de toneladas em 2020, com o consumo total no valor próximo de 49 milhões de toneladas.

3.3. Exportação brasileira de soja em grãos

Segundo a Secex, o Brasil exportou em torno de 45,34 milhões de toneladas de grãos de janeiro a junho de 2019, valor 2% menor que no mesmo período de 2018 e 3% maior que no mesmo período de 2017. Para o segundo semestre de 2019, as exportações brasileiras devem enfraquecer e ficar bem menor que as praticadas no segundo semestre de 2018.

Desta forma, as exportações para 2019 devem girar próximas de 70 milhões de toneladas, valor muito menor que em 2018, quando foram embarcadas 83,25 milhões de toneladas diante da forte pressão das importações chinesas, motivadas pela sua guerra comercial com os Estados Unidos.

Usando dados estatísticos nos valores de exportações das safras 2017/2016 a 2018/2019, e caso continue a guerra comercial sino-americana, além dos problemas de ocorrência de peste suína africana na China, o Brasil deverá exportar algo próximo de 72 milhões de toneladas.

Caso a guerra comercial tenha fim e os Estados Unidos, com seus altos estoques de soja, entrem de novo no mercado exportador para a China, as exportações brasileiras tendem a reduzir e podem ficar menores que em 2019.

Tabela 8.
Soja grão - exportação

SAFRAS	TOTAL PRODUZIDO NO BRASIL	TOTAL IMPORTAÇÃO CHINA	TOTAL EXPORTADO BRASIL	EXPORTADA PARA CHINA BRASIL
2019/2020*	122.130,00	87.000,00	72.000,00	-
2018/2019	115.072,00	85.000,00	70.000,00	38.983,48
2017/2018	95.434,60	94.100,00	83.257,80	68.556,62
2016/2017	114.075,00	93.500,00	68.154,60	53.796,98

Legenda: (*) estimativa
Fonte: Conab / Usda / Secex

3.4. Preços nacionais

Os preços no mercado nacional de soja em grãos são afetados por vários fatores, tais como fretes, impostos, despesas administrativas e quebras técnicas que interferem diretamente nos preços internos. No entanto, segundo estudos, os fatores que mais afetam os preços nacionais são as variações do dólar, prêmio de porto e, principalmente, os preços internacionais.

Como já explicado anteriormente, os preços internacionais na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) em 2019 tiveram fortes variações, motivadas, sobretudo, pela guerra comercial entre Estados Unidos e China.

As cotações CBOT começaram o ano variando entre UScents 880/bu e 925/bu, após a declaração do presidente americano Donald Trump, de que os Estados Unidos iriam taxar mais produtos exportados para a China. Dando mais combustível para essa guerra comercial entre esses dois países, os preços internacionais baixaram e chegaram a ser cotados ao valor de UScents 791/bu.

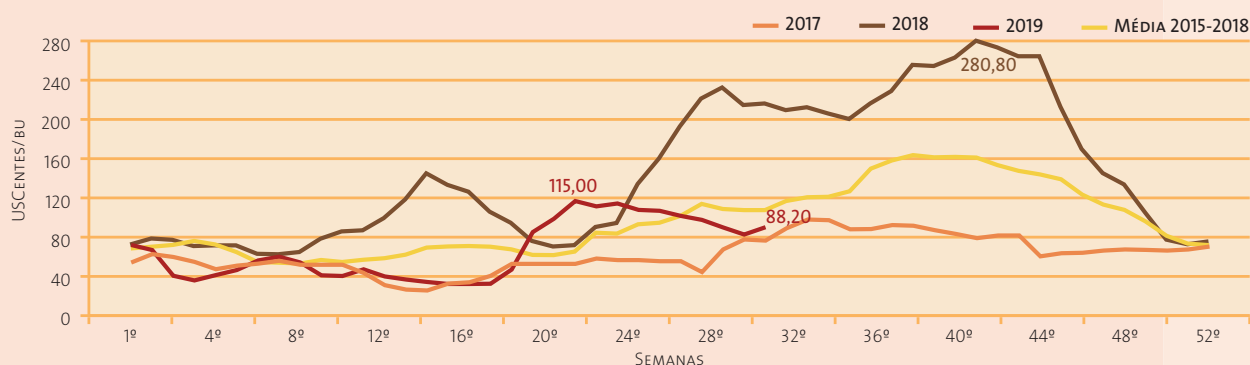
Todavia, com os problemas climáticos ocorridos na época de plantio e com a estimativa de redução de safra nos Estados Unidos, as cotações internacionais subiram e voltaram a girar em torno de US\$ 900/bu. Assim deve continuar no segundo semestre de 2019 e em 2020 caso não haja nenhuma mudança de fundamentos atuais de guerra comercial, valor da safra americana (clima), exportações americanas, PSA, safras brasileira e da Argentina, além de outros fatos, como baixa e altas dos preços das outras commodities.

Os prêmios de portos começaram o ano (jan a mai/19) variando, em média, no valor de UScents 40/bu, bem abaixo da média dos últimos quatro anos de UScents 62/bu. Com o reacendimento da guerra comercial entre Estados Unidos e China, as cotações de prêmios de portos voltaram a subir e chegaram ao valor de UScents 115/bu, isto é, bem acima da média dos últimos quatro anos e do praticado em 2018.

No entanto, com os problemas de PSA na China, as importações chinesas começaram a desacelerar, e os prêmios de porto baixaram, voltando às cotações mais baixas que a média. É bem provável que os prêmios de portos voltem a subir um pouco no segundo semestre de 2019, todavia devendo ficar no máximo perto da média dos últimos quatro anos.

Para 2020, caso não ocorra nenhuma mudança significativa dos fundamentos de mercado atual, os prêmios também devem girar em torno da média dos últimos quatro anos, variando entre UScents 51/bu e UScents 160/bu, no máximo.

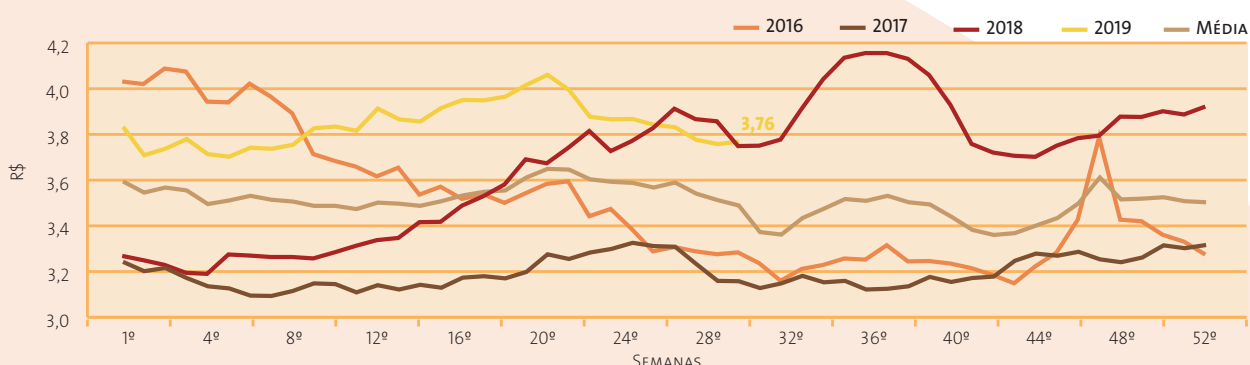
Gráfico 4.
Preços de Prêmio de Porto (Paranaguá - PR)



Fonte: FCStone

O dólar teve pouca variação em 2019. Começou o ano com uma média semanal no valor de R\$ 3,83, chegou a baixar ao valor médio semanal de R\$ 3,70 em fevereiro de 2019, motivado pelo avanço da proposta de reforma da previdência social brasileira. A partir de março, o dólar manteve-se cotado acima de R\$ 3,80. No final de maio de 2019, alcançou valores acima de R\$ 4,00, sendo o maior valor nominal dos últimos quatro anos, empurrado por problemas políticos e um possível retrocesso na reforma da previdência. Em julho, a cotação do dólar volta fechando o mês no valor abaixo de R\$ 3,80. Há grandes possibilidades de que o dólar volte a baixar caso haja aprovação na Câmara e Senado brasileiros da reforma da previdência e previsão de redução dos juros bancários americano. Porém, para 2020, segundo o Boletim Focos, a estimativa é de que o dólar volte a girar em torno de R\$ 3,80 e R\$ 3,75.

Gráfico 5.
Cotação Semanal do Dólar



Fonte: Bacen

3.5. Preços e rentabilidade para safra 2019/2020

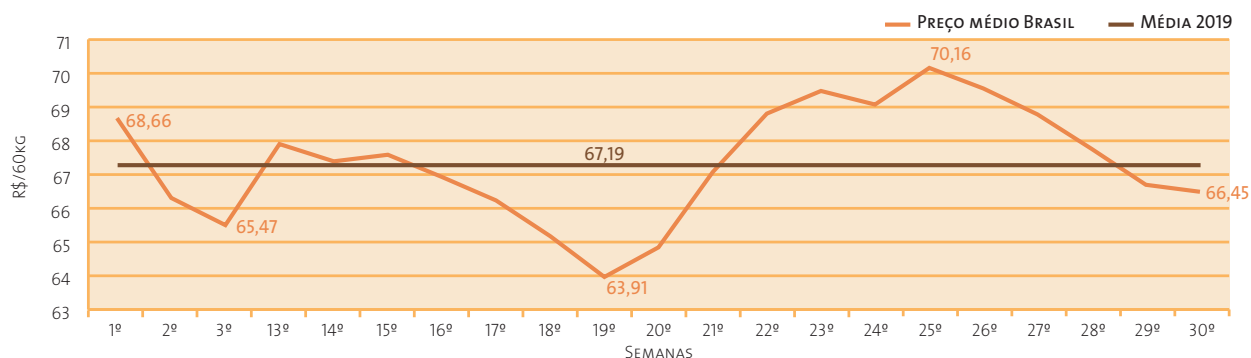
Em 2019, os preços internos acompanharam a grande oscilação dos preços internacionais, dólar e prêmio de porto. Os preços no mercado nacional, que começaram o ano no valor médio de R\$ 68,66/60kg, baixaram para R\$ 65,88/60kg, motivados pela baixa do dólar, voltando a subir e chegando ao valor de R\$ 67,88/60kg. Todavia, a variação foi muito pequena, já que os preços internacionais quase não variaram no início do ano.

Logo após a declaração do presidente americano Donald Trump de que os Estados Unidos iriam taxar mais produtos exportados para a China, os preços internacionais baixaram e chegaram a ser cotados ao valor de R\$ 63,91/60kg, ou seja, o menor valor médio do ano, estimulado principalmente pela forte baixa dos preços internacionais.

Os preços nacionais voltaram a subir e alcançaram o valor de R\$70,16/60kg no final do mês de junho, animados pela alta dos preços internacionais do dólar e do prêmio de porto. Entretanto, em julho, voltaram a baixar, fechando o mês no valor médio de R\$ 66,45/60kg, face a baixa nos preços internacionais do dólar e prêmio de porto.

Seguindo a lógica dos preços internacionais, os preços nacionais estão variando muito perto da média do ano, de R\$ 67,19, e devem continuar sem muitas variações no segundo semestre de 2019.

Gráfico 6.
Média de Preços Pagos ao Agricultor no Brasil - 2019



Fonte: Siagro / Conab

O custo variável de produção em março de 2019 foi 14,77% maior que o praticado em março 2018, com os valores estimados em R\$ 43,28/60kg e R\$ 37,71/60kg, respectivamente.

Como a maioria dos produtos, essencialmente fertilizantes e defensivos, está cotada em dólar, o principal motivo da alta dos custos de produção em 2018/2019 foi a moeda americana, que em maio de 2018 era cotada, em média, a R\$ 3,28 e, em março de 2019, a R\$ 3,84.

Tabela 9.
Rentabilidade de soja 2018/2019

Produtividade média (kg/ha)	3100	3100	%
	2018/2019	2019/2020	
	R\$/60KG	R\$/60KG	
A - RECEITA BRUTA (1)	65,93	67,48	2,35%
B - DESPESAS: (2)			
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	31,63	35,50	12,26%
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	37,71	43,28	14,77%
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	44,34	48,92	10,32%
A) - MARGEM BRUTA - DC (A - B1)	34,30	31,97	-6,78%
B) - MARGEM BRUTA - CV (A - B2)	27,42	24,19	-11,75%
C) - MARGEM LÍQUIDA - CO (A - B3)	21,58	18,56	-14,02%
C - PREÇO MÍNIMO VIGENTE (R\$)		37,71	

Fonte: Conab.

Nota: (1) preços pago ao produtor nos meses de março de 2018 e março de 2019.

(2) custo de produção realizado em março de 2018 e março de 2019.

(3) Preços Pago ao Agricultor e Custo de Produção baseados nas médias ponderada (por área plantada) das cidades de Primavera do Leste/MT, Sorriso/MT, Barreiras/BA, Cruz Alta/RS, Campo Mourão/PR, Dourados/MS, Rio Verde/GO, Pedro Afonso/TO, Unai/MG e Balsa/MA.

3.6. Análise prospectiva para a safra nacional 2019/20

São muitos os fatores que podem influenciar os preços internacionais em 2020, tais como: a guerra comercial, valor da safra americana (clima), exportações americanas, peste suína asiática, safra brasileira e argentina, assim como outros fatores do tipo baixa e alta dos preços das outras commodities.

Difícilmente os preços CBOT voltam ao valor acima de UScents 1.000/bu, em 2020, (lembrando que, até o momento, os preços internacionais têm encontrado dificuldade em se manterem acima de UScents 900/bu), assim a tendência é de que, caso a guerra comercial continue e não ocorra nenhuma modificação significativa de produção, exportação e esmagamento.

mento para reduzir os altos estoques americanos, os preços internacionais continuam a girar entre UScents 850/bu e UScents 950/bu.

Para calcular os prováveis preços pagos ao agricultor em 2020, para os municípios de Sorriso-MT e Cascavel-PR, foram usadas as seguintes metodologias:

1- Usando a paridade de exportação com os valores de mercado internacional entre UScents 850 e UScents 950/bu.

2- O dólar para 2020 variando próximo de R\$ 3,75 e R\$ 3,80, conforme Boletim Focus.

3- Prêmio de porto no valor médio de UScents 95/bu.

4- Frete Sorriso-MT/porto Paranaguá-PR no valor de R\$ 280/t e Cascavel-PR/ porto Paranaguá-PR, no valor de R\$ 85/t.

Os preços de Sorriso-MT devem ficar entre R\$ 55,58/60kg e R\$ 67,41/60kg. Em 2019, os preços nesse município variaram entre R\$ 57,83/60kg e R\$ 67/60kg.

Para Cascavel-PR, estima-se que os preços devem variar entre R\$ 67,16/60kg e R\$ 79,41/60kg. Em 2019, os preços nesse município variaram entre R\$ 63,50/60kg e R\$ 72,50/60kg.

Assim, os preços pagos ao agricultor devem ficar na dependência primordial da flutuação cambial e de prêmio de porto. Caso o dólar tenha variação próxima de R\$ 3,80, os preços pagos ao agricultor em 2020 tendem a não ser muito diferentes dos praticados em 2019. Caso o dólar varie abaixo de R\$ 3,80, os preços pagos ao agricultor de 2020 tendem a ser menores que em 2019, isto levando em consideração a não ocorrência de um forte aumento dos prêmios de porto para 2020, assim como que os preços internacionais continuem a girar entre UScents 850/bu e UScents 950/bu, como estimado.

Tabela 10.
Expectativa de preços pago ao agricultor 2020 - Sorriso/MT

SAFRA		DÓLAR (R\$)					
		3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
CBOT (USCENTS/BU)	800	49,78	51,68	53,57	55,47	57,37	59,27
	850	53,57	55,58	57,58	59,59	61,59	63,60
	900	57,36	59,48	61,59	63,71	65,82	67,94
	950	61,16	63,38	65,60	67,83	70,05	72,27
	1.000	64,95	67,28	69,61	71,94	74,28	76,61
	1.050	68,74	71,18	73,62	76,06	78,50	80,94
	1.100	72,54	75,09	77,63	80,18	82,73	85,28
	1.150	76,33	78,99	81,64	84,30	86,96	89,61
	1.200	80,12	82,89	85,65	88,42	91,18	93,95

Fonte: Conab

Notas: 1 - Prêmio de Porto (Paranaguá-PR) - UScents 95/bu

2- Frete Sorriso-MT/Paranaguá-PR - R\$ 280/t

3- Frete Cascavel-PR/Paranaguá-PR - R\$ 85/t

Tabela 11.
Expectativa de preços pago ao agricultor 2020 - Cascavel/PR

SAFRA		DÓLAR (R\$)					
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00
CBOT (USCENTS/BU)	800	61,36	63,26	65,16	67,05	68,95	70,85
	850	65,15	67,16	69,17	71,17	73,18	75,18
	900	68,95	71,06	73,18	75,29	77,40	79,52
	950	72,74	74,96	77,19	79,41	81,63	83,85
	1.000	76,53	78,87	78,87	83,53	85,86	88,19
	1.050	80,33	82,77	85,21	87,65	90,09	92,52
	1.100	84,12	86,67	89,22	91,76	94,31	96,86
	1.150	87,91	90,57	93,23	95,88	98,54	101,19
	1.200	91,71	94,47	97,24	100,00	102,77	105,53

Fonte: Conab

Notas: 1 - Prêmio de Porto (Paranaguá-PR) - UScents 95/bu

2 - Frete Sorriso-MT/Paranaguá-PR - R\$ 280/t

3 - Frete Cascavel-PR/Paranaguá-PR - R\$ 85/t

Com a variação do dólar em 2019 tendo sido uma das maiores dos últimos quatro anos, a rentabilidade média do custo variável de soja em grãos foi estimada em 11,75% em 2019. Para 2020, a variação do percentual do custo de produção não será tão alta quanto em 2019, podendo até ter valores de custo de produção menores caso o dólar fique abaixo de R\$ 3,80.

A soja deve continuar a ser o produto de maior rentabilidade e maior liquidez do mercado, e assim, para a safra 2019/20, espera-se que os agricultores brasileiros aumentem sua área nos principais estados produtores.

Portanto, apesar de continuar num ritmo de crescimento de área semeada, a velocidade no aumento de área de soja tem se reduzido, o que também colabora por ajudar a impulsionar a produtividade média, visto que área de pastagens degradadas, que são reconvertidas para a produção de grãos, em geral apresenta produtividades menores, colaborando por reduzir a produtividade média nacional.

Foram criados vários cenários estatísticos para estimar o crescimento de área da safra 2019/2020. Entre eles, o que mais se assemelha com o que foi estimado em levantamento preliminar se resume a um aumento de área total de soja plantada próximo de 1,6%, que para 2020 pode chegar ao valor de 36,437 milhões de hectares.

Na criação de cenários para a produtividade, foi estabelecido o seguinte método estatístico: média da produtividade brasileira de soja dos últimos três anos, calculada em 3.352kg/ha.

Com este dois valores a produção brasileira de soja para 2020 pode alcançar o valor próximo de 122,13 milhões de toneladas, com exportação estimada em 72 milhões de toneladas, consumo total próximo de 49 milhões de toneladas e estoque de passagem de 2019 próximo de 2,85 milhões de toneladas.

Tabela 12.
Brasil - Balanço de oferta e demanda (mil t)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	2.670,6	95.434,6	382,1	98.487,3	41.500,0	51.581,9	5.405,4
2016/17	5.405,4	114.075,3	253,7	119.734,4	43.800,0	68.154,6	7.779,8
2017/18	7.779,8	119.281,7	187,0	127.248,5	42.600,0	83.257,8	1.390,7
2018/19	1.390,7	115.072,5	150,0	116.613,2	45.200,0	70.000,0	1.413,2
2019/20*	1.413,2	122.130,0	300,0	123.843,0	48.994,0	72.000,0	2.849,2

Legenda: (*) projeção

Fonte: Conab

Nota: estoque de passagem: 31 de dezembro

